

o mundo mágico de *Marc Chagall* o sonho e a vida  
na Casa Fiat de Cultura



**Belo Horizonte**  
Casa Fiat de Cultura  
de 4 de agosto de 2009  
a 4 de outubro de 2009

**Rio de Janeiro**  
Museu Nacional de Belas-Artes  
de 15 de outubro de 2009  
a 6 de dezembro de 2009

**“França.Br 2009”** – Ano da França no Brasil (de 21 de abril a 15 de novembro) é organizado:  
No Brasil: pelo Comissariado Geral Brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.  
Na França: pelo Comissariado Geral Francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance.

o mundo mágico de *Marc Chagall* o sonho e a vida  
na Casa Fiat de Cultura

Curadoria  
Fabio Magalhães







Em 2005, a França acolheu o Brasil, com grande prazer e imenso sucesso, um *Brésil-Brésils* múltiplo, enraizado no presente e na modernidade, sem nada perder de sua influência sobre o imaginário.

Em 2009, o Brasil abre generosamente suas portas à França. Algumas centenas de eventos estão sendo organizados por todo o país, em todas as áreas, refletindo uma sede de compreendermos, de trabalharmos, de criarmos em conjunto.

Mas qual França o Brasil vai receber? Uma França orgulhosa de sua memória, evidentemente, uma memória viva, que ela gosta de partilhar muito além de suas fronteiras. O Brasil, aliás, em sua alegre antropofagia, buscou a França ao longo de toda a sua história, assimilando-a e metamorfoseando-a a sua maneira. Desse interesse que os países têm um pelo outro resulta o desejo de reencontrar as ideias, as imagens e os sabores, para prolongar esta alegria de se conhecerem e de se surpreenderem mutuamente.

Essa ambição do Ano da França no Brasil é também a de mostrar imagens e proporcionar sensações de uma França diferente, mais contrastante e aventureira do que poderíamos imaginar. Uma França que adora provar outras culturas, explorar outros territórios. Uma França que se inquieta e se questiona, em constante mutação, ao ritmo da evolução de sua sociedade, que é tão diversa quanto a brasileira. Uma França que cria a partir de suas interrogações, contemplando o mundo.

Uma França, sobretudo, que olha para o Brasil com admiração, sabendo também o que ela ainda pode lhe oferecer. Uma França que, desde Jean de Léry até o rapper MC Solaar, passando por Blaise Cendrars e Claude Lévi-Strauss, se nutre da cultura brasileira, multiplicando assim suas reflexões e seus impulsos.

O nome deste ano é "**França.Br 2009**". A França é convidada a percorrer o Brasil e seu imaginário tão rapidamente quanto nos permitem as navegações na Internet, e assim continuar a construir uma relação forte e ativa, permitindo que franceses e brasileiros atuem em conjunto sobre o mundo.

Yves Saint-Geours  
Presidente do Commissariado Francês

Danilo Santos de Miranda  
Presidente do Commissariado Brasileiro

Anne Louyot  
Comissária Geral do Commissariado Francês

Embaixador Roberto Soares de Oliveira  
Comissário Geral do Commissariado Brasileiro





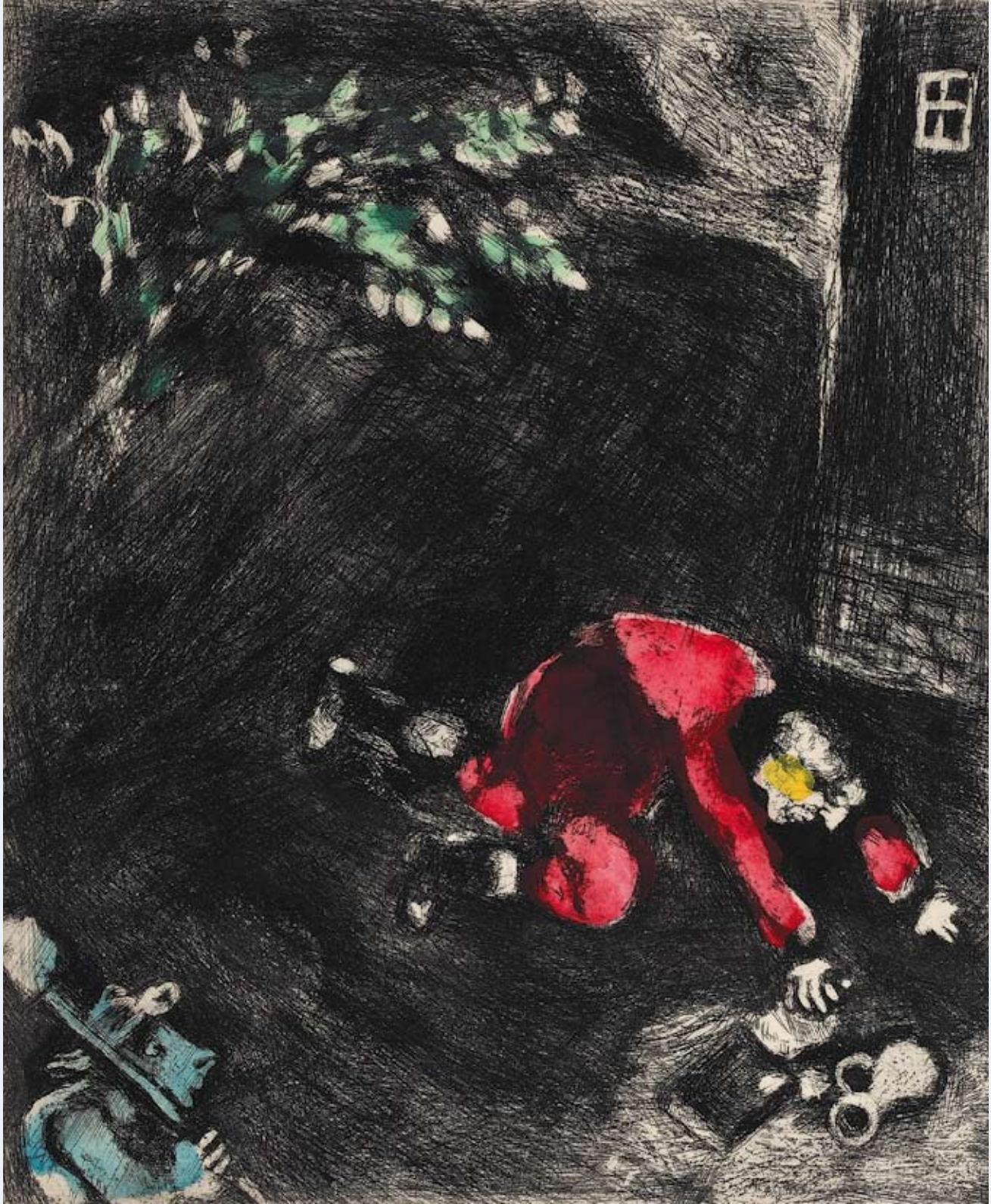
“Minha arte tinha suas raízes fincadas no solo de Vitebsk, mas, sendo árvore, ela precisava de Paris como da água, sem a qual iria secar e morrer.”

Essas palavras, ditas por Chagall na célebre entrevista concedida a James J. Sweeney e publicada em 1949 na *Partisan Review*, são úteis para se poder fruir plenamente esta bela exposição que abrigamos na Casa Fiat de Cultura.

A França de Chagall é a França que se celebra em 2009, ano a ela dedicado no Brasil: o país que acolhe, absorve e acalenta.

Nesta casa ítalo-brasileira, queremos ser assim: universais no acolhimento às várias expressões da cultura, na absorção da diversidade como único fundamento aceitável da unidade do humano, no acalantar sonhos como integrantes necessários do real.

José Eduardo de Lima Pereira  
Presidente da Casa Fiat de Cultura



É com enorme satisfação que o Museu Nacional de Belas-Artes/Ibram/MinC traz ao país a exposição O Mundo mágico de Marc Chagall – *o sonho e a vida*, como parte das comemorações do Ano da França no Brasil.

Liderar essa iniciativa, que inclui obras de acervos estrangeiros e nacionais, significa oferecer ao público uma oportunidade valiosa de conhecer mais profundamente um dos principais artistas do movimento moderno. Trata-se de uma rara oportunidade para discutirmos, ainda, as afinidades e fronteiras de sua arte e a influência na arte brasileira.

Chagall possui uma obra prolífica e versátil, de colorido vibrante, marcada pelas lembranças da infância. Seu estreito convívio com o meio artístico e literário francês da época contribuiu para a maturidade do artista e a elaboração de uma linguagem pictórica própria.

Há muito esperávamos por um estudo aprofundado de sua trajetória artística. Poucas são as publicações no Brasil que discutem sua produção. Com curadoria do crítico de arte Fabio Magalhães, que já nos proporcionou memoráveis exposições, essa mostra certamente constituirá um raro momento de apreciação.

Agradecemos a todos que tornaram possível sua realização, em especial aos gestores das instituições brasileiras e europeias que acreditaram na política cultural brasileira, cedendo obras de suas coleções para essa comemoração, e, principalmente, à Fiat, à Iveco Capital e ao Banco Itaú, por concretizarem a vinda dessas obras ao Brasil e ao Museu Nacional de Belas-Artes, juntamente, com o Ministério da Cultura e a Diretoria de Relações Internacionais/MinC.

Monica F. Braunschweiger Xexéo  
Diretora do Museu Nacional de Belas-Artes/Ibram/MinC

MINISTÉRIO DA CULTURA  
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS  
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

**MNBA**



Há mais de meio século, o Brasil não tem uma mostra dedicada à obra de Marc Chagall, apesar de sua incontestável importância. A exposição desse artista de origem russa, naturalizado francês em 1937, expoente da École de Paris e considerado um dos pintores mais célebres e emblemáticos do século 20, é uma ideia há tempos acalentada pela Base7 Projetos Culturais, cuja realização se torna realidade neste 2009, no contexto do Ano da França no Brasil.

A curadoria de O Mundo mágico de Marc Chagall – *o sonho e a vida*, a cargo de Fabio Magalhães, apresenta cerca de 300 obras do artista, algumas delas inéditas no país, entre pinturas, guaches, gravuras e esculturas. Tal mostra nos permitirá vivenciar a magia das composições de Chagall, dotadas de uma palheta surpreendente de cores, aplicada sobre os mais variados temas. O imaginário popular da Europa Oriental e os temas religiosos, mitológicos e literários compõem um panorama que permeia o real e o fantástico, o sonho e a vida.

A sensibilidade e a poética de Chagall estão presentes e podem ser apreciadas tanto em suas pinturas quanto nas séries integrais de gravuras, como *Les Âmes mortes* [As Almas mortas], *Daphnis et Chloé* [Dafne e Cloé] e *La Bible* [A Bíblia], provenientes de importantes instituições e coleções da Rússia, Itália, França, Suíça e Brasil.

A parceria com as instituições acolhedoras, Casa Fiat de Cultura e Museu Nacional de Belas-Artes, a participação da Fiat Automóveis, da Iveco Capital e do Banco Itaú, bem como o apoio do Ministério da Cultura, mostraram-se essenciais para a concretização deste projeto.

Trata-se de um grande privilégio para a Base7 Projetos Culturais conceber e organizar tão importante mostra, permitindo o contato do público com a originalidade da obra de um ícone da arte do século 20.

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram para a realização desta exposição: instituições, colecionadores e, sobretudo, seu patrocinador e apoiadores.

# Contextos russos da obra de Chagall

*Cada pintor nasceu em um determinado lugar: mesmo que, mais tarde, ele reaja a influências de novos ambientes, certa essência, certo perfume de seu país natal sempre persistirá em seu trabalho.*

Marc Chagall<sup>1</sup>

**A** despeito da originalidade incontestável de seu talento, o itinerário da afirmação criadora de Marc Chagall e de suas pesquisas artísticas não foi excepcional nem único. Outros grandes pintores do século 20 trilharam caminhos similares ao seu. Assim como muitos de seus contemporâneos célebres, Chagall deparou-se com diferentes correntes artísticas ao longo de seu desenvolvimento criador: o fauvismo, o cubismo, o expressionismo, o neoprimitivismo. Dimitri Sarabianov descreve essa situação como típica para a arte do início do século 20: trata-se do “período de aproximação de diferentes correntes, aparentemente opostas, e assim reconhecidas em confronto umas com as outras; um período de evolução em planos paralelos, entre os quais se estabeleciam linhas intermediárias de ligação”<sup>2</sup>. Cada artista tendia a inventar as próprias “receitas criadoras”, a criar a própria unidade de estilo.

Aficionado por inovações, Chagall não se uniu a nenhum dos sistemas estéticos existentes. Sua relação com a arte moderna era bastante contraditória: o artista jamais se fixou em qualquer uma das tendências; evoluía entre diferentes estilos, sempre incorporando suas conquistas e descobertas. Seguindo o exemplo de Chagall, outros grandes artistas que hoje fazem parte da história do modernismo são notáveis pelo fato de suas pesquisas não os terem levado a um impasse eclético, e sim incitado a elaborar uma plataforma criadora que une a arte e a própria vida. A vida de cada um deles foi inserida em sua arte, como um componente mitológico integrante. Cada um desses artistas criou seu mito pessoal. Distanciando-se da tradição acadêmica, lançaram-se em busca de novas fontes de inspiração, agindo sempre de acordo com suas ideias e seus princípios. Mesmo nesse sentido, Chagall não foi exceção. Que fontes o haviam seduzido?

Por mais surpreendente que possa parecer, em meio à enorme quantidade de estudos de críticos de arte e de ensaios consagrados a Chagall, as “influências russas” são pouco analisadas, se comparadas a muitas outras influências. É claro que há razões para isso.

<sup>1</sup> CHAGALL, Marc. *Un Ange au Dessus des Toits*. Moscou, 1989, p. 126.

<sup>2</sup> SARABIANOV, Dmitri. “Quête et Recouvrement du Héros”, in: KAMENSKI, A. *Marc Chagall: Un Artiste Venu de la Russie* (doravante Kamenski). Moscou, 2005, p. 11.



MIKHAIL VROUBEL

O Profeta

1898

Acervo The State Tretyakov Gallery

Moscou | Rússia

Em primeiro lugar, depois que Chagall deixou a Rússia soviética, o estudo de sua obra foi proibido durante muito tempo em seu país natal. O pintor não se distanciou apenas de sua pátria: por vários anos, a crítica de arte na Rússia isolou-se do artista, que, além de ter sido incluído na “lista negra”, revelava uma maneira criadora que não correspondia às aspirações “nobres” do poder soviético. Um professor da Universidade de Moscou escreveu: “Nos anos do pós-guerra, ninguém se lembrava desse artista [Chagall]. Nos pontos ‘extremos’ da escala do que era autorizado na arte [russa] do começo do século 20, estavam o período final da obra de Serov e a obra de Vrubel... [...] Com relação à arte de vanguarda, [...] todos os nomes foram banidos. [...] A situação da arte ocidental dos tempos modernos não era muito melhor”<sup>3</sup>.

Esse cenário só alterou-se radicalmente no governo de Gorbatchev<sup>4</sup>: em 1987, uma grande exposição da

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> Uma breve visita de Chagall à Rússia, em 1973, viabilizada por Yekaterina Furtseva, pode ser considerada um movimento fantástico, comparável aos temas dos quadros do artista. A repercussão na imprensa, gerada na ocasião dessa visita, foi submetida à censura habitual da época.

obra de Chagall foi organizada no Museu Nacional de Belas-Artes. A exposição atraiu visitantes de todo o país, que pernoitavam na fila para conseguir ingressar. Algumas publicações consagradas à obra do artista reapareceram, depois de mais de 60 anos de silêncio, e tornaram-se imediatamente raridades bibliográficas.

No entanto, embora sua pátria tenha lhe dado às costas durante muitos anos, Chagall jamais a esquecera. Jacob Tugendhold, um dos primeiros críticos de arte na Rússia a reconhecer o imenso talento de Chagall, já em 1915 notava o vínculo umbilical com sua terra natal: “Chagall sente [...] com uma precisão extraordinária a mística quase imperceptível, porém assustadora, do cotidiano russo. Assim são as imagens de Vitebsk – uma província sonolenta e acinzentada, com um salão de cabeleireiro pobre, as casas de boneca, um encontro de amantes desajeitados sob uma claridade terna da lua e um gari, fantasma empoeirado de uma rua do interior. Ao selecionar um aspecto rudimentar e pobre da vida, Chagall cria sua lenda dourada. A poeira do gari torna-se prateada, a mulher que passa as roupas recebe as cores de uma nobreza refinada de Diego Velázquez, assim como o velho judeu, cuja natureza solene é expressa por

uma associação de preto-e-branco. [...] É possível que, desse lugarejo perdido, virgem e inocente, jorre a tão esperada luz sobre nossa arte da capital, que festeja em plena epidemia de peste; é de lá que virão as novas forças...”<sup>5</sup>.

Em 1929, foi Chagall quem escreveu, por ocasião do falecimento de seu amigo Tugendhold: “Eu enviarei essas linhas a meu país natal. (Onde encontrar forças para superar o sentido dessa palavra?) Jac Al [Jacob Alexandrovitch] [...] jaz em um campo, sob meu amado céu russo [...], e ele jaz na terra que é tão próxima de mim quanto o próprio sangue...”<sup>6</sup>

“A pequena gota de meu sangue” (*krovinotchka*) – é com essa palavra doce que muitas mães russas (ou mesmo outros membros da família), principalmente nas camadas populares, se dirigem a uma criança pequena. E, a despeito do bom senso, Chagall desejava profundamente continuar sendo essa “pequena gota de sangue” para seu país natal. Desde bem jovem, tinha uma percepção muito precisa dessa relação. “Vitebsk é uma cidade comum e tediosa; eu me sinto próximo a ela porque foi lá que nasci”, escreveu a um amigo<sup>7</sup>. Após muitas décadas, *Le Fils prodigue* [O Filho pródigo] de Chagall retornou à Rússia, a essa cidade de interior tão cara ao artista<sup>8</sup>.

Apesar de ter rejeitado o pintor, esse país permanece como um dos mais poderosos catalisadores de sua obra.

<sup>5</sup> TUGENDHOLD, J.A. “Le Nouveau Talent”, in: *Le Bulletin Russe*, 29 de março de 1915.

<sup>6</sup> KAMENSKI, p. 265.

<sup>7</sup> KHOLODOVA, Irina. “Marc Chagall: Lettres à un Ami [A.G. Romm] – 1910-1915”, in: *Recueil de Chagall*, fascículo 2. Vitebsk, Edições do Museu de Marc Chagall, 2004, p. 95.

<sup>8</sup> Marc Chagall, *Le Fils prodigue*, 1975-1976, óleo sobre tela, 162 x 122 cm.

Diferentemente de muitos artistas que também deixaram a Rússia, Chagall não se esforçava por esquecer, por apagar de sua memória a imagem da pátria; ao contrário, ao enfatizar sua nostalgia, retornava continuamente a visões inalteradas e amadas, sem classificá-las em sua alma como judaicas, bielo-russas ou russas. Essas imagens eram inerentes à natureza de Chagall, que foi impregnado com a cultura judaica pelo leite materno, e colheu a cultura russa<sup>9</sup> de seu entorno e de suas relações de amizade.

Sua intuição reunia, aliava, transformava em obras de arte o que ele via, sentia e refletia como sendo realidade. Uma ligação indestrutível e inabalável com seu local de nascimento: é provável que seja esse o contexto russo essencial e principal da obra de Chagall.

É evidente que esse contexto pode ser subdividido em inúmeros componentes: certos elementos russos da obra de Chagall são mais evidentes e foram estudados em maior profundidade; diversas publicações dedicaram-se aos contextos judaico, iídiche, étnico e cultural<sup>10</sup>, assim como ao contexto do desenvolvimento da vanguarda russa do período revolucionário. Não entraremos aqui na análise das tradições do *shtetl* e da vida cotidiana no interior nem na definição da noção do sentido da vida para a sociedade russa que aspirava à liberdade e a mudanças, muito menos na essência do comunismo russo.

A proposta aqui é analisar os pontos de contato de Chagall com a cultura pictorial russa, que engloba o imaginário convencional do ícone russo, o *loubok*

<sup>9</sup> Antes de 1924, a Bielo-Rússia fazia parte da Rússia. Por isso, Chagall não dividia sua pátria em Rússia e Bielo-Rússia.

<sup>10</sup> Cf. HARSHAV, Benjamin. *Marc Chagall: the Lost Jewish World*. Nova York: Rizzoli, 2006, p. 248.



MARC CHAGALL  
**Abraão pronto a  
sacrificar seu filho**  
1931  
guache sobre papel  
62 x 48,5 cm  
Coleção Musée  
National Marc Chagall  
Nice | França



popular e a “escola” de Alexandre Ivanov, a “literaridade” particular dos temas dos ambulantes e as “paisagens melancólicas” de Levitan, a maestria brilhante de Serov e o simbolismo de Mikhaïl Vroubel, o neoprimitivismo de Larionov e de Goncharova e o grotesco dos artistas da associação Mir Iskousstva (O Mundo da Arte). Examinemos agora cada um desses contextos isoladamente.

Em 1973, ao chegar para uma única e breve visita à Rússia, Chagall rendeu-se totalmente à Tretyakov Gallery (Galeria Tretyakov). Uma testemunha descreveu a passagem do artista pela sala dos ícones<sup>11</sup>. Chagall exclamou: “Essa é a arte verdadeira! O ícone é o melhor que foi criado na Rússia...”. Sobre Roublev, ele falava de magia e perguntava: “E o que dizem os estrangeiros? Eles gostam muito, certo? Estou pronto para ficar com vocês. Eu vou simplesmente copiar tudo. É como música... E que imagens!”. Porém, na realidade, a influência dos ícones sobre Chagall nunca foi formal. Em suas obras, ele não copiava o ícone e sim o admirava. Sua integridade substancial e harmoniosa o surpreendia. Essa admiração foi expressa muito claramente em uma entrevista: “Ver o mundo como algo íntegro e indivisível, vê-lo inteiramente, todas as suas qualidades diferentes, seus inícios e seus fins – tudo isso cativa, tamanha sua pureza! Aliás, essa pureza pode ser encontrada no ícone russo. Eu o adoro e devo muito a ele. Os pintores dos ícones eram poetas, cujas cores mostravam a vida em sua integridade, o universo inteiro”<sup>12</sup>. Incontestavelmente, Chagall foi conquistado pela riqueza das cores, pela simplicidade e pela expres-

<sup>11</sup> VOLODARSKI, Vsevolod. “Journées de Chagall à Vitebsk”, 1991, in: *Recueil de Chagall*, fascículo 2. Vitebsk, Edições do Museu de Marc Chagall, 2004, p. 126 (doravante Volodarski).

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 131.

sividade, mas também, de acordo com A. Kamenski, “pela total ausência de restrições na expressão”<sup>13</sup> da pintura da Rússia antiga. Chagall vê nessa característica uma das fontes de seu estilo – ou, indo ainda mais longe, de sua iconografia. Mas é provável que, para Chagall, o mais importante seja justamente o que não está na superfície, pois o ícone é, em primeiro lugar, uma mensagem expressa graças a uma imagem poética. Para ele, um artista é o messias. Tudo que acontece no mundo tem uma relação com ele. Ele pode falar de tudo em sua arte, e os que creem nele encontrarão em sua arte a verdade e a profecia...

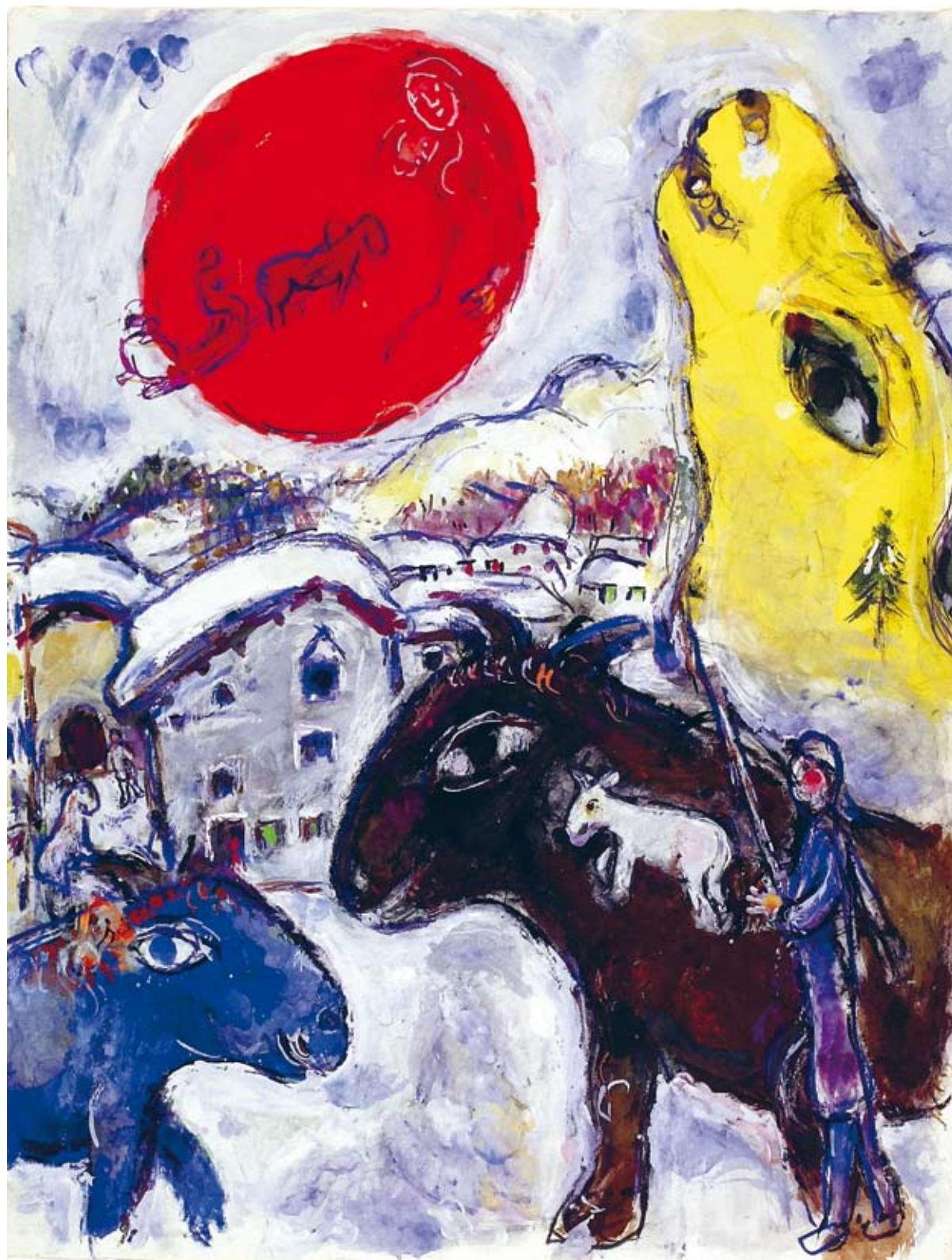
Uma percepção complexa, polifônica, do ícone era característica de diversos artistas russos, que a haviam descoberto no início do século 20.

Em 1911 e 1913, foram realizadas as primeiras exposições dos ícones, entre eles aqueles libertados das camadas seculares de fuligem das velas e de pinturas ulteriores. O ícone encontra-se imediatamente entre as fontes fotoculturais “originais”, “adotivas”, tendo enriquecido e, em muitos aspectos, formado a arte russa do século 20.

<sup>13</sup> KAMENSKI, p. 39.



ALEXANDRE IVANOV  
A um sinal da mão  
de Moisés, Deus divide  
o Mar Morto  
c. 1840-1850  
Acervo The State  
Tretyakov Gallery  
Moscou | Rússia



MARC CHAGALL  
Sils Maria ou  
O Sol vermelho  
1961-1964  
guache sobre papel  
73,5 x 56,5 cm  
Coleção particular

A arte da Rússia antiga começou a ocupar uma posição diferente nas coleções dos museus e nas particulares, ao lado de obras da pintura ocidental e da pintura russa recente. "Atualmente, visto que o ícone é tido como uma das criações mais elevadas no que diz respeito às cores na pintura de todos os séculos, frequentemente ouve-se falar de sua admirável alegria de viver; por outro lado, já que é impossível negar seu ascetismo, deparamo-nos com um dos enigmas mais interessantes para os críticos de arte. Como conciliar esse ascetismo e as cores extraordinariamente vivas? Em que consiste o mistério dessa combinação de uma aflição e de uma alegria supremas?"<sup>14</sup> Citamos aqui Troubetskoï, por acreditarmos que os epítetos que ele utilizou possam ser igualmente aplicados à apreciação da obra de Chagall.

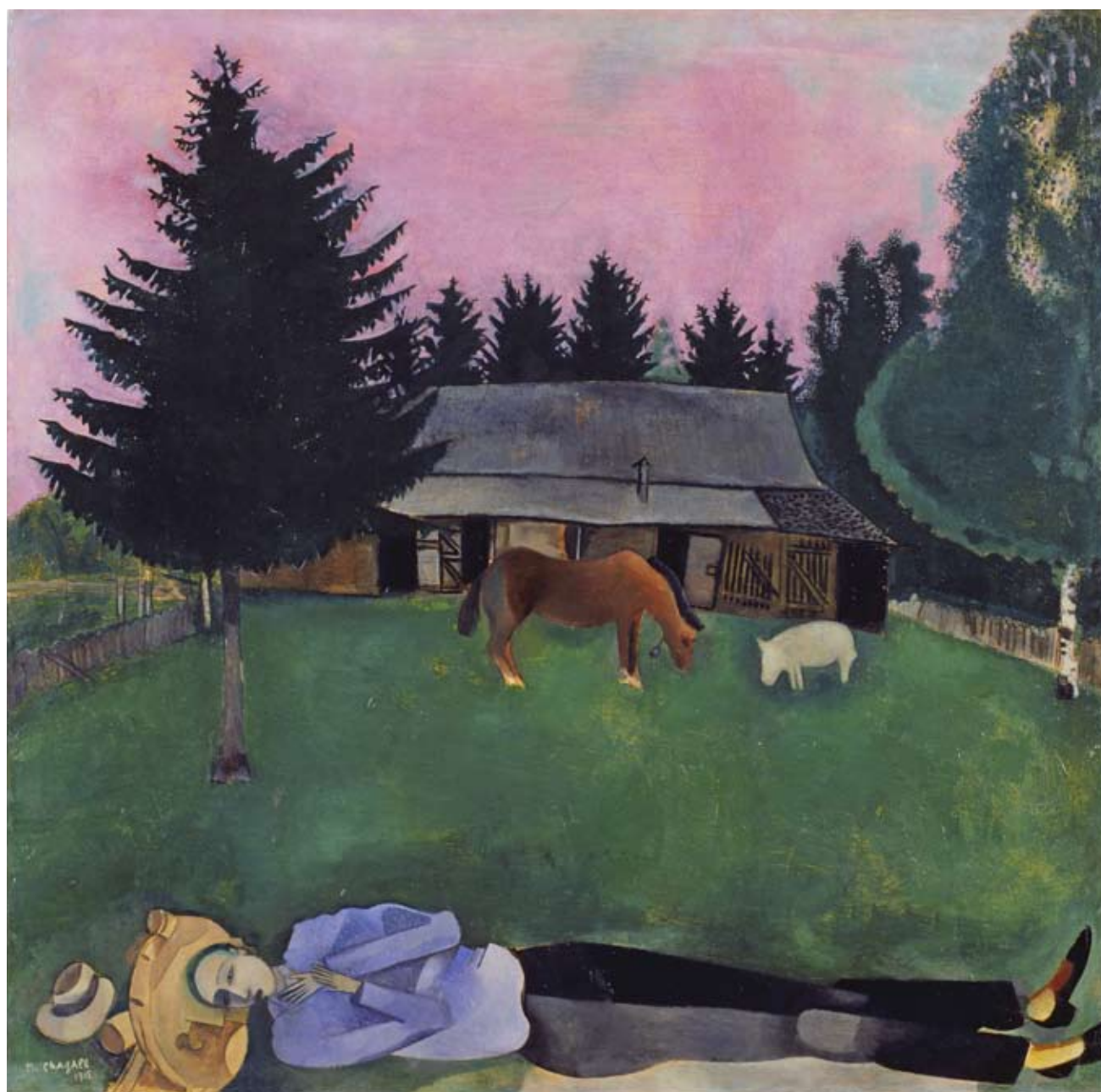
É certo que Chagall havia visto os ícones antes das exposições citadas. Ele pôde vê-los em Vitebsk, mas também no Museu Russo do Imperador Alexandre III (atual The State Russian Museum), no qual cinco salas eram reservadas à exposição de ícones e objetos religiosos antigos.

Quando foi à Rússia, em 1911, Matisse se enganou ao pensar que "os russos não têm nenhuma ideia das riquezas artísticas que possuem". Havia muitas pessoas que percebiam e compartilhavam plenamente a admiração de Matisse. "Os ícones são um dos exemplos mais interessantes da pintura primitiva... Eu não vi, em nenhum outro lugar, semelhante riqueza de cores, igual pureza e espontaneidade de expressão. É o melhor patrimônio de Moscou. Faz-se necessário vir até aqui

<sup>14</sup> TROUBETSKOÏ, E.N. "Spéculation en Couleurs: Question du Sens de la Vie dans la Peinture Religieuse de l'Acienne Russie", conferência pública. Moscou, 1916.



ARTISTA DESCONHECIDO  
A Ascensão do profeta Elias  
em uma carruagem de fogo  
século XVIII  
Acervo The State Tretyakov Gallery  
Moscou | Rússia



MARC CHAGALL  
**O Poeta deitado**  
1915  
óleo sobre tela  
77,2 x 77,5 cm  
Acervo Tate | Londres  
Inglaterra | 2009

para aprender, pois é preciso buscar a inspiração junto aos primitivos.”<sup>15</sup> E muitos vinham aprender.

É importante ressaltar o papel particular do ícone como uma das fontes do modernismo russo: os artistas nacionais não se voltaram apenas para o Japão e a África, a Polinésia ou a China, mas também, e em primeiro lugar, para a própria “pré-história”. Petrov-Vodkine, Lentoulov, Larionov, Goncharova, Malevitch, Chagall: todos têm uma relação, seja ela direta ou indireta, com a tradição dos ícones. Os jovens artistas russos, contemporâneos de Chagall, também “descobriram” o ícone por meio de um novo olhar. Cada um deles apreciou, a sua maneira, a pureza de suas cores. Kandinsky se interessava pelos ícones como se eles fossem uma experiência da forma, interpretando o transcendente. Malevitch criava estruturas “icônicas”, Petrov-Vodkine interpretava a sua maneira a plástica do ícone, Goncharova e Larionov conformavam-se com sua “ingenuidade”.

Nesse contexto, é interessante mencionar outro acontecimento: em 1913, Mikhaïl Larionov, um interiorano assim como Chagall, organizou uma exposição que apresentava ícones e *loubki*<sup>16</sup> lado a lado. Em um primeiro momento, essa associação pode parecer artificial. Porém, após maior reflexão, percebemos que a arte

<sup>15</sup> “Entretien avec Matisse”, in: *Le Bulletin Russe*, 27 de outubro de 1911.

<sup>16</sup> Eis o que escreveu Larionov no prefácio do catálogo da exposição: “Os *loubki* pintados em bandejas, tabaqueiras, vidros, madeiras, vitrais, latas (que chegaram até nós nas placas, cujos temas são incrivelmente variados), telas impressas, estêncil, couros estampados, armários com imagens sacras de estanho, grãos de vidros, bordados, *pains d'épices* decorados, *biscuits*, madeiras esculpidas, macramés, rendas etc., todos são *loubok*, na acepção mais ampla do termo, e todos são arte”. LARIONOV, M.F. (org.) Catálogo da exposição de ícones e de *loubki*. Moscou, 1913, p. 8-9.

das imagens populares a que chamamos de *loubki*<sup>17</sup> nasceu da tradição dos livros manuscritos ilustrados e, posteriormente, trilhou seu caminho, assimilando a força e a poesia da concepção do mundo do primitivo popular. E os criadores desses cromos beberam dos pintores de ícones. O *loubok* adquiriu uma sonoridade poderosa e festiva do colorido, uma tendência a cores puras e transparentes, o amor pelas gravuras, assim como procedimentos específicos para representar o sol, a vegetação, os detalhes arquitetônicos. Todos esses aspectos acompanham as pesquisas dos pintores mencionados anteriormente. Além do *loubok*, surgiu um interesse imenso pela arte popular. Trata-se da arte que se mostrava mais próxima da vida – uma vida humana simples e comum. Devido a esse interesse, assim como Chagall, Larionov e Goncharova viram-se tragados por essa onda poderosa. Enquanto Larionov se interessava mais pela realidade terrestre, a arte popular seduziu Chagall por meio da rejeição à verossimilhança naturalista e pela tendência a exprimir não a forma dos objetos, mas sim sua essência – o lado inocente e idílico de seu pensamento simbólico, o voo livre da fantasia, a admiração perante a beleza do mundo e pela arte da rua, a visão poética da natureza.

É importante ressaltar que Chagall e Larionov, dois pintores que passaram sua juventude em cidades pequenas do interior, possuíam uma percepção da arte popular inerente a suas personalidades. Para eles, assim como para muitos artistas, não se tratava de uma simples

<sup>17</sup> O termo *loubok* vem da palavra *loub* (“parte interior da casca das árvores”). Originalmente, *loubok* era a impressão de uma imagem gravada em uma tábua de madeira sobre uma folha de formato grande, junto a um breve texto explicativo. Destinado àqueles que mal sabiam ler ou que eram analfabetos, o *loubok* se distinguia pela simplicidade e acessibilidade de suas imagens e pela representação rica e colorida. Os textos eram simples, vivos e ilustrativos, frequentemente escritos em linguagem familiar.



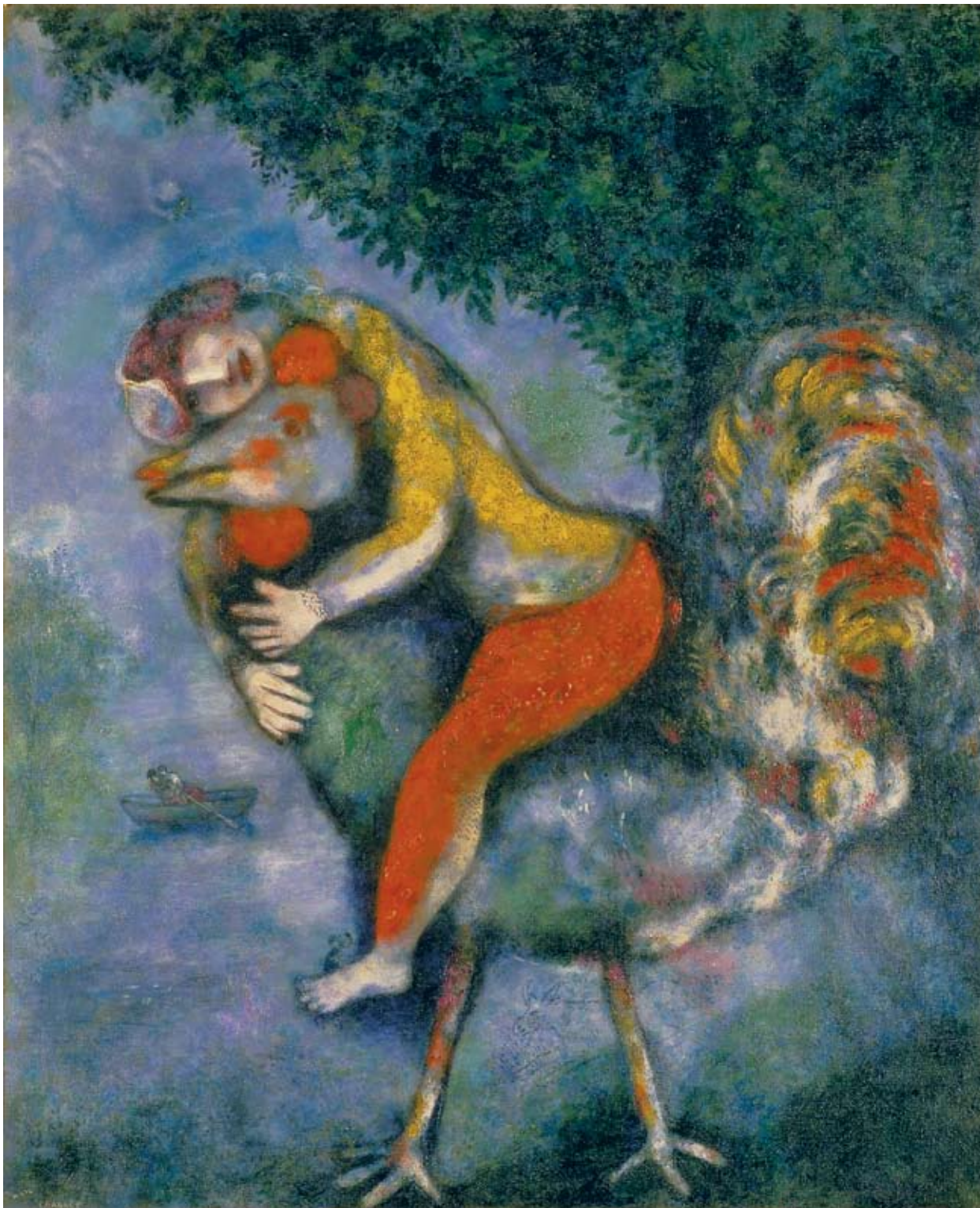
ARTISTA DESCONHECIDO  
Amazona sobre uma galinha  
segunda metade séc. XVIII

informação estética. Eles cresceram dentro dessa arte. Não tinham necessidade de imitar o primitivo, de encarná-lo – o primitivo era o ritmo da própria vida humana. Eles representavam a vida de maneira espontânea, à maneira dos pintores populares. De fato, Larionov tendia mais à brutalidade, ao lado paródico malicioso, assim como uma marionete em apresentações populares, ao passo que Chagall não dissecava o mundo, mas sim passava o tempo nele. Chagall vivia o mundo descrevendo-o como poeta.

A partir de tudo que Chagall disse e escreveu sobre si mesmo, fica evidente que, durante a juventude, aperfeiçoar sua educação artística era extremamente importante para ele. Quando estava nas capitais russas, Chagall frequentava os museus com uma curiosidade insaciável. Sabia assimilar a experiência dos outros artistas, estudando e analisando suas obras. Se para a maioria dos pintores da vanguarda a rejeição da tradição era uma necessidade natural, Chagall tinha outros critérios de seleção. Escolhia o que lhe era mais conveniente.

Voltemos à visita à Tretyakov Gallery: “De repente, [Chagall] vira-se, vê os estudos e os esboços. Ele é literalmente arrebatado. Evidentemente, todos correm para segui-lo. Ele se aproxima [...] observa em silêncio, ele é a personificação da concentração. Observa as obras, os esboços com ar muito sério e diz: ‘Magnífico! E esse também, é muito bom! E aquele! Magnífico!’, fazendo um gesto grandioso por toda a sala.”<sup>18</sup> É provável que não exista nenhum artista russo que não tenha conhecido as obras de Alexandre Ivanov, sobre quem Kramskoï disse: “Nenhum pintor fez

<sup>18</sup> VOLODARSKY, p. 130.



**MARC CHAGALL**  
**O Galo**  
1928  
óleo sobre tela  
81 x 65 cm  
Acervo Museo Thyssen-Bornemisza  
Madri | Espanha



tanto pela arte russa quanto ele!”<sup>19</sup>. É certo que Chagall também conhecia sua obra. Ivanov, assim como ele, lia com frequência e apreciava muito a Bíblia. Acreditamos que, em grande parte, como artista, Chagall tenha herdado o interesse por esse livro sagrado graças a Ivanov. Ele também podia ver seus esboços bíblicos. A comparação entre a composição e a plástica dos esboços bíblicos desses dois pintores, por vezes, produz resultados perturbadores. No entanto, Chagall não fazia cópias e sim seguia o mesmo caminho. É impressionante: exatamente como Chagall, Ivanov sonhava em construir para seus esboços bíblicos um “prédio especial”, um templo da humanidade, em que o espaço profano se prestaria às reflexões sobre a história das relações do homem com Deus. Impossível não pensar no Musée National Message Biblique Marc Chagall (Museu Nacional Mensagem Bíblica Marc Chagall) em Nice. Chagall parecia desenvolver o pensamento de Ivanov: “Pessoas jovens e pessoas não tão jovens talvez venham a essa casa em busca do ideal de fraternidade e de amor, tal como viram minhas cores e linhas”<sup>20</sup>. Eis a apreciação da obra bíblica de Ivanov por um especialista: “Em [seus] rascunhos bíblicos, pode-se perceber alusões à arte oriental, aos ícones russos, à pintura da renascença... No entanto, [...] essa abordagem não consegue explicar e recuperar a fluidez das linhas e a elaboração incrivelmente livre dos planos, assim como os acentos cromáticos sóbrios, porém necessários e suficientes, a uma fonte diferente do dom genial e profético de um criador”<sup>21</sup>. Todos esses aspectos aplicam-se, igualmente, à obra de Chagall. O que aproxima os dois artistas é a profundidade do não-dito, o caráter apaixonado das reflexões sobre os grandes mistérios, a fé no milagre.

<sup>19</sup> Kramskoi sur l'Art. Moscou, 1988, p. 90-91.

<sup>20</sup> Musée National Message Biblique Marc Chagall, Nice, catálogo das coleções, Paris, p. 9.

<sup>21</sup> GOLDOVSKI, Grigori. “Alexandre Andreievitch Ivanov: Réflexions Commémoratives”, in: *Alexandre Ivanov*. São Petersburgo, 2006.

Mikhaïl Vroubel, com seus demônios orgulhosos e heróicos, seus pressentimentos místicos, suas personagens fantásticas, parece ser o antípoda de Ivanov. No entanto, Vroubel não aparece como antípoda de Chagall, pois é dele que Chagall tira o voo e a queda; a monumentalidade cósmica dos melhores quadros de Vroubel e de Chagall é comparável. *Le Vol de Faust et de Méphistophélès* [O Voo de Fausto e Mefistófeles], *Le Démon Volant* [O Demônio voador], *Le Démon Déchu* [O Demônio fracassado], *Le Séraphin à Six Ailes* [O Serafim de seis asas], *Le Prophète* [O Profeta]: trata-se de “uma amálgama diabólica de diversos mundos, principalmente azul e violeta”, de acordo com Alexandre Blok<sup>22</sup>. No caso de Vroubel, forças sublimes sempre participam do voo: o orgulho, a solidão, o êxtase, exatamente como na *Vision* [Visão], de Chagall, que suscita associações evidentes com a pintura do maior simbolista russo. No entanto, em geral, as personagens de Chagall têm simplesmente o dom de voar: como os pássaros ou os anjos, elas gostam de se movimentar aos pares, em voo... São leves como o sonho, lançam-se aos céus como um aeróstato. Para elas, o céu e a terra são um mesmo elemento.

É absolutamente impossível que Chagall não tenha conhecido Vroubel. No início do século 20, não havia outro pintor cuja obra tivesse sido alvo de reprovações tão categóricas: a lista de artigos críticos consagrados a Vroubel poderia preencher muitas páginas. Em *Ma Vie*, Chagall escreveu que vira Vroubel em um sonho<sup>23</sup>, durante sua permanência na prisão, em São Petersburgo. No sonho de Chagall, Vroubel era seu irmão mais velho e preferido. Era muito bonito. Vroubel ia banhar-se e afogava-se no mar. E o pai deles lhe dizia que ele, Chagall, era o único pintor

<sup>22</sup> BLOK, Alexandre. *De l'État Actuel du Symbolisme Russe* (oito volumes), vol. 5. Moscou/Leningrado, 1960-1963, p. 430.

<sup>23</sup> CHAGALL, Marc. *Ma Vie*. Paris, 1931 (quarta edição, 2003), p. 121-122.



ALEXËI SAVRASOV  
**Os Corvos chegaram**  
1871  
Acervo The State Tretyakov Gallery  
Moscou| Rússia



VALENTIN SEROV  
Jovem com pêssegos  
1887  
Acervo The State Tretyakov Gallery  
Moscou | Rússia

que havia restado. Esse sonho, em que um simbolista sonha com outro, é muito eloquente. Em primeiro lugar, o sonho é testemunha de que Vroubel havia tocado a imaginação de Chagall, que ele o admirava como artista. Mas Vroubel apenas ofereceu a Chagall o voo de sua alma rebelde. N.A. Dmitrieva, que produziu a biografia de Vroubel, escreveu: “Podemos desenhar sátiros, elfos, centauros, um reino submarino: será fantástico; mas pintar uma flor, ou mesmo uma cadeira perfeitamente comum, uma cama, um tecido amassado, de maneira que esses objetos cotidianos pareçam mágicos – parece que Vroubel era o único que conseguia fazer isso”<sup>24</sup>. E podemos acrescentar: Vroubel transmitiu esse dom a Chagall. Porém, para o “cofrinho criador” de Chagall, isso não era suficiente.

Enquanto Ivanov e Vroubel, cada um dentro dos limites da própria ideologia e na própria maneira plástica, tentavam compreender o incompreensível, o talento de Chagall reuniu os céus e a vida terrena. “Ainda que não passe de uma porção de água suja, desde que haja verdade, haja poesia nela; e a poesia pode ser encontrada em qualquer lugar, é esse o negócio do artista.”<sup>25</sup> Era com essas palavras que Tretyakov defendia o quadro de Alexeï Savrassov, *Les Freux sont arrivés* [Os Corvos chegaram]. Ao ver esse quadro, enquanto percorria as salas da Tretyakov Gallery, Chagall sentiu-se enlevado: “É uma obra impressionante! Que grande artista! Eu a adoro. Foi uma revolução para a arte russa!”<sup>26</sup>. Parou diante do quadro e ali permaneceu por mais tempo do que dedicara às cinco salas anteriores. Tudo que Chagall adquiriu graças a sua viagem a Paris, Savrassov ganhou com sua estada em Londres,

<sup>24</sup> DMITRIEVA, N.A. *Vroubel*. Leningrado, 1984, p. 26.

<sup>25</sup> BOTKINA, A.P. *Pavel Mikhailovitch dans la Vie et dans l'Art*. Moscou, 1960, p. 42.

<sup>26</sup> VOLODARSKI, p. 131.

durante a *Exposição Universal* de 1862. Impressionado com o que tinha visto em Londres, Savrassov escreveu sobre esse evento: “Não há nenhuma academia no mundo que possa progredir nesse aspecto”<sup>27</sup>. Em seu resumo, ele observou as principais qualidades da escola ocidental: a ausência “de imitação lamentável, uma abertura em direção à arte verdadeira, o fato de transgredir o caráter convencional dos pontos de vista precedentes”. E escreveu a seguinte frase, que poderia ter sido expressa por Chagall: “E pensar que a natureza é tão pouco compreendida pelos paisagistas!”<sup>28</sup>.

Em seguida, essa penetração da natureza foi desenvolvida por Isaac Levitan, discípulo de Savrassov. Chagall gostava muito dos quadros de Levitan e costumava copiá-los quando jovem<sup>29</sup>. As seguintes palavras, do poeta Alexandre Blok, poderiam referir-se a um quadro de Levitan: “Que esse primeiro templo que caiu sob os olhos se torne meu templo, o único... Então, devo saber observá-lo; após escolhê-lo e acariciá-lo com o olhar, devo desenhá-lo: incompreensível para os outros, ele será representado a minha maneira, para que, mais tarde, eu possa reconhecer, no desenho, o templo e a mim mesmo: aí está a praça da esquerda, e lá está a pequena colina onde eu ficava rabiscando”<sup>30</sup>.

Na sala dedicada a Levitan, Chagall começou novamente a correr: “É a Rússia! É nossa pátria! É necessário aprender a pintar assim! É mágico!”<sup>31</sup>. Chamamos a atenção para o fato de que, nesse caso, segundo Chagall, a magia é a realidade modesta de uma paisagem russa.

<sup>27</sup> PETROV, V.A. “L'Evolution Créatrice d'A.K. Savrassov”, in: *Alexei Kondratievitch Savrassov*. Moscou, 2005, p. 23.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> CHAGALL, 1931, p. 137.

<sup>30</sup> BLOK, Alexandre. *op. cit.*, p. 23.

<sup>31</sup> VOLODARSKI, p. 131.

Em seu livro *Problèmes du Symbole et l'Art Réaliste*, A.F. Lossev escreveu: “No simbolismo e no realismo, a proporção do símbolo da realidade e da própria realidade é a mesma”; mas, “para os realistas e os simbolistas, a realidade é completamente diferente”<sup>32</sup>. De maneira mais exata, Chagall não se preocupava com o fato de viver simultaneamente em dois mundos. Não foi por acaso que dedicou sua atenção a Savrassov, Levitan e Vrubel, artistas que não professavam uma concepção rigorosamente acadêmica e que diferiam de seus contemporâneos pelas aspirações elevadas e pela extraordinária clarividência, avançando em direção ao modernismo. Valentin Serov e Vassili Sourikov evoluíam no mesmo caminho. Em 1973, nas salas dedicadas a eles, diante do quadro *La Boyarynia Morozova*, Chagall disse: “São obras magníficas! Nelas fui criado [...] Uma força enorme, desesperada... Aqui não há [...] nenhuma literatura. Aqui, o que há é uma força verdadeira e grande!”<sup>33</sup>. A questão da “literaridade” da arte russa não é novidade. Não surpreende que Chagall a retome. Em sua concepção, a “literaridade” é um termo insultante, do qual ele também fora acusado. É importante notar que Chagall muito “emprestou” de Serov, que reunia de maneira magnífica em suas melhores obras pictóricas uma técnica brilhante e um tema complexo, desenvolvido como em uma narrativa. “Tomem da natureza somente o que vocês precisam. Encontrem seu sentido”, dizia Serov a seus discípulos<sup>34</sup>. Incontestavelmente, *La Jeune fille aux pêches* [Jovem com pêssegos] chamou a atenção de Chagall. Para ele, trata-se de um modelo da narração. Uma adolescente, Vera Mamontova, em um

<sup>32</sup> LOSSEV, A.F. *Problèmes du Symbole et l'Art Réaliste*. Moscou, 1976, p. 163-164.

<sup>33</sup> VOLODARSKI, p. 131.

<sup>34</sup> OULIANOV, N.P. *Mes Rencontres*. Moscou, 1959, p. 45.



MARC CHAGALL  
**Morangos silvestres**  
1916  
óleo sobre tela  
45 x 59 cm  
Coleção particular  
Paris | França

cômodo muito claro, é representada sobre um fundo composto por uma parede e uma janela. Ela está sentada em frente a uma mesa coberta com uma toalha branca, sobre a qual há peixes, folhas tombadas pelo outono, uma faca feita de prata. O quadro faz pensar em *Fraises des bois* [Morangos silvestres], pequena tela de Chagall na qual figura Bella, a esposa do artista, sentada à mesa com uma janela ao fundo e uma criança em uma cadeira alta de bebê. Sobre a mesa, há pratos repletos de morangos silvestres, uma vasilha, um pequeno jarro. As composições dessas duas obras são quase idênticas. Além disso, ambas parecem ser improvisações pictóricas que misturam diferentes gêneros: retrato, interior, natureza-morta, paisagem. A menina e a jovem mãe encarnam a harmonia de um dia ensolarado, da pureza dos sentimentos, da beleza da vida plenamente inocente. A obra *La Fenêtre dans le jardin* [A Janela no jardim] também apresenta um ambiente semelhante. Chagall sempre se interessou pela possibilidade de uma narrativa de abordagens múltiplas. Nesse sentido, a arte dos pintores do Mir Iskousstva também despertou sua curiosidade<sup>35</sup>. É importante mencionar que ele recebeu sua educação artística (não se trata de um autodidata) na inovadora Elizaveta Zvantseva School of Art (Escola de Artes Elizaveta Zvantseva), em que lecionavam Bakst e Doboujinski, dois líderes do Mir Iskousstva<sup>36</sup>. A “literalidade” dos artistas dessa associação tinha duas características novas: era histórica (com relação à forma da narração) e grotesca (sobre a forma da imagem). No entanto, ao contrário de Chagall, tanto para os realistas quanto para os artistas de estilo convencional do

<sup>35</sup> CHAGALL, 1931, p. 147.

<sup>36</sup> Cf. BROUK, Y.V. “Chagall et l’École de Bakst”, in: *Bonjour la Patrie!* (catálogo da exposição de Chagall). Moscou, 2005, p. 64-85.

Mir Iskousstva, os temas desenvolviam-se progressivamente, de maneira linear, ao passo que, para Chagall, o tema é tecido como uma teia de aranha. Os sentidos não se revelam um após o outro: podem ser percebidos todos juntos, oferecendo a possibilidade de uma leitura extremamente complexa.

Chagall tinha um dom raro, que, no passado, havia sido descrito por seu amigo de infância Alexandre Romm: encontrar imediatamente “aquilo de que necessitava para [...] a concepção de sua obra”<sup>37</sup>. O pintor dizia que, para ele, “as informações novas, a evolução em geral” sempre tiveram grande importância<sup>38</sup>.

Durante toda a vida, Chagall expandiu sua erudição. Sempre teve interesse em observar e discutir as obras de outros artistas. Mas seu pensamento criador desenvolveu-se apoiado em solo russo. Se não levarmos isso em conta, nosso conhecimento de Chagall jamais poderá se dizer profundo.

Ekaterina L. Selezneva

Tradução a partir do texto elaborado para o catálogo da exposição *Chagall: entre ciel et terre*, Martigny, Suíça, Fondation Pierre Gianadda, 2007. Publicação autorizada pela autora.

<sup>37</sup> ROMM, A. “Marc Chagall” (publicação do texto e comentário de Y.V. Brouk), in: *Connaissance des Arts*, 2/03 (XII). Moscou, 2003, p. 606.

<sup>38</sup> CHAGALL, 1931, p. 147.



NATALIA GONCHAROVA  
Autorretrato com lírios  
1914  
Acervo The State Tretyakov Gallery  
Moscou | Rússia

# O mundo mágico de Marc Chagall

**M**arc Chagall foi um dos pioneiros da modernidade. Participou das grandes transformações que ocorreram nas artes plásticas, no início do século 20, e consagrou-se como um dos artistas mais notáveis de seu tempo. Sua arte adquiriu contornos pessoais, desde a juventude. Apesar de seu intenso convívio com as tendências que romperam com a tradição nas artes plásticas, sua expressão seguiu sempre um caminho de identidade própria, singular, independente das vanguardas artísticas da época.

A despeito de sua enorme importância para a arte moderna, foram raras as exposições de Chagall no Brasil. A primeira e única grande exposição de suas pinturas ocorreu na *4ª Bienal Internacional de São Paulo*, em 1957, na qual a representação francesa lhe dedicou uma sala especial. Foram apresentadas 25 telas, entre elas o famoso *Autoportrait avec sept doigts* [Autorretrato com sete dedos], realizado em Paris, entre 1912 e 1913. Mais tarde, em 2002, a BrasilConnects organizou em São Paulo a exposição *500 Anos de Arte Russa*, em que Chagall estava representado com cinco importantes obras, como *Le Juif rouge* [O Judeu vermelho], pintada entre 1914 e 1915, e *Promenade* [Passeio], de 1917,

ambas pertencentes ao Museu Nacional Russo de São Petersburgo. No âmbito das comemorações do Ano da França no Brasil, apresentamos um importante conjunto de pinturas, desenhos, esculturas, guaches, aquarelas e gravuras, que representam diversos períodos da longa e produtiva vida do artista.

Marc Chagall (Moshe Zakharovitch Shagal) nasceu em 6 de junho de 1887, em um bairro de judeus pobres de Vitebsk, na Bielo-Rússia – àquele tempo, pertencente ao império russo. O reinado de Alexandre III (1845-1894) introduzira políticas antissemitas, restringindo os locais onde os judeus poderiam viver e reduzindo o número de profissões que teriam licença para exercer. O imperador promulgou, ainda, outras leis que impuseram duras condições de vida aos judeus. Nesse período, recrudescceu a prática de ataques contra essas populações, o chamado “*pogrom*” – palavra que em russo significa “ataque violento a pessoas, com a destruição simultânea de suas casas, negócios e centros religiosos”. A violência antissemita prosseguiu à vitória da revolução bolchevique, com inúmeras investidas perpetradas pelo exército branco, que acusava os judeus de apoiarem os comunistas.



Foi nesse ambiente hostil e violento que Marc Chagall cresceu e iniciou sua carreira como artista. Era também um período de grandes transformações e de sonhos de mudanças radicais, o que lhe proporcionou o privilégio de participar de um ambiente “revolucionário” e de se destacar como uma das identidades mais expressivas de sua geração. Vale ressaltar que a cultura judaica na Europa Oriental se caracterizava, no fim do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, por um intenso debate intelectual entre identidades, ideologias e posturas culturais, advindo, para alguns, da tradição e, para outros, de doutrinas mais modernas, tais como o nacionalismo, o socialismo e o comunismo. Os que se esforçaram para criar outra cultura judaica e fomentaram o diálogo das tradições judaicas com os novos temas da contemporaneidade constituíram uma geração extraordinária de artistas plásticos, escritores, músicos e dramaturgos – poderíamos chamar de “época de ouro da cultura asquenaze”<sup>1</sup>. Chagall integrou a geração de judeus vanguardistas que, sem renunciar às tradições judaicas, abraçaram a modernidade e as novas ideologias.

Outro aspecto do judaísmo que merece destaque em seu período de formação artística foi o hassidismo<sup>2</sup>, praticado por sua família e do qual seu pai se mostrava fervoroso adepto. O tio Neoh, por exemplo, foi uma

<sup>1</sup> WOLITZ, Seth L. “La culture ashkénaze: 1860-1940 – une trop brève renaissance”. in *cat.: Futur Antérieur: l’Avant-Garde et le Livre Yiddish (1914-1939)*. Paris, Skira Flammarion/ Musée d’Art et d’Histoire du Judaïsme, 2009, p. 16.

<sup>2</sup> A origem da palavra vem de *hassid*, que em hebraico significa “pio”, devoto. O hassidismo foi fundado na Polônia em meados do século XVIII. Em linhas gerais, pregava maior importância ao sentimento religioso do que a sua prática. Segundo ele, o ser religioso deveria despojar-se de todo pensamento material e viver pelo espírito e para o espírito; a alegria e o êxtase significavam formas de comunhão com Deus.

figura marcante nas memórias de Chagall: “Era um bom violonista. Ele tocava para mim por longas horas, sentado num degrau do pátio, e me entretinha com coisas divinas. Nós nos evadíamos da vida cotidiana sórdida e viajávamos no sonho por um mundo maravilhoso, onde as imagens da Escritura se tornavam uma autêntica realidade.”<sup>3</sup>

O hassidismo devolveu para a alma popular o sentido profundo das tradições bíblicas. Fortaleceu o sentimento religioso na relação do divino no cotidiano e trouxe para a vida social, na trivialidade dos dias, o júbilo pela criação do mundo e do homem, ou seja, o entusiasmo pelas pessoas, pela natureza e pelas coisas do universo. No hassidismo, a relação com Deus é feita com intensa alegria, à procura do êxtase. Esse sentimento apareceu já nas primeiras obras de Chagall e se manteve como uma melodia constante durante toda a sua vida. Mesmo depois de se transformar em cidadão do mundo, vivendo na França e nos Estados Unidos, ele continuou carregando consigo, como um caracol, a memória de sua aldeia, do bairro de judeus pobres de Vitebsk.

Além das questões judaicas, percebemos duas outras vertentes importantes para a formação de sua linguagem artística: a arte russa e as novas tendências artísticas que ocorriam na Alemanha e na França. Assim como as tradições judaicas, a arte russa impulsionou seu imaginário e ajudou a construir sua pintura – os ícones, a tradição popular, o neoprimitivismo russo de Natalia Goncharova (1881-1962) e Michail Larionov (1881-1964) e o suprematismo de Kasimir Malevich (1878-1935). As vanguardas europeias, principalmente

<sup>3</sup> CHAGALL, Marc. *Ma Vie*. Paris, Éditions Stock, 1931 (tradução do autor).

o expressionismo alemão, a obra de Cézanne (1837-1906) e o cubismo de Pablo Picasso (1881-1973), influenciaram sua pintura, mesmo antes de viajar a Paris. Chagall frequentou, em 1909, em São Petersburgo, as aulas de pintura de Léon Bakst (1866-1924) e as de desenho de Mstislav Doboujinski (1875-1958). Foi nessa época que conheceu a obra de Cézanne e de Picasso. Alguns anos mais tarde, o artista registrou em seu livro de memórias a seguinte confissão: “Meu destino foi decidido pelas aulas de Bakst e de Doboujinski. Bakst mudou minha vida”.

O conhecimento das vanguardas de Paris pelos artistas russos se deu, sobretudo, graças às extraordinárias coleções particulares de Sergēi Chtchoukine (1854-1936) e Ivan Morozov (1871-1921), abertas à visita pública. Assim, artistas e intelectuais de São Petersburgo puderam ver obras recém-pintadas de Pablo Picasso (1881-1973) e Henri Matisse (1869-1954), entre outras, o que, de certa forma, explica a imediata assimilação do cubismo e do fauvismo na Rússia, inclusive com aportes mais radicais e inovadores daqueles praticados na França. Além disso, havia uma intensa troca cultural entre Paris e Moscou na primeira década do século 20.

## A juventude em Paris

Em 1911, Chagall chegou a Paris com apenas 24 anos de idade e, pouco tempo depois, foi viver em Montparnasse, no famoso edifício La Ruche (nome que, em francês, quer dizer “colmeia”), transformado em albergue de artistas e poetas, muitos dos quais mal tinham dinheiro para o aluguel. Lá moravam, entre outros, Guillaume Apollinaire (1880-1918), Blaise Cendrars (1887-1961), Robert Delaunay (1885-1941), Max Jacob (1876-1944), Max Pechstein (1881-1955), Fernand Léger (1881-1955),

Amedeo Modigliani (1884-1920), Constantin Brancusi (1876-1957) e Diego Rivera (1886-1957), além de vários artistas russos, tais como Alexander Archipenko (1887-1964), Ossip Zadkine (1890-1967), Jacques Lipchitz (1891-1973) e Chaim Soutine (1894-1943). Cabe ressaltar que, no fim do século 19 até 1914, início da Primeira Guerra Mundial, havia na cidade uma intensa vida cultural e um espírito transgressor e internacionalista. La Ruche era um dos centros de agitação das vanguardas e rivalizava com Bateau-Lavoir, que pertencia ao bairro operário de Montmartre, onde, até 1909, funcionara o ateliê de Picasso. Paris era uma festa!

Marc Chagall viveu nessa Paris das vanguardas, da boemia intelectual, das transgressões às regras estabelecidas pela burguesia. Teve a oportunidade de conviver com artistas que criaram as novas correntes da modernidade, como o expressionismo, o fauvismo, o cubismo, o orfismo e o futurismo, mas não integrou nenhuma delas. Manteve uma atitude de independência com relação a essas tendências e esteve sempre preocupado em construir uma linguagem plástica pessoal. Contudo, adotou, a seu modo, certas lições de diferentes correntes modernas. Interessou-se pelo expressionismo de Heinrich Campendonck (1889-1957) e Franz Marc (1880-1916), “artistas que faziam a cor cantar”. Sensibilizou-se pelo fauvismo de Matisse e pelas atmosferas de luz e de cor de Pierre Bonnard (1867-1947). Incorporou aspectos da construção espacial de Cézanne e do cubismo analítico de Picasso. Foi sensível, também, às experiências cromáticas e construtivas de Robert Delaunay, com o qual manteve relações de amizade. Delaunay usava cores quentes, procurava efeitos sensuais e compunha a cor de modo ritmado, musical. Era casado com a artista e *designer* ucraniana Sarah Stern, conhecida como Sonia Delaunay Terk (1885-1979), e talvez o fato de

ela ser russa tenha estreitado ainda mais o relacionamento de Chagall com Delaunay.

Marc Chagall construiu uma obra extensa e de extraordinária força lírica. Em sua produção artística, sobretudo em sua imensa obra gráfica, percebe-se a intensidade de seu relacionamento com a poesia e a literatura. Durante toda a sua vida, Chagall manteve um estreito convívio com poetas e escritores, além de dedicar-se com entusiasmo à atividade de ilustrador. Seus melhores amigos desse período em Paris foram os poetas Blaise Cendrars, Guillaume Apollinaire, Max Jacob e André Salmon (1881-1969), que falava russo e havia passado sua juventude em São Petersburgo. Cendrars também já estivera na Rússia (entre junho de 1904 e abril de 1907), como correspondente franco-alemão em São Petersburgo, e presenciou o Domingo Sangrento, de 1905. Mais tarde, em 1913, escreveu o poema *La Prose du Transsibérien et de la Petite Jeanne de France [A Prosa do Transiberiano e da Pequena Joana da França]*, em que incluiu suas experiências russas: “Eu pressentia a vinda do grande Cristo vermelho da Revolução Russa...”, verdadeira profecia à revolução bolchevique, que triunfou anos depois. Nesse mesmo poema, há várias referências a Chagall, como nos seguintes versos: “Tenho medo/Não sei ir até o fim/Como meu amigo Chagall, eu poderia fazer uma série de quadros dementes...”<sup>4</sup>

Eram tempos revolucionários nas artes e na literatura – seguramente, o período mais radical e mais transgressor de todo o século 20. A Primeira Guerra

Mundial, tão aplaudida pelos intelectuais e artistas modernos, inclusive por seus amigos Apollinaire e Cendrars, destruiu o fermento da criatividade. As ilusões foram perdidas. Entretanto, nem todos os vanguardistas apoiaram a guerra. Muitos se posicionaram, desde os prenúncios do conflito armado, contra a fabulosa máquina militar – a terrível máquina de matar! Picasso e Chagall estavam entre os que não se enganaram com o aludido poder modernizador da guerra.

### **Período russo: entre 1914 e 1922 Guerra na Europa e revolução na Rússia**

Em maio de 1914, Chagall foi a Berlim para a abertura de sua primeira grande mostra individual na Galeria Der Sturm, depois de ter participado do *Salon des Indépendants*, em Paris, quando expôs *La Violoniste [A Violinista]* e *Autoportrait avec sept doigt*. Com apenas 27 anos, já era um artista consagrado. No mês seguinte, viajou a Vitebsk, sua cidade natal, para rever familiares e Bella, sua noiva. A declaração de guerra impediu seu retorno a Paris, e ele foi assim obrigado a manter-se na Rússia, permanência estendida até 1922.

Ao contrário de Apollinaire, que comemorava ao partir para a guerra, Chagall temia ser convocado para lutar no exército do czar. Os soldados judeus eram enviados para o *front*, geralmente em missões perigosas, quase suicidas. Se ingressasse no exército imperial, ele dificilmente voltaria com vida.

Foram anos de grande atividade para Chagall. Muitas de suas obras mais importantes datam desse período: *L'Anniversaire [O Aniversário]*, de 1915; *Le Poète allongé*

<sup>4</sup> CENDRARS, Blaise. “La Prose du Transsibérien et de la Petite Jeanne de France, 1913”. in: PERLOFF, Marjorie. *O Momento Futurista*. São Paulo, Edusp, 1993, p. 83.

[O Poeta deitado], de 1915; *Le Juif rouge*, de 1915, *Double portrait au verre de vin* [Retrato duplo com taça de vinho], de 1917; *Le Violoniste vert* [O Violinista verde], de 1918. O artista voltou-se para temas da tradição judaica, ícones de um mundo que pretende permanecer imutável, em meio a uma sociedade em transformação. Representou o cotidiano judaico, porém, por meio de uma linguagem pictórica moderna, transgressora dos padrões consagrados pela escola de pintura russa.

Há extraordinária força cromática em sua pintura. Em muitos casos, os contrastes de cor pura contrariam a lógica dos seres e dos objetos representados. Uma vaca azul, um rabino vermelho, essa liberdade cromática reforça sua lírica e ajuda a criar um mundo plástico que flutua entre o real e o imaginário, dotado de intensa magia. Também a geometrização trouxe novas possibilidades de tratamento espacial.

Em pouco tempo, Chagall já estava reintegrado no ambiente artístico e cultural. Mas foi a exposição *O Ano 1915*, no Salão Mikhailova, em Moscou, que o revelou para o público russo. Nessa ocasião, ele participou com 25 pinturas, todas realizadas no ano anterior, em Vitebsk. A crítica deu destaque a suas obras e Jakov Tugendhold (1882-1928) escreveu, em março, que Chagall era uma das grandes esperanças da arte russa.

Ainda em 1915, ele casou-se com Bella Rosenfeld, que, enquanto viveu, foi modelo e motivo para inúmeras pinturas suas. “Ela trazia-me ao ateliê, de manhã e à tarde, deliciosos bolos caseiros, peixe assado, leite quente, tecidos coloridos e até tábuas que me serviam de cavalete. Mal eu abria a janela, afluía com ela, de todos os lados, um azul celeste, amor e também flores.

Vestida toda de branco ou toda de preto, há muito que ela existia em meus quadros como um fantasma, como estímulo de minha arte.”<sup>5</sup>

Logo nasceu Ida, sua única filha. Apesar de serem anos difíceis de guerra, Chagall viveu seu idílio familiar, tempos radicalmente opostos aos anos febris e boêmios de Paris. A relação amorosa com Bella nutriu e deu força poética a diversas obras-primas desse período. O lirismo predominante nas telas *L’Anniversaire* e *Le Poète allongé* sugere amor e suavidade, a despeito das dificuldades enfrentadas na Rússia daquele tempo. “Sem nenhuma dúvida, eu me sentia maduro para ficar em minha cidade natal e lá trabalhar depois dos quatro anos passados em Paris. Gostaria de prosseguir nesse sonho no céu e na terra de Vitebsk e, justamente, nesse ímpeto revolucionário que me parecia propício ao brilho de uma arte nova.”

Ainda em 1915, ele foi convocado para o serviço militar e escapou do *front* graças ao irmão de Bella, que o convidou para trabalhar no escritório que cuidava do esforço de guerra, em São Petersburgo. Chagall viveu na capital até 1917, quando retornou para Vitebsk.

Durante a guerra, porém, ele continuou ativo artisticamente. Expôs 63 pinturas na Galeria Dobitchina, em São Petersburgo, e participou de diversas outras exposições. A presença de Chagall nas exposições mais importantes que ocorreram nesse período atesta uma produção de ritmo febril. Grandes colecionadores, como Ivan Morozov, compraram suas obras. Em outubro, a revolução comunista tomou o poder e Chagall defendeu com entusiasmo o novo ideário. Nesses primeiros meses

<sup>5</sup> CHAGALL, Marc. *Ma Vie*. Paris, Éditions Stock, 1931 (tradução do autor).

agitados, de formação de um governo revolucionário, foi proposta a criação de um Ministério para assuntos culturais, que deveria ser composto por Vladimir Maïakovski (1893-1930) para a poesia, Vsevolod Meyerhold (1874-1940) para o teatro e Chagall para as artes plásticas. Bella, sua mulher, convenceu-o a não participar do projeto, que, aliás, não ocorreu.

### Comissário das artes em Vitebsk

Chagall entusiasmou-se com a revolução bolchevique e, em setembro de 1918, foi designado pelo Comissariado do Povo para a Instrução (Narkompros) a exercer as funções de comissário das artes em Vitebsk – que contava, na época, com mais de 100 mil habitantes. O cargo de comissário deu-lhe autoridade para organizar escolas de arte, museus e conferências, além do poder de decisão sobre qualquer evento artístico e cultural que ocorresse em sua cidade natal. Chagall procurou imprimir uma nova orientação sobre o assunto, sensível ao que ocorria nas vanguardas europeias, mas, ao mesmo tempo, compatível com as propostas revolucionárias que pretendiam criar outro modelo social, um novo humanismo. É bom lembrar que, nos primeiros anos da revolução comunista, as artes ocupavam um lugar privilegiado. As artes e a educação destacavam-se, com a atividade política, frente a todas as demais, na construção de uma nova sociedade.

Em outubro desse mesmo ano, Chagall reuniu um grupo de artistas para comemorar o primeiro aniversário da Revolução Russa e coordenou pessoalmente as festividades. Com grande arrebatamento, decorou a cidade usando 450 grandes cartazes de colorido vivo, alusivos à revolução, como *Paix aux chaumières* – *Guerre au palais* (Paz nas choupanas – Guerra no



MARC CHAGALL  
*Paix aux chaumières – Guerre au palais*  
[Paz nas choupanas – Guerra no palácio]  
1918  
aquarela, nanquim e lápis de cor sobre papel  
33,7 x 23,2 cm  
Acervo The State Tretyakov Gallery  
Moscou | Rússia

palácio), e também bandeiras, tribunas e arcos. Pela primeira vez, a arte tomava as ruas da cidade. A festividade foi um sucesso e mereceu os cumprimentos de Anatoly Lunacharsky (1875-1933), recém-designado por Vladimir Lenin (1870-1924) comissário para a educação, cargo correspondente ao de Ministro de Educação e Cultura. Ele exclamou entusiasmado que “os cartazes estavam magníficos!”.

Ainda assim, muitas lideranças comunistas indagavam-se contrariadas. “Por que a vaca é verde e por que o cavalo voa no céu, por quê? Qual a relação com Marx e Lenin?”, escreveu Chagall em sua biografia<sup>6</sup>.

## A escola de Vitebsk

Em novembro de 1918, o estado soviético desapropriou uma mansão localizada em Vitebsk, que pertencia ao banqueiro judeu Israel Vishnayec, e nela Chagall criou uma escola de arte chamada Academia Livre de Vitebsk, que passou a funcionar em janeiro de 1919, voltada ao experimentalismo e às novas ideias vanguardistas.

Chagall convidou para lecionar seu primeiro mestre, Yehuda Pen, pintor naturalista a quem sempre nutriu enorme apreço, ao lado dos vanguardistas El Lissitzky (1890-1941) e Kasimir Malevich, o carismático fundador do suprematismo. Logo surgiram conflitos entre as concepções artísticas de Malevich e Chagall, que acabou perdendo prestígio na escola que ele mesmo havia criado. Mesmo El Lissitzky, anteriormente ligado às tradições judaicas, aderiu aos propósitos mais à *l'avant-garde* de Malevich. Sentindo-se contrariado, Chagall deixou a escola nas mãos dos chamados “unovistas”, artistas que haviam adotado a teoria

dos elementos complementares na pintura e que pregavam a criação coletiva. Essa corrente denominava-se “revolucionária” e almejava obter, com a arte, resultados concretos de transformação cultural. O Novo Partido da Arte (Unovis), liderado por Malevich<sup>7</sup>, seduziu os jovens alunos, que viram no movimento uma forma de rápida transformação das artes e do mundo, como também de participação na linha de frente do processo revolucionário<sup>8</sup>. Em 1920, Chagall mudou-se com sua mulher para Moscou. Após sua saída, oficializada em 19 de junho, a escola de Vitebsk adotou a nova orientação do suprematismo e foi rebatizada com o nome de Ateliês do Estado e dirigida por Vera Ermolaeva (1895-1938), até 1922.

Os vanguardistas, assim como Chagall, foram entusiastas das ideias que levaram ao poder o regime do proletariado, sobretudo nos primeiros anos da revolução. Acreditavam no sopro de modernidade e renovação propostos, certos de que teriam total liberdade de expressão artística. “O povo trabalhador, agora transformado, será capaz de atingir o auge da arte e da cultura”, declarou Chagall que, durante os primeiros

<sup>7</sup> Eram membros do grupo Unovis Vera Ermolaeva, El Lissitzky, Ilya Chashnik, Nikolai Suetin, Anna Leporskaya, Lev Yudin, Evgenia Magaril e Lazar Khidekel, entre outros.

<sup>8</sup> “*J’ai eu l’occasion [escreveu Malevich] de mener différentes expériences pour voir de quelle manière les éléments complémentaires influencent la perception de l’artiste. J’ai utilisé l’École de Vitebsk comme terrain d’expérience avant d’entreprendre des recherches à une vaste échelle*” (Tive a ocasião [escreveu Malevich] de passar por diferentes experiências para ver de qual maneira os elementos complementares influenciam a percepção do artista. Eu utilizei a Escola de Vitebsk como um campo de experiência antes de empreender pesquisas numa grande escala). SHATSKIKH, Alexandra. “Chagall, Malevitch: l’artiste et le pouvoir”. *in cat.: Chagall en Russie*. Martigny (Suíça), Fondation Pierre Gianadda, 1991, p. 156.

<sup>6</sup> CHAGALL, 1931 (tradução do autor).



**MARC CHAGALL**  
**Teatro judeu – painel A Música**  
1920  
têmpera, guache e argila branca  
sobre tela  
212,6 x 107,2 cm  
Acervo The State Tretyakov Gallery  
Moscou | Rússia

anos, foi um incondicional partidário do comunismo. Pouco depois, ele registrou na autobiografia *Ma Vie* [Minha Vida] a seguinte reflexão: “Creio que a revolução poderia ser um grande acontecimento, se respeitasse aquilo que é diferente”.

Contudo, as artes na União Soviética, sobretudo a partir de Josef Stalin (1878-1953), sofreram um rígido controle estatal. Os artistas foram obrigados a obedecer a regras ditadas pelo partido, ou seja, tiveram de adotar a linguagem oficial do realismo socialista, sob pena de severas sanções e até mesmo de prisão. Foi o caso de Malevich, acusado de subjetivismo, em 1929, atacado pelo partido, demitido de funções oficiais, perseguido e preso. Também Vera Ermolaeva foi condenada a cinco anos de prisão no Cazaquistão, em 1934. O suprematismo foi banido da URSS, assim como todas as propostas vanguardistas.

Em Moscou, a vida tornou-se mais difícil para Chagall, já que o salário que recebia do estado fora aviltado. Mesmo assim, ele não perdeu o ânimo e dedicou-se com afinco à pintura dos murais do Teatro Judeu, criando sete grandes painéis: *Introduction au Théâtre Juif* [Introdução ao Teatro Judeu], 284 x 787 cm, *La Musique* [A Música], 212,5 x 103,2 cm, *La Danse* [A Dança], 214 x 108,5 cm, *Le Drame* [O Drama], 212,6 x 107,2 cm, *La Littérature* [A Literatura], 216 x 81,3 cm, *L'Amour en scène* [O Amor em cena], 283 x 248 cm e *Le Dîner de noce* [O Jantar de núpcias], 64 x 799 cm. Nesses painéis, Chagall incorporou alguns elementos do suprematismo, interpretando-os com liberdade absoluta. Estruturas geométricas ritmadas de Malevich estão presentes em *Introduction au Théâtre Juif*. Também em *La Musique* (na cena que serve de fundo à figura que toca violino), o artista pintou um quadrado negro,

elemento emblemático do suprematismo. Obras de anos anteriores, como *Vie rurale* [Vida rural], 1917-1919, e *Le Cirque* [O Circo], 1919, já revelavam seu interesse pelas propostas inovadoras de Malevich. A utilização de outras tendências estéticas em suas telas não era novidade. No período em que viveu em Paris, Chagall introduziu aspectos do cubismo e do orfismo.

Em 1921, o artista começou a escrever *Ma Vie* e passou a ensinar arte em uma escola para órfãos judeus de Malakhovka, perto de Moscou, na companhia de outros intelectuais e artistas, como o crítico de literatura Yekhezkel Dobrushin (1883-1953), o músico Yuli Engel (1868-1927) e os poetas Der Nister (1884-1950) e Dovid Hofsteyn (1889-1952).

Chagall demonstrou, durante toda a sua vida, enorme interesse pela literatura, tendo exercido com dedicação e criatividade o ofício de artista gráfico e ilustrador. Participou, em 1922, da publicação de *Troyer*, um poema fúnebre escrito por Dovid Hofsteyn em memória das vítimas do *pogrom*, ocorrido durante a guerra civil. O livro foi construído a quatro mãos, pelo escritor e pelo artista. Concebida como um objeto estético (integrando poesia, desenho, tipografia e design gráfico), a edição contém importantes inovações, como o tratamento das letras hebraicas de modo a ressaltar seus aspectos gráficos e plásticos. Hoje, é considerada uma das obras-primas do design gráfico e um dos livros ilustrados mais inovadores do chamado “renascimento da literatura iídiche na Rússia”. Um pouco mais tarde, na revista *Shtrom*, o artista utilizou elementos antropomorfos na representação das letras em hebraico, revolucionando a arte de ilustrar, atividade que se intensificou depois de seu regresso à França.



## Volta a Paris

Em maio de 1922, Chagall deixou definitivamente a Rússia e foi para Berlim, onde retomou contatos com o mundo da arte e reencontrou amigos, entre eles George Grosz (1893-1959) e Alexander Archipenko. O editor e galerista Paul Cassirer (1871-1926) interessou-se pela autobiografia *Ma Vie* e pediu que ele a ilustrasse. O artista executou 20 gravuras em metal, sob a orientação do mestre gravador Hermann Struck (1876-1944), com o qual deu seus primeiros passos nessa expressão artística. As 20 ilustrações, realizadas em água-forte e ponta-seca, foram publicadas em Berlim, no ano seguinte, sem o texto autobiográfico, devido a dificuldades de tradução. Somente em 1931 é que elas ganharam a tradução de Bella do russo para o francês.

Poucos anos depois, já vivendo na França, Chagall ajudou a fundar a Associação de Pintores-Gravadores. Vale destacar que, na primeira metade do século 20, havia grande interesse por livros ilustrados por artistas plásticos.

Chagall foi, sem dúvida, um dos grandes mestres da gravura de seu tempo e participou de inúmeras edições. Em 1948, teve sala especial na *Bienal de Veneza* e ganhou o prêmio de gravura com a série *Les Âmes mortes* [As Almas mortas]. Segundo Lionello Venturi (1885-1961), “não há nenhuma diferença de estilo, nem de qualidade, entre seus quadros e suas gravuras... Os brancos e os negros de suas águas-fortes contêm, em síntese, o leque inteiro das cores”.

Chagall produziu, em 1924, *L’Auge* [O Cocho], sua primeira litografia trabalhada diretamente sobre a

pedra. Entretanto, duas décadas se passaram para que o artista retomasse essa técnica, que, aliás, se tornou sua preferida, sobretudo pelas possibilidades de registrar a variada gama de cores de sua paleta.

Ambroise Vollard (1866-1939), famoso galerista que revelou, entre outros, Paul Cézanne (1839-1906), Vincent Van Gogh (1853-1890), Henri Matisse e Pablo Picasso, convidou Chagall para ilustrar *Les Âmes mortes*, de Nicolai Gogol (1809-1852). Em setembro de 1923, incentivado por esse convite, o artista mudou-se para Paris e trabalhou durante dois anos para produzir as 107 gravuras que compõem o projeto. Apenas em 1948, porém, a obra foi publicada pelas Edições Tériade.

## As Almas mortas

As reminiscências da Rússia afloraram na abordagem do texto de Gogol. Somente um russo poderia tratar com tanta emoção e veracidade os tipos e as situações descritas. Cada personagem do romance ressuscitou na memória de Chagall tipos humanos da velha Rússia, que a revolução comunista fez desaparecer, como Séliphane, o cocheiro beberrão e preguiçoso, espécie de Sancho Pança que acompanha seu ganancioso amo Tchitchikov em suas aventuras à procura de fortuna. Na busca do sucesso a qualquer modo, e com a intenção de obter terras do governo, Tchitchikov propõe povoá-las. Ardilosamente, “compra” de senhores feudais de província seus servos falecidos (*âmes mortes*) e, acompanhado por esse contingente de fantasmas, toma posse de vastos domínios, ingressando na alta sociedade, no mundo dos poderosos. A crítica social impiedosa de Gogol, em que a sátira chega às margens do absurdo, parece ser

o único meio de vencer o desespero e a falta de esperança. Chagall captou o estilo incisivo do autor, que desnudou os seres humanos e combinou em suas gravuras a força satírica com o lirismo nostálgico de sua terra natal. As ilustrações são, em si mesmas, peças de narrativas visuais.

Sua relação com Vollard foi intensa. Chagall recebeu do galerista inúmeras encomendas, como a famosa série de guaches conhecidas por *Le Cirque de Vollard* [O Circo de Vollard], tema que o encantou e que se transformou em assunto recorrente ao longo de sua obra. Sempre que terminava um trabalho, Vollard encomendava outro. Na sequência, o desafio proposto pelo galerista foi ilustrar as *Fábulas* de La Fontaine.

### **Fábulas de La Fontaine**

Chagall produziu, entre 1926 e 1927, os 100 guaches, um para cada fábula de La Fontaine (1621-1695), conforme determinação de Vollard. Os guaches foram expostos em 1930, em Paris, Bruxelas e Berlim.



Vendidos, dispersaram-se então pelo mercado e nunca mais foi possível reuni-los integralmente. O conjunto exposto em Paris causou polêmica. Na época, vários críticos atacaram a abordagem chagalliana. Vollard saiu em defesa do artista, afirmando haver grande empatia entre o espírito das fábulas e a obra de Chagall. Em Bruxelas, por ocasião da exposição dos guaches, a imprensa reagiu de modo diferente e ressaltou a riqueza cromática: “Luxúria dos tons... avalanche de cores no estado puro”, publicaram os jornais<sup>9</sup>.

Ainda em 1927, mais uma vez a pedido de Vollard, Chagall iniciou a série de 100 gravuras sobre as *Fábulas*. Ele decidiu retomar os temas dos guaches, para refazê-los em gravura em metal, e debruçou-se, outra vez, na série das *Fábulas*, só que explorando as possibilidades expressivas da água-forte. Essas ilustrações mostram o artista com um domínio muito mais apurado do processo de produção da gravura. O resultado é superior, do ponto de vista técnico, à série *Les Âmes mortes*. Chagall utilizou também a água-tinta para obter uma variada gama de cinzas, que dialogam com zonas de negro intenso e aveludado. Concluída em 1930, a série só foi publicada 12 anos depois, por Tériade<sup>10</sup>, em uma edição de dois volumes.

<sup>9</sup> Marcel Schmitz, crítico de arte de Bruxelas, declarou, em março de 1930, que “era preciso que Chagall fosse russo, e por isso um pouco oriental, para que tamanha luxúria de tons fosse possível, para que fluísse sobre nós e se espalhasse em respingos essa avalanche de cores no estado puro”.

<sup>10</sup> Tériade, pseudônimo de Efstratios Eleftheriades (1897-1983), editor de origem grega, foi um dos mais importantes editores de arte entre 1930 e 1960. Amigo de Chagall, com quem desenvolveu importantes projetos, editou também as revistas *Minotaure* e *Verve*.

ARTISTA DESCONHECIDO  
Ambroise Vollard cercado  
por André Derrain, Chagall,  
Ida e Bella  
1924



MARC CHAGALL  
Série Fábulas  
de La Fontaine  
**Pássaro ferido  
por uma flecha**  
1952  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
40 x 30,2 cm  
Coleção particular,  
Paris | França

MARC CHAGALL  
**O Pássaro ferido  
por uma flecha**  
1926  
guache  
51,4 x 41,1 cm  
Acervo Stedelijk Museum  
Amsterdã | Holanda



Gaston Bachelard (1884-1962) ficou fascinado pela força germinal dessas gravuras: “Olhe com atenção uma das gravuras e a gravura sozinha se põe a fabular... A fábula surgirá da (própria) imagem”, disse. Chagall captou a fina ironia introduzida por La Fontaine ao atualizar as fábulas de Esopo (século 6 a.C.) e trabalhou com os elementos centrais da fábula, desvencilhando-se de todos os itens acessórios. Daí a força narrativa das imagens às quais se refere Bachelard.

## A Bíblia

Depois das séries *Les Âmes mortes*, de Gogol, e *Fábulas*, de La Fontaine, Vollard pediu a Chagall que realizasse um conjunto sobre a Bíblia. O artista trabalhou nesse projeto durante nove anos, de 1931 até 1939. Pouco depois de aceitar a incumbência, viajou à Palestina para conhecer o teatro dos acontecimentos bíblicos. Voltou sua atenção aos temas religiosos pintados por grandes mestres, como Rembrandt (1606-1669), cujas gravuras conheceu na viagem que fez à Holanda, em 1932. Chagall já havia realizado mais de 60 gravuras da série sobre a Bíblia quando Vollard faleceu. Apesar disso, continuou trabalhando. As 105 gravuras foram terminadas em 1939 e a publicação, planejada por Tériade em três tempos: 1948, 1952 e 1956. Originalmente, o artista pretendia realizá-la em cores e trabalhou primeiramente as imagens em guache, como estudo preparatório, para depois retomá-las nas gravuras.

Foram muitas as dificuldades encontradas para a reprodução das cores na gravura em metal. O artista decidiu, então, abandonar o projeto inicial e imprimi-las em preto-e-branco. Posteriormente, coloriu à mão 100 coleções, introduzindo uma nova solução de síntese cromática, diferente dos guaches, mas sem

abandonar a presença da cor que, para ele, era de fundamental importância.

Muitas vezes, utilizou a técnica da água-forte sob a nítida influência do mestre holandês, sobretudo no tratamento dramático das zonas de luz e de sombra. A essência de Rembrandt pode ser notada pela composição das cenas bíblicas e muitos dos efeitos gráficos do velho mestre foram aplicados nas gravuras de Chagall. Com técnica apurada, ele introduziu traços de buril sobre a chapa para obter negros intensos e serviu-se, também, do pincel para acrescentar tonalidades e opacidades que dialogassem com o brilho das hachuras traçadas pelo buril.

As gravuras sobre a Bíblia exigiram uma nova abordagem da figura humana. As personagens foram elaboradas de modo totalmente diverso daquelas consagradas, até então, em suas telas. Chagall adotou também outra concepção de espaço para registrar com eloquência os acontecimentos sagrados. Meyer Shapiro (1904-1996), historiador de arte, destacou a importância desse monumental trabalho: “Ele representou temas de uma tradição antiga não no espírito de curiosidade ou artifício, mas com uma nobre devoção. [...] Se não tivéssemos nada de Chagall além de sua Bíblia, ele seria para nós um grande artista modernista.”

### **Anos terríveis (1936-1941)**

Na década de 1930, o antissemitismo voltou a crescer na Europa. O nazi-fascismo, no poder na Alemanha e na Itália, desenvolveu teorias racistas e ganhou adeptos em toda a Europa. Os conflitos políticos, as disputas territoriais e o armamentismo alemão já anunciavam um cenário de guerra.

Os nazistas combatiam as linguagens artísticas modernas, que eram classificadas como *entartete kunst* (em alemão, “arte degenerada”). Afirmavam que a arte moderna corrompia as tradições germânicas e que estavam infiltradas de ideologia judaico-bolchevista. Os artistas classificados como “degenerados” eram proibidos de lecionar, divulgar, expor, vender e, em alguns casos, até de exercer quaisquer atividades artísticas. Suas obras eram retiradas dos museus e de coleções públicas. Muitas eram destruídas.

O governo alemão realizou uma grande exposição na Haus der Kunst, em Munique, reunindo obras dos artistas considerados degenerados. O evento iniciou-se em 19 de julho de 1937, com grande estardalhaço de propaganda e a presença de autoridades. Sob a coordenação de Josef Goebbels (1897-1945), *Arte Degenerada* passou por diversas cidades, inclusive pela Áustria, sempre com enorme afluência de público. Para a exposição inaugural de Munique, as paredes da Casa de Cultura estamparam frases de propaganda nazista, com o objetivo de influenciar o visitante contra a arte moderna. Lia-se “revelação da alma judaica”, em contraposição à alma germânica, ou ainda, a acusação de desestabilizar o poder nazista “Sabotagem deliberada da segurança nacional”. Os organizadores produziram inúmeras frases de efeito, com o objetivo de antagonizar o público com a arte moderna.

Mais de 100 artistas, além de Chagall, foram incluídos no “espetáculo”. El Lissitzky, Emil Nolde (1867-1956), Otto Dix (1891-1969), Max Ernst (1891-1976), Wassily Kandinsky (1866-1944), Paul Klee (1879-1940), Oskar Kokoschka (1886-1980), Piet Mondrian (1872-1944), Kurt Schwitters (1887-1948), Lasar Segall (1891-1967) estavam entre eles. Chagall teve cerca de 60 obras destruídas e seus trabalhos foram banidos de museus e galerias de toda a Alemanha.

No mesmo ano, ele naturalizou-se francês e sua pintura passou a refletir sua preocupação com os acontecimentos, com o recrudescimento do racismo, mesmo na França, e com a perseguição aos judeus, que crescia em toda a Europa. As telas realizadas nos anos de 1930 demonstram um pessimismo inédito. As cores perderam seu caráter ensolarado, festivo, e os tons mais sombrios cobriam toda a superfície. O tema da crucificação mostrou-se recorrente nesses anos. A extraordinária pintura *Crucifixion blanche* [Crucificação branca], 1938; hoje pertencente ao Instituto de Arte de Chicago, é uma metáfora comovente sobre o sofrimento do povo judeu. As obras desse período são escuras e dramáticas. O artista parecia ter perdido seu sonho, sua alegria.

Em junho de 1940, a Alemanha invadiu a França e dividiu o país em dois: uma parte ficou sob o comando das tropas alemãs e outra passou a ser administrada pelo governo de Vichy, colaboracionista e sujeito às ordens nazistas. A segurança de Chagall era precária. Ele sentia-se constantemente ameaçado, apesar de estar vivendo com sua família no sul da França, distante das violências que se tornaram corriqueiras na cidade de Paris. No ano seguinte, com a ajuda de Varian Fry (1907-1967) e Hiram Bingham IV (1903-1988), que trabalhavam para o Consulado americano em Marselha, e graças a um convite do Museu de Arte Moderna, de Nova York, Chagall e Bella puderam viajar aos Estados Unidos, aonde chegaram em junho de 1941, depois de permanecerem durante quase um ano em Gordes, na Provença, região da França ainda não ocupada pelas tropas alemãs<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Varian Mackey Fry e Hiram Birgham ajudaram quase 2.500 pessoas a fugirem do nazismo. Entre elas, algumas personalidades, como André Breton, Max Ernst, Wilfredo Lam, André Masson, Marcel Duchamp, Jacques Lipchitz, Hannah Arendt, Heinrich Mann, Wanda Landowska e Alma Mahler, além de Marc Chagall.

No exílio, Chagall encontrou um ambiente cultural efervescente. Nova York era uma metrópole moderna, dinâmica, aberta às novidades. Diversos artistas e intelectuais europeus também haviam fugido da França ocupada pelos nazistas. Essa diáspora de artistas e intelectuais – Fernand Léger, Max Ernst, Roberto Matta (1911-2002), Yves Tanguy (1900-1955), Piet Mondrian, André Masson (1896-1987) – agitou ainda mais a vida cultural dos Estados Unidos. A maioria deles vivia graças à Galeria Pierre Matisse. Chagall foi um dos que estabeleceram intenso relacionamento com essa galeria. Por meio dela, sua obra foi amplamente divulgada nos Estados Unidos e Chagall manteve um vínculo de amizade com Pierre Matisse (1900-1989) durante toda a sua vida.

A militância antifascista intensificou-se no período de exílio e Chagall participou de diversas manifestações de denúncia do antissemitismo e dos horrores da guerra. Estabeleceu amizade com o filósofo católico Jacques Maritain (1882-1973) e com o crítico de arte Lionello Venturi. Colaborou com André Breton (1896-1966), desenhando a capa do segundo número da revista *VVV*. Desenhou também o cenário e o figurino do balé *Aleko*, com música de Tchaikovsky (1840-1893) e coreografia de Leonide Massine (1896-1979), para o American Ballet Theatre<sup>12</sup>. A primeira récita realizou-se na Cidade do México e Chagall e Bella permaneceram lá durante um mês, período em que o artista se dedicou integralmente aos trabalhos para o balé. Em setembro de 1941, *Aleko* foi apresentado na Metropolitan Opera House,

<sup>12</sup> Nome artístico de Leonid Fyodorovich Myasin, bailarino e coreógrafo russo que criou o Balé Russo de Monte Carlo, sucedâneo dos Balês Russos de Sergei Diaghilev, com quem havia trabalhado. Curiosamente, Leonide Massine deixou sua semente artística no Brasil, quando, em 1927, passou com sua companhia pelo Rio de Janeiro e influenciou a criação do Corpo de Baile do Teatro Municipal. Isso porque Maria Olenewa, integrante do grupo, fundou a escola de dança sediada no referido teatro. Durante décadas, Maria Olenewa permaneceu no país, desempenhando um papel proeminente na arte da dança.

em Nova York, com enorme sucesso. A crítica elogiou o cenário e os figurinos criados por Chagall.

Às vésperas de regressar à França, depois da libertação de Paris, Bella adoeceu, vítima de uma virose infecciosa, e foi imediatamente encaminhada ao hospital em estado febril, falecendo no dia seguinte à internação. Chagall sofreu o impacto dessa tragédia. Deprimido, adiou os planos de regressar à França e permaneceu durante muitos meses afastado de toda atividade produtiva. Graças ao apoio afetivo de sua filha Ida, Chagall foi, pouco a pouco, retomando sua força criativa e acabou restabelecendo as relações com o American Ballet Theatre, para o qual realizou, em 1945, os cenários e os figurinos do *The Firebird* [Pássaro de Fogo], 1882-1971; com coreografia de Adolph Bolm (1884-1951), ex-bailarino de Diaghilev. Mais uma vez, a imprensa destacou sua participação ao afirmar que cenário e figurinos haviam dominado o espetáculo. Sua atividade artística retomara o ritmo habitual. Chagall produziu, então, uma série de gravuras em metal para ilustrar poemas de Paul Éluard e outra de litografias em cores para a lenda persa de *As Mil e Uma Noites*, além de realizar duas grandes exposições retrospectivas de suas obras, no Museu de Arte Moderna de Nova York e no Instituto de Arte de Chicago.

### Retorno definitivo à França

Jean Cassou (1897-1986), diretor do Musée National de l'Art Moderne de Paris, convidou Chagall para realizar uma grande exposição, por ocasião da reabertura do museu, prevista para 1947. Chagall recebeu convites, ainda, para expor no Stedelijk Museum, de Amsterdã, na Tate Gallery, de Londres, e em museus de Zurique e Berna. No ano seguinte, acompanhado de Virginia, sua atual mulher, Chagall regressou à França, dessa vez para ficar. Residiu, inicialmente, em Saint-Germain-en-Laye, perto de Paris, e, em pouco tempo, a casa tornou-se o ponto de encontro de seus numerosos amigos.

A vida parecia iluminar-se. Aimé Maeght (1906-1981) passou a ser seu *marchand*, em 1948, Tériade propôs que ele realizasse as ilustrações de *Dafne e Cloé*, de Longus<sup>13</sup>. Em 1949, Chagall mudou-se para Saint-Jean-Cap-Ferrat, na Côte d'Azur, e, um ano depois, para Vence, definitivamente. Influenciado pela cultura mediterrânea, assim como Picasso, produziu suas primeiras cerâmicas. A pintura de Chagall readquiriu luminosidade e cromatismo. A sensualidade, o lirismo e a magia voltaram a dominar seus temas. Segundo André Breton, "com Chagall, e apenas com ele, é que a metáfora consegue sua entrada triunfal na pintura".

### *Dafne e Cloé*

Chagall viajou duas vezes à Grécia, com o propósito de vivenciar a atmosfera e a luminosidade da paisagem e conhecer melhor a cultura pastoril, cantada na obra *Dafne e Cloé*. A primeira visita, ocorrida em 1952, proporcionou a execução dos primeiros guaches, que procuraram registrar a luz mediterrânea e a experiência emocional vivida em terras gregas. Dois anos depois, o artista retornou para aprofundar seus conhecimentos do mundo clássico. Os 42 guaches foram realizados entre 1953 e 1954. Em 1957, ele deu início aos estudos preparatórios para a transposição dos guaches em litografias com o impressor Charles Sorlier (1921-1990), no famoso estúdio de Fernand Mourlot. Sorlier ajudou a desenvolver a paleta de Chagall e eles trabalharam com afinco para encontrar novos azuis e verdes que atendessem aos anseios do artista de transpor para as "litos" o clima sensual e paradisíaco de seus guaches. Juntos, eles desenvolveram também transparências de cor e criaram jogos que contrapunham brilhos e opacidades, uma verdadeira sinfonia de tons

<sup>13</sup> Longus, autor grego, viveu em Lesbos, no século 2 a.C. Foi autor de *Dafne e Cloé*, primeira prosa pastoril e um dos mais populares romances eróticos gregos desde o renascimento europeu.



ARTISTA DESCONHECIDO  
Chagall na *première*  
do balé *Aleko*  
Cidade do México  
1942

na superfície do papel. Para obter o resultado pretendido, de extraordinária beleza cromática, foi necessário utilizar uma pedra para cada tonalidade de cor. Assim, uma única gravura exigiu 25 pedras matrizes, o que significa 25 impressões. Esse minucioso processo se estendeu por quatro anos. A série foi publicada em 1961, por Tériade.

### Última fase

Em Vence, em 1952, já separado de Virginia, Chagall casou com Valentina Brodsky, que ele chamava carinhosamente de Vava. Viveu com ela no sul da França até sua morte. Nesse longo período, manteve-se ativo e produtivo, mas permaneceu a maior parte do tempo recluso, acessível apenas a alguns poucos amigos. Soube, assim, afastar-se da agitação do mundo artístico e viver com plenitude sua intimidade.

O período da maturidade foi, ao mesmo tempo, uma época de muito trabalho e de grandes realizações. Surgiram inúmeras encomendas de painéis, vitrais, mosaicos. Para ter ideia da abrangência e do significado dessas encomendas, eis alguns dos trabalhos mais importantes: a decoração da Igreja de Plateau-d'Assy, na Saboia, em 1957; os vitrais para a Catedral de Metz, em 1958; a pintura mural no vestíbulo do Teatro de Frankfurt, em 1959; os vitrais para a Sinagoga do Hospital Universitário de Jerusalém, em 1962; os vitrais para o edifício das Nações Unidas, em Nova York, em 1964; a pintura para o teto de l'Opéra de Paris, também em 1964; o painel decorativo para o The Metropolitan Opera e o The Lincoln Center, ambos em Nova York, em 1965; os mosaicos e as 12 pinturas para o Parlamento de Jerusalém, em 1966; os vitrais para a Catedral de Reims, em 1974.

Nos últimos anos, Chagall recebeu inúmeras homenagens pelo conjunto de sua obra e diversos museus organizaram exposições retrospectivas, ressaltando a importância

do artista para a arte moderna. O Moderna Museet de Estocolmo, em 1982, e o Louisiana Museum da Dinamarca, no ano seguinte, apresentaram mostras de seus trabalhos. O Musée National Message Biblique Marc Chagall reuniu vitrais e esculturas. A Royal Academy of Arts de Londres organizou uma grande exposição retrospectiva de pinturas, em 1985.

Marc Chagall faleceu na tarde de 28 de março de 1985, depois de ter trabalhado em seu ateliê. Ele morreu suavemente, aos 97 anos, e seu corpo foi enterrado no pequeno cemitério de Saint-Paul de Vence.

Voam os sonhos e povoam o ar  
a noiva viaja nas asas  
de um galo vermelho  
e ganha um beijo no céu

o bode flutua enquanto  
um rabino atravessa a rua  
por perto há uma mulher nua  
o dia evapora-se ao som do violino

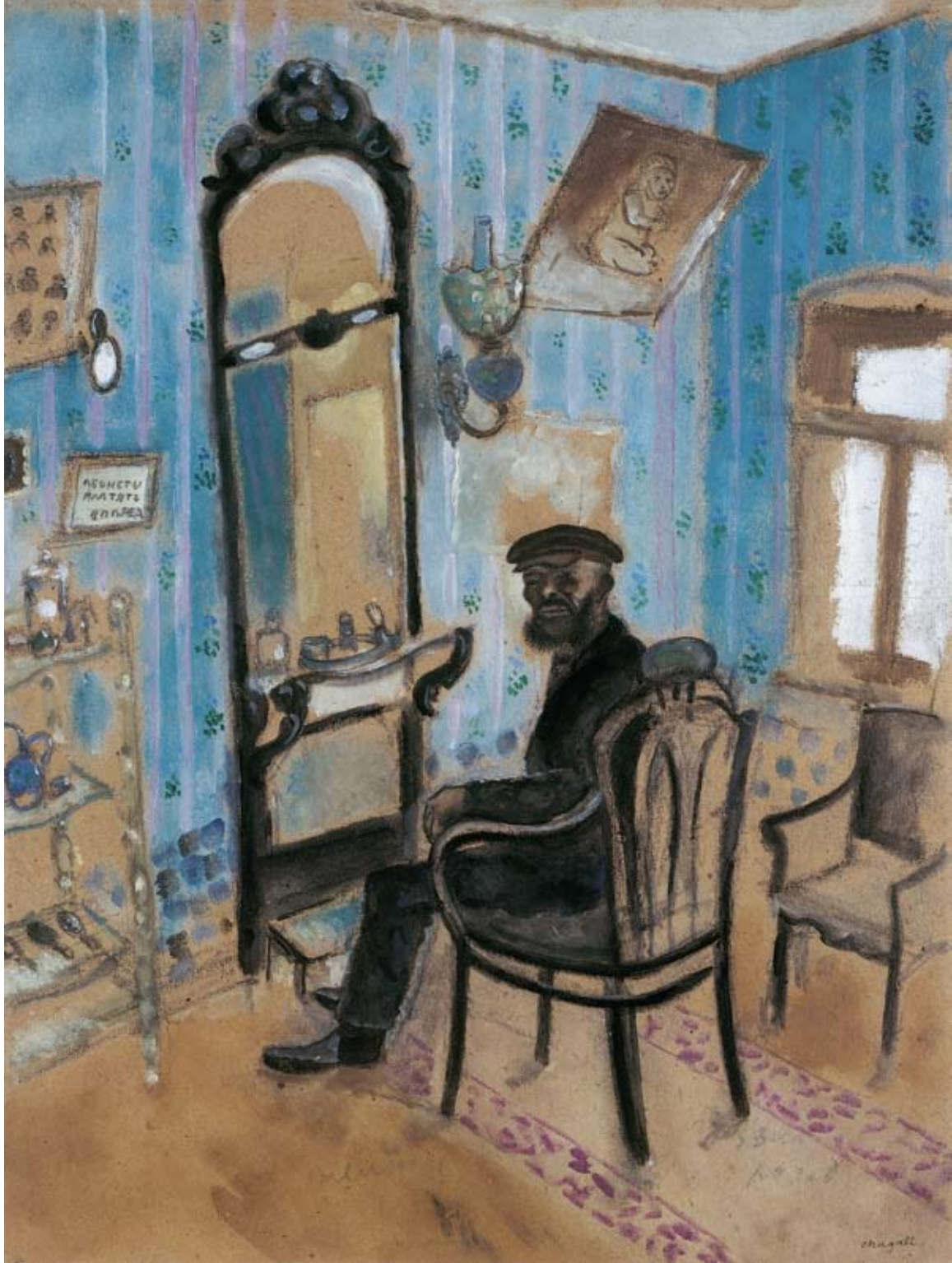
Chagall pinta de memória a sua aldeia  
e revela a intimidade corriqueira  
o pintor vê a vida refletida no espelho  
ele sabe - tudo é desejo

as flores são sempre sensuais  
as flores abrigam casais

na pintura tudo pode

Fabio Magalhães





Salon de coiffure (oncle Zussy)  
[Salão de cabeleireiro (tio Zussy)]  
1914

Acervo The State Tretyakov Gallery | Moscou | Rússia



**Pharmacie à Vitebsk**  
**[Farmácia em Vitebsk]**

1914

Acervo The State Tretyakov Gallery | Moscou | Rússia



**Le Bain de l'enfant**  
**[O Banho da criança]**

1916  
Acervo Pskov National Museum of History,  
Architecture and Fine Arts | Rússia



**Muguet**

[Lirio-do-vale]

1916

Acervo The State Tretyakov Gallery | Moscou | Rússia



La Noce ou Le Mariage religieux  
[As Núpcias ou O Casamento religioso]  
1918  
Acervo The State Tretyakov Gallery | Moscou | Rússia



Paix aux chaumières – Guerre au palais  
[Paz nas choupanas – Guerra no palácio]

1918

Acervo The State Tretyakov Gallery | Moscou | Rússia



**Le Cirque**  
**[O Circo]**  
1919-1920  
Acervo The State Tretyakov Gallery | Moscou | Rússia

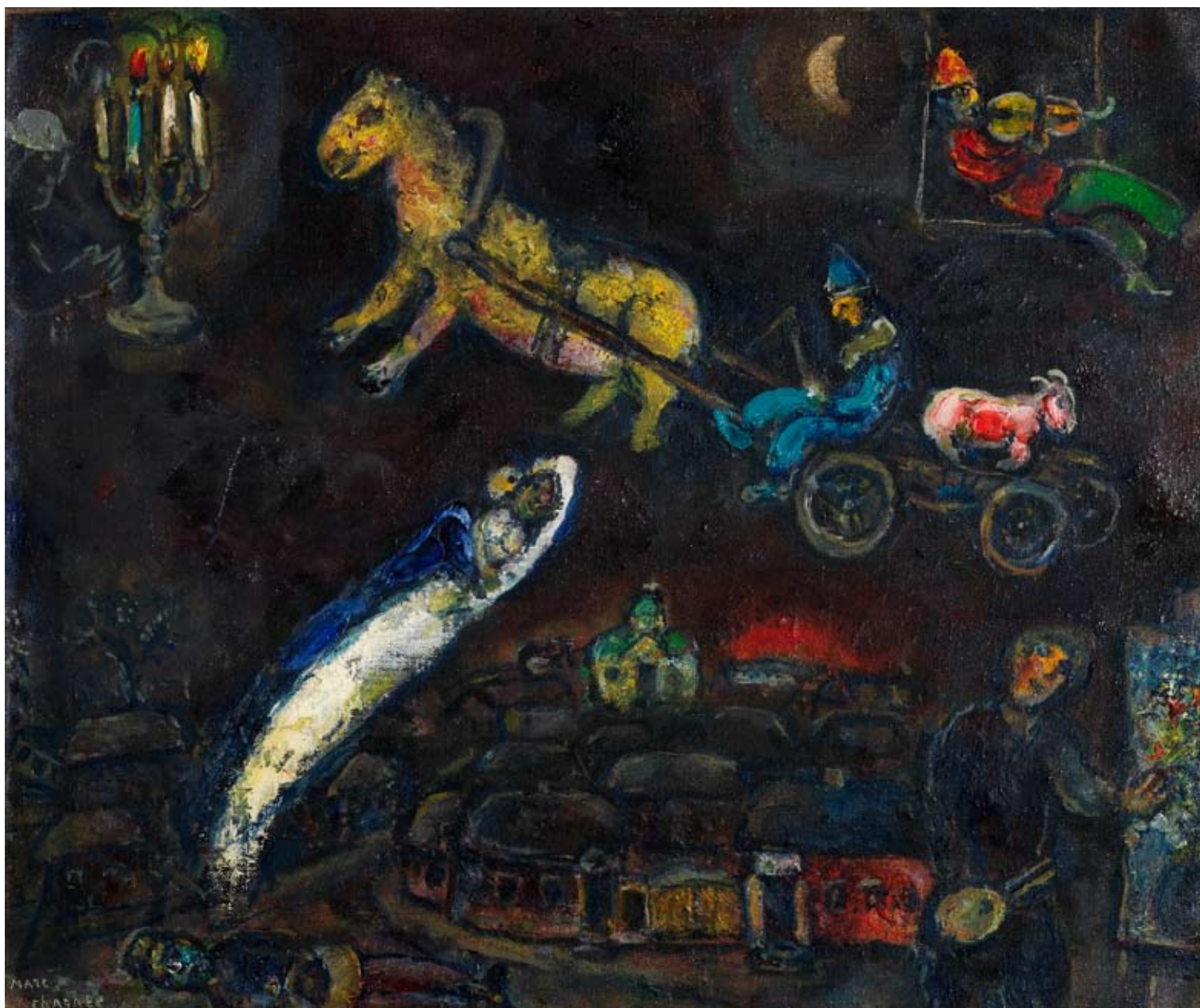


**Homem à table**  
**[Homem à mesa]**  
1927  
Coleção particular | São Paulo | SP





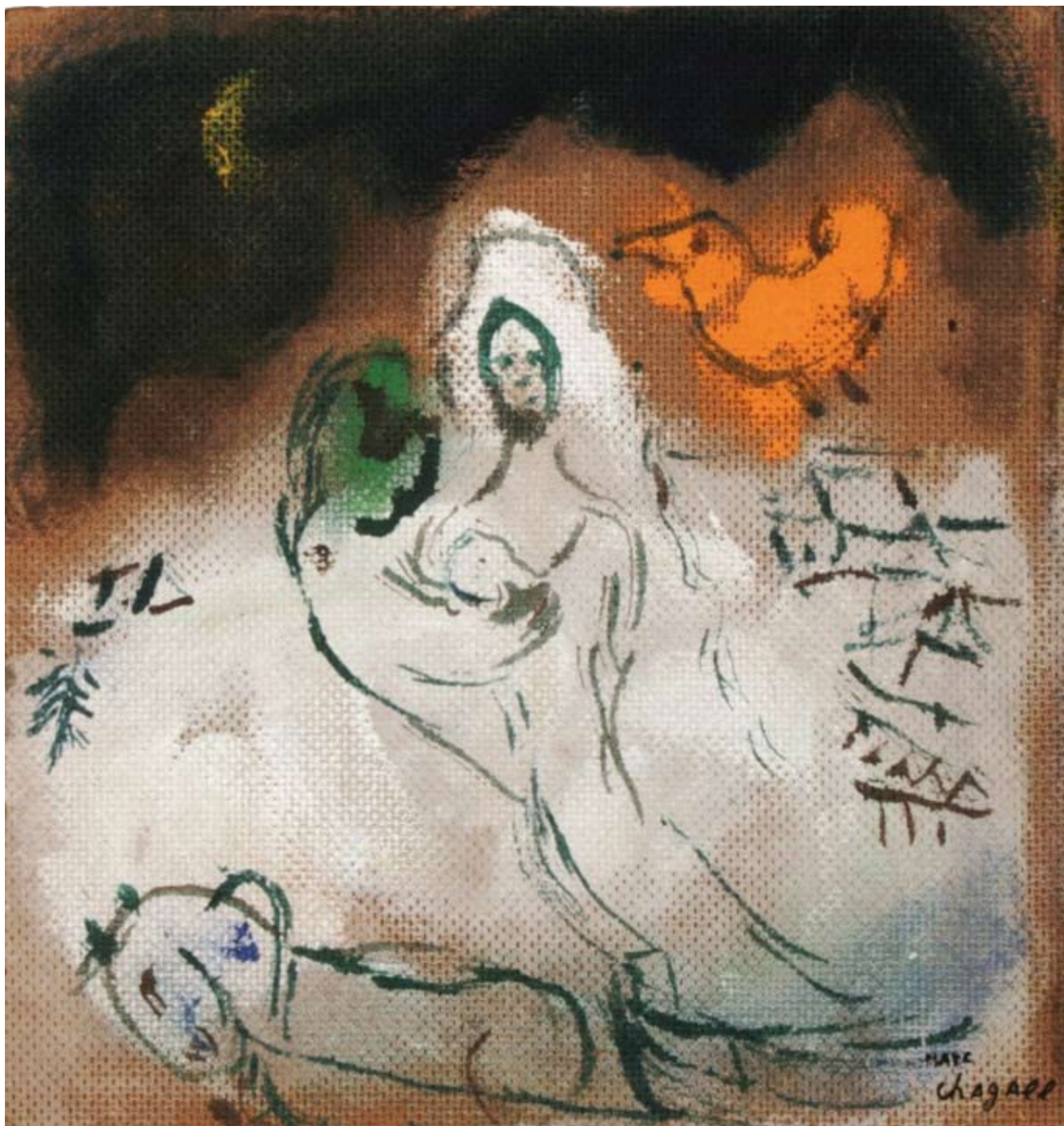
**Le Printemps ou Le Bouc au violon**  
**[A Primavera ou O Bode com violino]**  
1938  
Coleção MAC-USP | São Paulo | SP



Le Char sur la ville (Étude pour *Le Cheval d'Aleko*)  
[A Carroça sobre a cidade (Estudo para *O Cavalo de Aleko*)]  
c. 1953-1956  
Coleção particular | São Paulo | SP



Portrait de Vava  
[Retrato de Vava]  
c. 1953-1956  
Coleção particular | Milão | Itália



Esquisse pour *Les Mariés au traîneau et au coq rouge*  
[Estudo para *Os Noivos com trenó e galo vermelho*]  
1957  
Coleção Galeria Tega | Milão | Itália



Les Mariés au traîneau et au coq rouge  
[Os Noivos com trenó e galo vermelho]  
1957  
Acervo Fundação Ema Klabin | São Paulo | SP



Les Amoureux au coq  
[Os Amantes com galo]  
1957  
Coleção particular | Fortaleza | CE



Village au cheval vert ou Vision à la lune noire  
[Vilarejo com cavalo verde ou Visão sob a lua negra]  
1959  
Coleção particular | Fortaleza | CE



Le Peintre dans la nuit  
[O Pintor na noite]  
c. 1960-1965  
Coleção Giulio Tega | Milão | Itália



Esquisse pour *Le Cirque au village*  
[Estudo para *O Circo na cidade*]  
1966  
Coleção Fondation Pierre Gianadda | Martigny | Suíça

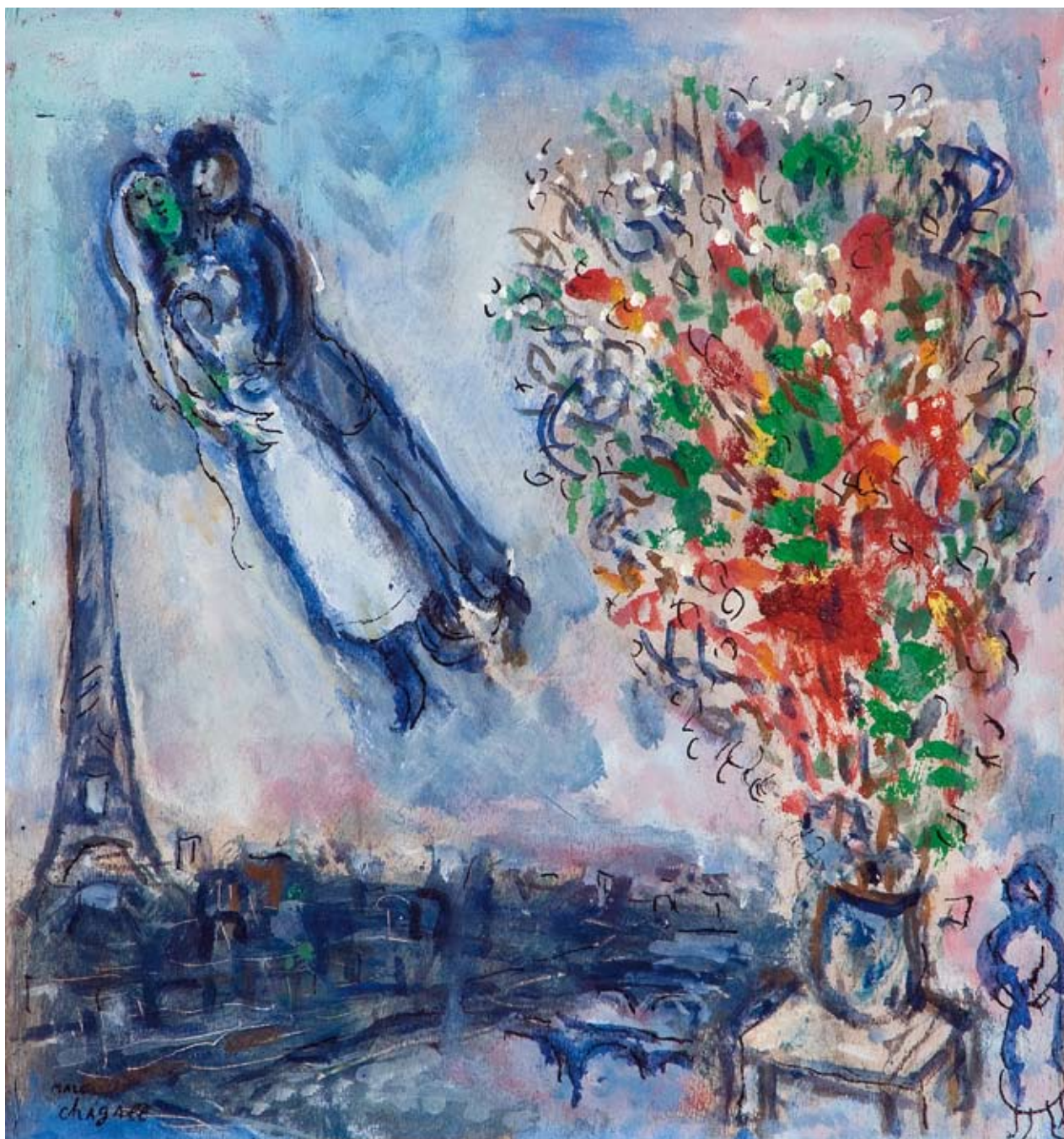


*Le Village*  
[A Cidade]  
1966  
Coleção particular | São Paulo | SP





**Bouquet de fleurs sur fond rouge**  
**[Buquê de flores sobre fundo vermelho]**  
c. 1970  
Coleção Giulio Tega | Milão | Itália



Les Mariés dans le ciel de Paris  
[Os Noivos no céu de Paris]  
c. 1970  
Coleção particular | Brasil



**Les Mariés aux trois musiciens**  
**[Os Noivos e os três músicos]**  
1972-1977  
Coleção Simão Mendel Guss | São Paulo | SP



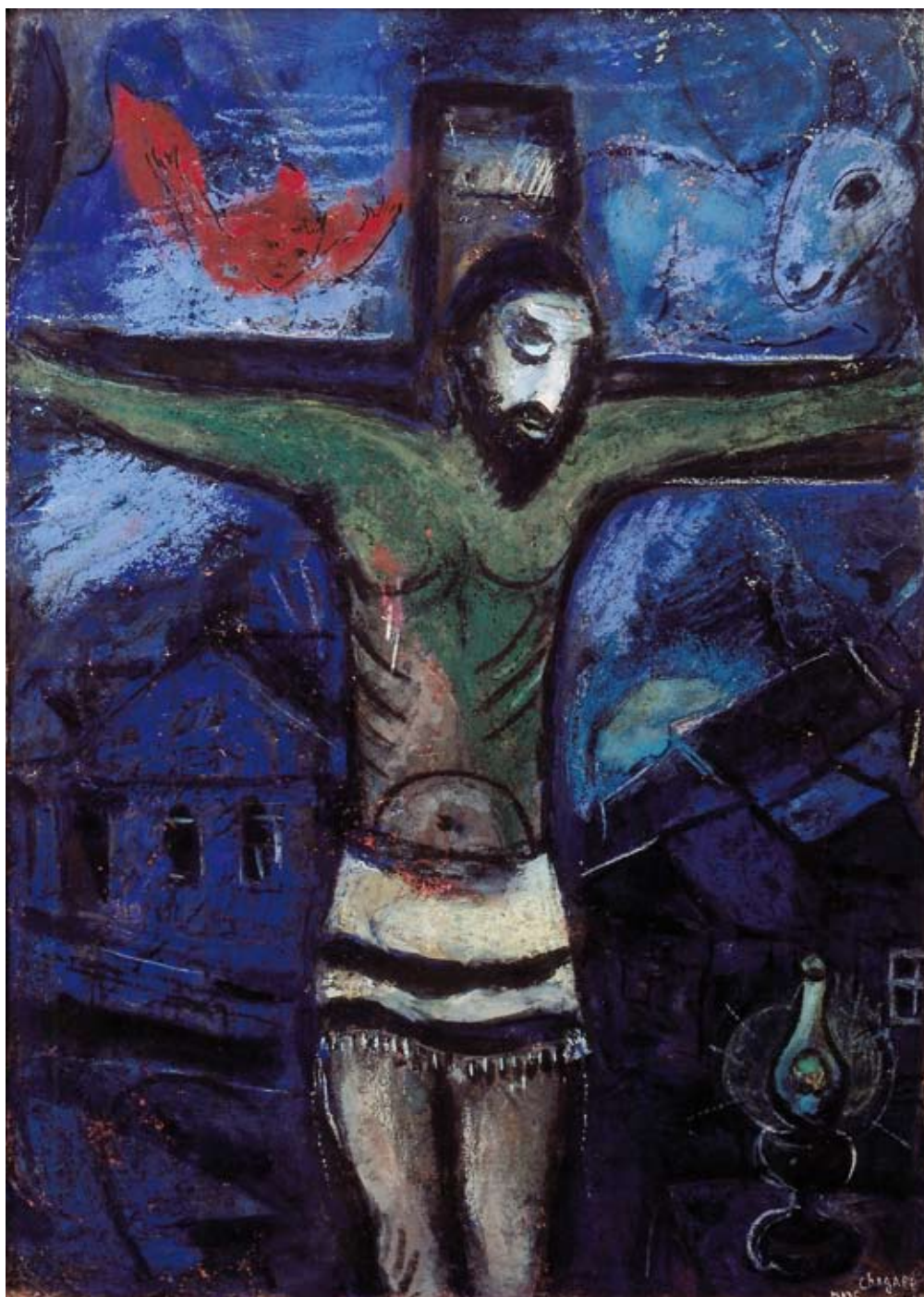
**En promenade**  
[Passeando]  
c. 1975-1978  
Coleção Galeria Tega | Milão | Itália



**La Musicienne**  
[A Musicista]  
1978  
Coleção Leopoldo Tega | Milão | Itália



**Le Rêve**  
**[O Sonho]**  
c. 1980  
Coleção particular | Milão | Itália



Le Christ dans la nuit  
[O Cristo na noite]  
Coleção particular | Rio de Janeiro | RJ



Oiseau  
[Pássaro]  
1964  
Coleção Fondation Pierre Gianadda | Martigny | Suíça



Poisson  
[Peixe]  
1964  
Coleção Fondation Pierre Gianadda | Martigny | Suíça



mourlot 25  
**L'Auge II**  
**[O Cocho]**  
1924

Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP





gravura 8 | Série Ma Vie [Minha Vida]  
**Maison à Peskowitz**  
[Casa em Peskowitz]  
1922  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP



Série Ma Vie [Minha Vida]  
**L'Homme au panier**  
[Homem com cesta]  
1922  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP



**Autoportrait au chapeau garni**  
[Autorretrato com chapéu enfeitado]

1928  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP



**Le Cheval à l'ombrelle**  
[O Cavalo com a sombrinha]

1928-1929  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP



mourlot 423a  
**Village gris**  
[Cidade cinzenta]  
c. 1964  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP



**Le Violoniste amoureux**  
[O Violinista apaixonado]  
c. 1967  
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky | São Paulo | SP

**Les Âmes mortes**  
**[As Almas mortas]**

1948

água-forte e ponta-seca sobre papel

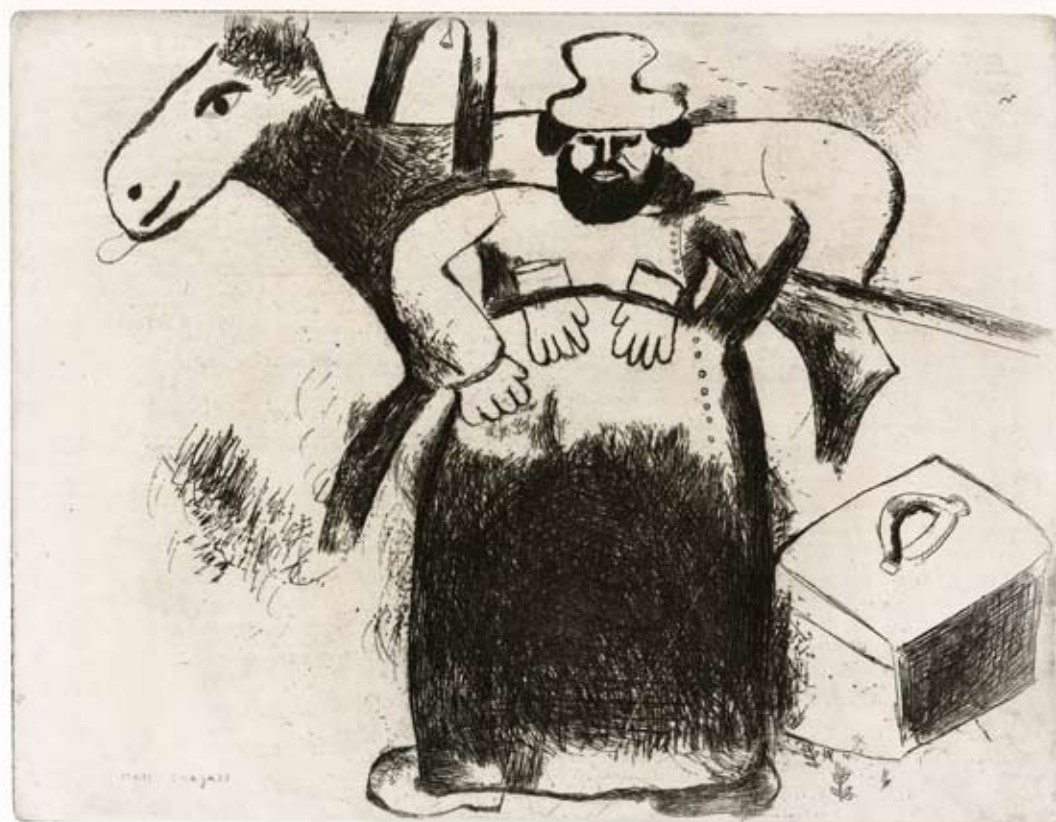
Coleção particular | Suíça



gravura III  
La Petite ville  
[A Cidadezinha]



gravura V  
Pétrouchka



gravura VI  
**Le Cocher Sélifane**  
[O Cocheiro Sélifane]



gravura VIII  
Manilov



gravura XIX  
L'Indication de la route  
[A Indicação do caminho]





gravura XXII  
Nozdriov



gravura XXIII  
Les Peintres  
[Os Pintores]



gravura XXIV  
Les Cartes à jouer  
[O Baralho]



gravura XXXI  
La Maison de Sobakévitch  
[A Casa de Sobakévitch]



gravura XXXVIbis  
**Sobakévitch près du fauteuil**  
[Sobakévitch junto à poltrona]



gravura XXIX  
**Le Père Mitiaï et le père Miniaï**  
[O Pai Mitiaï e o pai Miniaï]



gravura XXXV  
La Table chargée de victuailles  
[A Mesa repleta de alimentos]



gravura XXXVI  
**Sobakévitch à table**  
[Sobakévitch à mesa]



gravura XLVIII  
Gogol et Chagall  
[Gogol e Chagall]



gravura XLIXtr  
**Mort de Mets-les-pieds-dans-le-plat**  
[Morte dos intrometidos desajeitados]





gravura LIXter  
**Pétouchka retire les bottes**  
[Pétouchka tirando as botas]



**gravura LX**  
Etendus sur le lit  
[Deitados na cama]



gravura LXI  
**La Toilette de Tchitchikov**  
[A Toaleta de Tchitchikov]



gravura LXIV  
**Révélations de Nozdriov**  
[Revelações de Nozdriov]



gravura LIX  
**Agapes chez le maître de police**  
[Agapes junto ao chefe de polícia]



gravura LXXVII  
**Notre héros tenait à être prêt**  
[Nosso herói ansioso ao se aprontar]



gravura LXIX  
**La Fuite tout nu**  
[A Fuga completamente nu]



gravura LXVIII  
L'Orgie dégenère en rixe  
[A Orgia degenera em rixa]



gravura LXX  
**Les Fonctionnaires amaigris**  
[Os Funcionários emagrecidos]



gravura LXXIX  
**La Naissance de Tchitchikov**  
[O Nascimento de Tchitchikov]

**Les Fables de La Fontaine**  
**[As Fábulas de La Fontaine]**

1952

água-forte sobre papel

água-forte aquarelada sobre papel

Coleção particular | França





S 124

gravura 31 | sorlier 124  
Le Renard et le bouc  
[A Raposa e o bode]



gravura 34 | sorlier 127  
**Le Loup et la cigogne**  
[O Lobo e a cegonha]



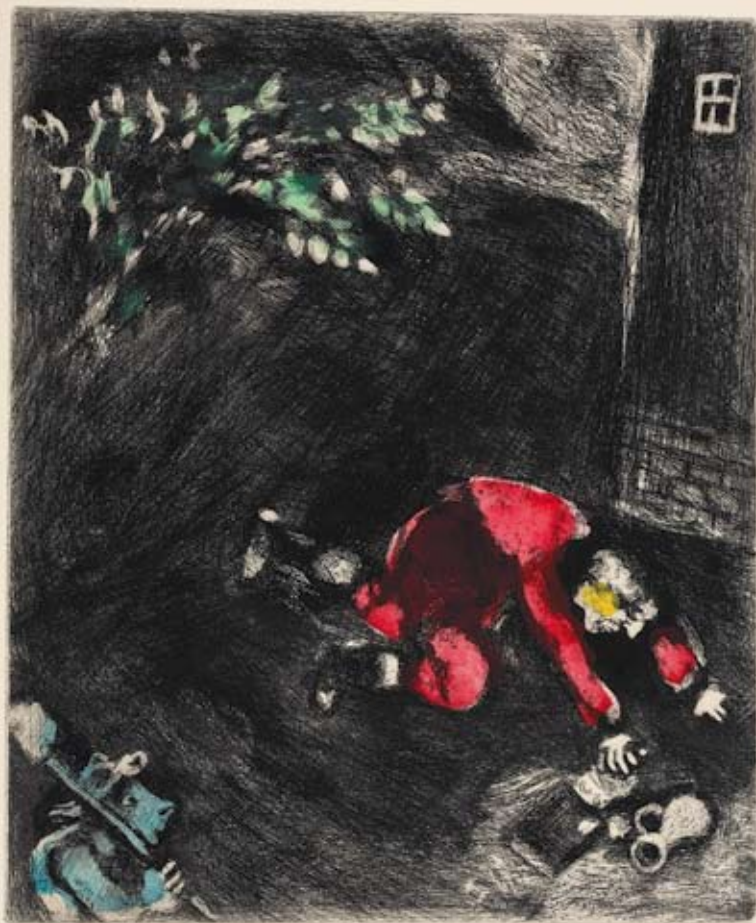
gravura 37 | sorlier 130  
**Les Loups et les brebis**  
[Os Lobos e as ovelhas]



gravura 40 | sorliert 138  
**Le Lion amoureux**  
[O Leão apaixonado]



gravura 46 | sorliert 139  
**Le Renard et le buste**  
[A Raposa e o busto]



142

gravura 49 | sorlier 142  
L'Avare qui a perdu son trésor  
[O Avarento que perdeu seu tesouro]



152

gravura 58 | sorlier 152  
**La Fortune et le jeune enfant**  
[A Fortuna e a criança pequena]



gravura 61 | sorlier 155  
**L'Aigle et le hibou**  
[A Águia e a coruja]



74

Marc Chagall

gravura 74 | sorlier 168  
**La Fille**  
[A Menina]



93

Marc Chagall

gravura 93 | sorlier 187  
**La Tortue et les deux canards**  
[A Tartaruga e os dois patos]



gravura 95 | sorlier 189  
**Les Poissons et le berger qui joue de la flûte**  
[Os Peixes e o pastor flautista]



gravura 97 | sorlier 191  
**Le Chat et les deux moineaux**  
[O Gato e os dois pardais]





gravura 98 | sorliet 192  
**Les Deux chèvres**  
[As Duas cabras]



gravura 18 | sorliet 111  
**Le Lion et le moucheron**  
[O Leão e a mosca]



gravura 28 | sorlier 121  
**Le Meunier, son fils et l'âne**  
[O Moleiro, seu filho e o asno]



*Deo alicui  
Chaplin*

gravura 54 | sorlier 148  
**Le Petit poisson et le pêcheur**  
[O Peixinho e o pescador]



Am. - 169  
1871

gravura 75 | sorlier 169  
**La Laitière et le pot au lait**  
[A Leiteira e o jarro de leite]



Am. - 171  
1871

gravura 79 | sorlier 171  
**Le Savetier et le financier**  
[O Sapateiro e o financista]



gravura 88 | sorlière 182  
**Le Singe et le léopard**  
[O Macaco e o leopardo]



gravura 96 | sorlière 190  
Les Deux perroquets, le roi et son fils  
[Os Dois papagaios, o rei e seu filho]



Bon  
Sorliér

gravura 1 | sorliér 195  
**Le Corbeau et le renard**  
[O Corvo e a raposa]

**La Bible**  
**[A Bíblia]**

1956

água-forte aquarelada sobre papel

Coleção particular | França





22  
70

1931

113

gravura 1  
Création de l'homme  
[Criação do homem]



19  
/ 100

A.C.

gravura 7 | sorlier 205  
**Abraham et les trois anges**  
[Abraão e os três anjos]



19  
/ 100

A.C.

gravura 10 | sorlier 208  
**Le Sacrifice d'Abraham**  
[O Sacrifício de Abraão]



gravura 12 | sorlier 209  
**Rébecca à la fontaine**  
[Rebeca na fonte]



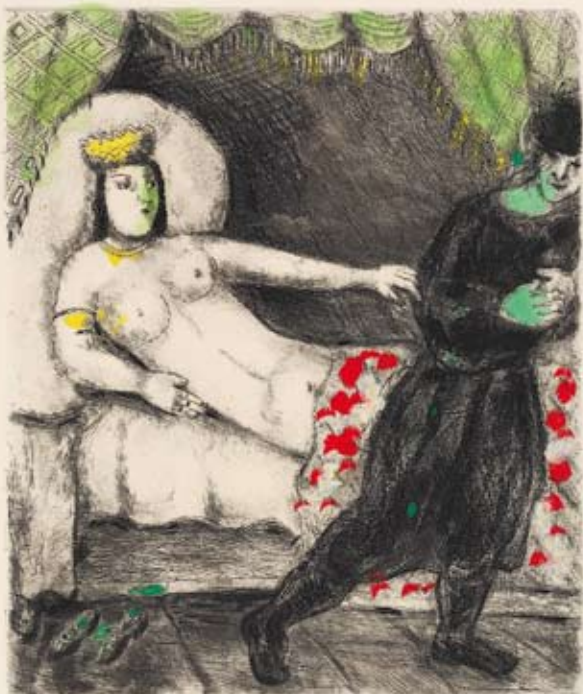
gravura 16 | sorlier 214  
**La Lutte avec l'ange**  
[A Luta com o anjo]



gravura 18 | sorlier 215  
**Joseph berger**  
[José pastor]



gravura 19 | sorlier 216  
**Joseph et ses frères**  
[José e seus irmãos]



gravura 21 | sorlier 218  
**La Femme de Potiphar**  
[A Esposa de Potifar]



gravura 26 | sorlier 224  
**Moïse sauvé des eaux**  
[Moisés é salvo das águas]



gravura 28 | sorlier 226  
**Moïse et le serpent**  
[Moisés e a serpente]



gravura 97 | sorlier 230  
**Le Repas de la Pâque**  
[A Refeição da Páscoa]





33  
/100

M. Ch.

gravura 33 | sorlier 234  
**La Sortie d'Égypte**  
[A Saída do Egito]



M. S.

gravura 35 | sorlier 232  
**Danse de Marie soeur de Moïse**  
[Dança de Miriã irmã de Moisés]



M. S.

gravura 37 | sorlier 235  
**Moïse reçoit les Tables de la Loi**  
[Moisés recebe as Tábuas da Lei]



gravura 38 | sorliet 236  
**Le Veau d'or**  
[O Bezerro de ouro]



gravura 40 | sorliet 238  
**Aaron et le chandelier**  
[Arão e o castiçal]



gravura 54 | sorlier 254  
**Samson et le lion**  
[Sansão e o leão]



gravura 57 | sorlier 255  
**Samson renverse les colonnes**  
[Sansão derruba as colunas]



gravura 69 | sorlier 267  
**David et Bath-Schéba**  
[Davi e Betsabá]



gravura 72 | sorlier 268  
**Fin d'Absalon**  
[Fim de Absalão]



gravura 75 | sorlier 274  
**Bath-Schéba aux pieds de David**  
[Betsabá aos pés de Davi]



25  
190

M. C. L.

gravura 76 | sorlier 273  
**L'Onction du roi Salomon**  
[A Unção do rei Salomão]



57

H. Ch.





gravura 88 | sorlier 286  
**La Vision d'Élie**  
[A Visão de Elias]

gravura 89 | sorlier 284  
**Élie enlevé au ciel**  
[Elias sobe ao céu]



gravura 96 | sorlier 294  
**Promesse à Jérusalem**  
[Promessa em Jerusalém]



gravura 32 | sorlier 295  
**L'Homme guidé par l'éternel**  
[O Homem guiado pela eternidade]



gravura 105 | sorlier 303  
**Vocation d'Ezéchiél**  
[Vocação de Ezequiel]

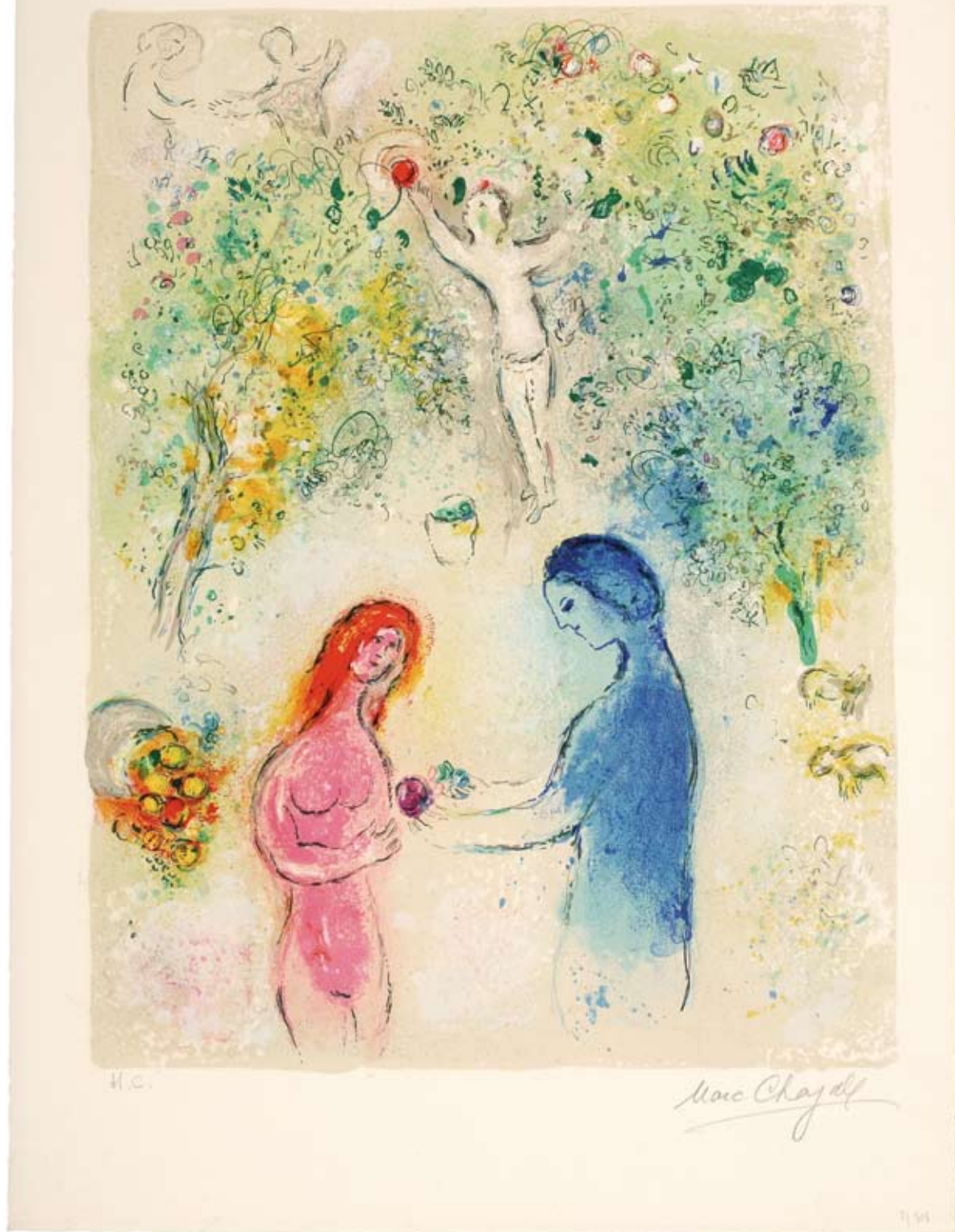
**Daphnis et Chloé**  
**[Dafne e Cloé]**

Série completa

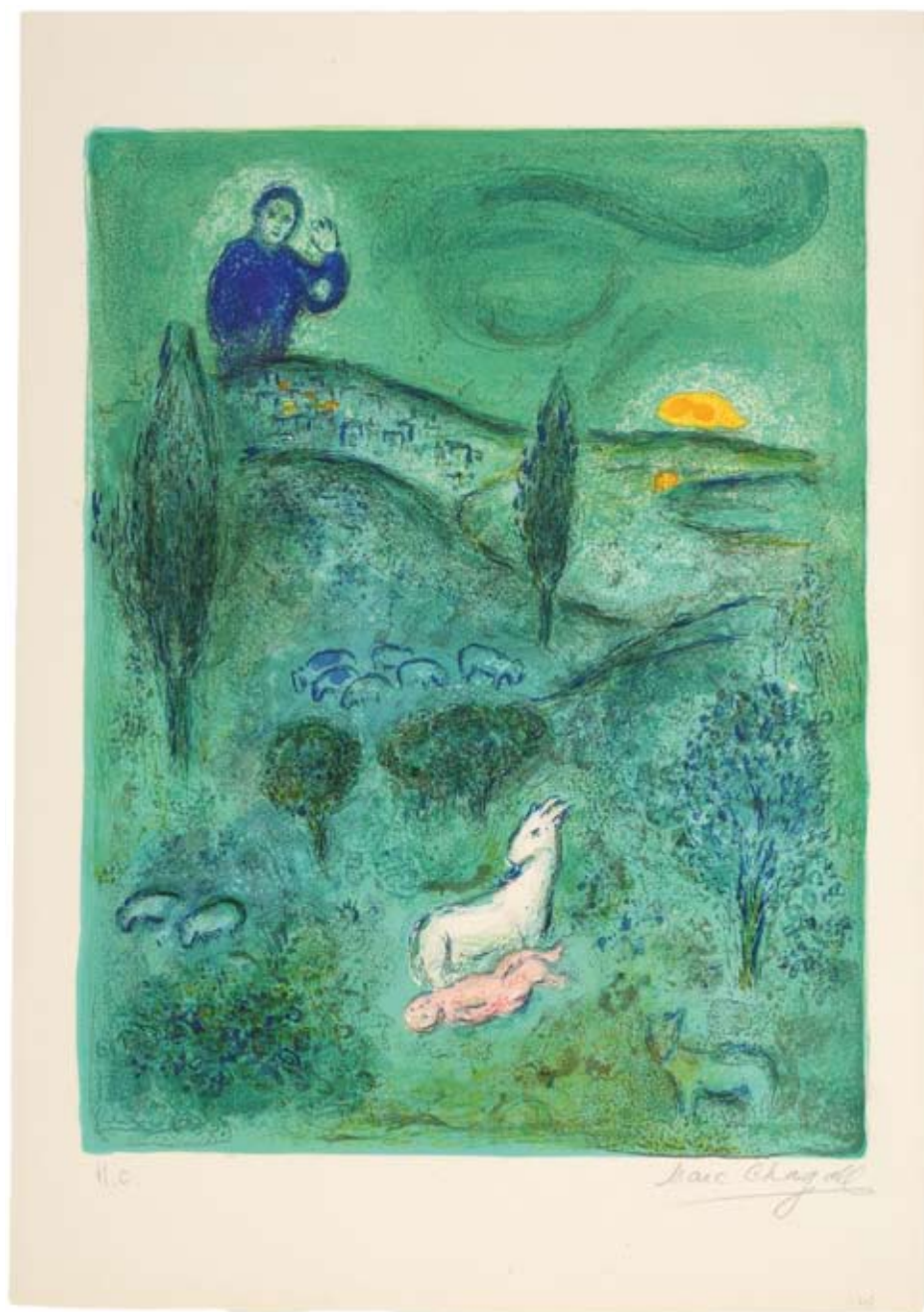
1961

litografia em cores sobre papel

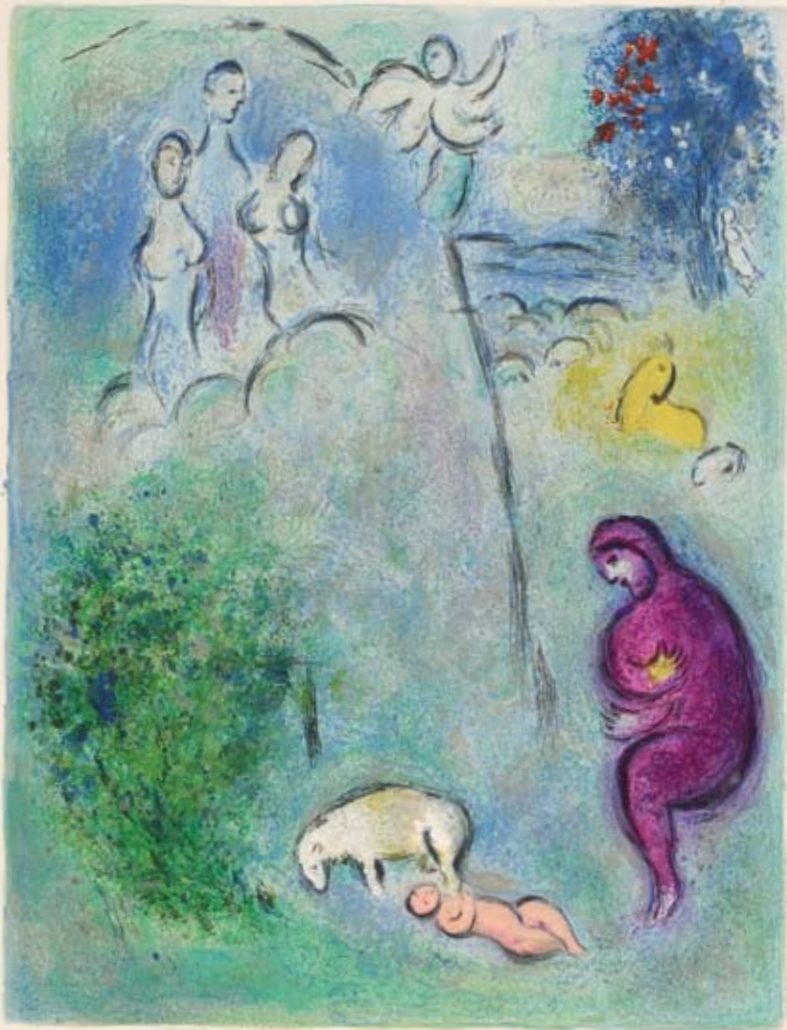
Coleção particular | França



mourlot 308  
Daphnis et Chloé – Frontispice  
[Dafne e Cléo – Frontispício]



mourlot 309  
Découverte de Daphnis par Lamon  
[Descoberta de Dafne por Lamon]



mourlot 310  
Découverte de Chloé par Daphnis  
[Descoberta de Cloé por Dafne]



mourlot 311  
Songe de Lamon et de Dryas  
[Sonho de Lamon e de Dryas]



H.C.

Marc Chagall

mourlot 312  
Le Piège à loups  
[A Armadilha para lobos]

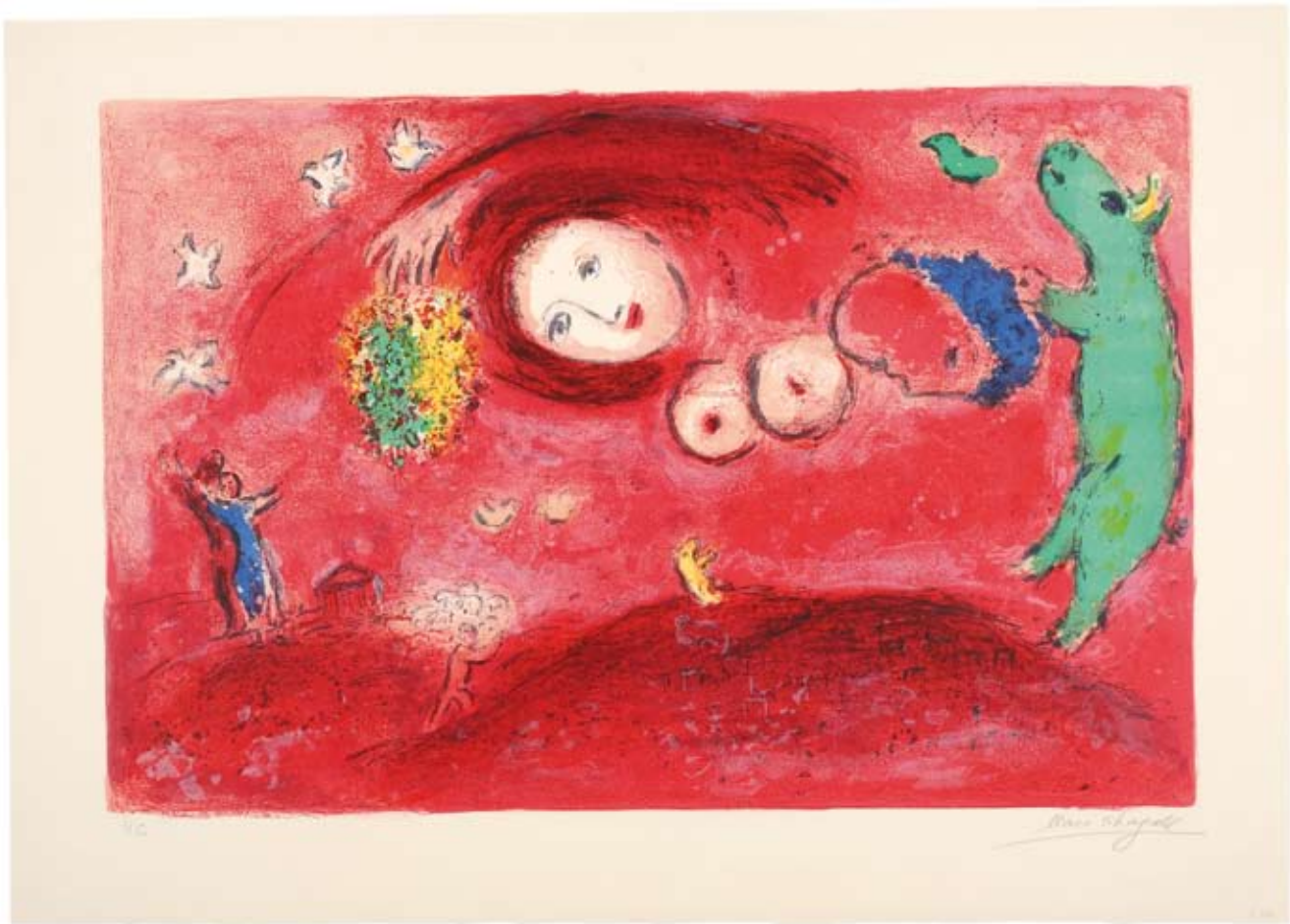


H.C.

Marc Chagall

mourlot 313  
Daphnis et Chloé au bord de la fontaine  
[Dafne e Cloé à beira da fonte]





mourlot 314  
Printemps au pré  
[Primavera na pradaria]



mourlot 315  
**Le Jugement de Chloé**  
[O Julgamento de Cloé]



H.C.

Marc Chagall

mourlot 316  
Le Baiser de Chloé  
[O Beijo de Cloé]



H.C.

Marc Chagall

mourlot 317  
La Ruse de Dorcon  
[O Estratagema de Dorcon]



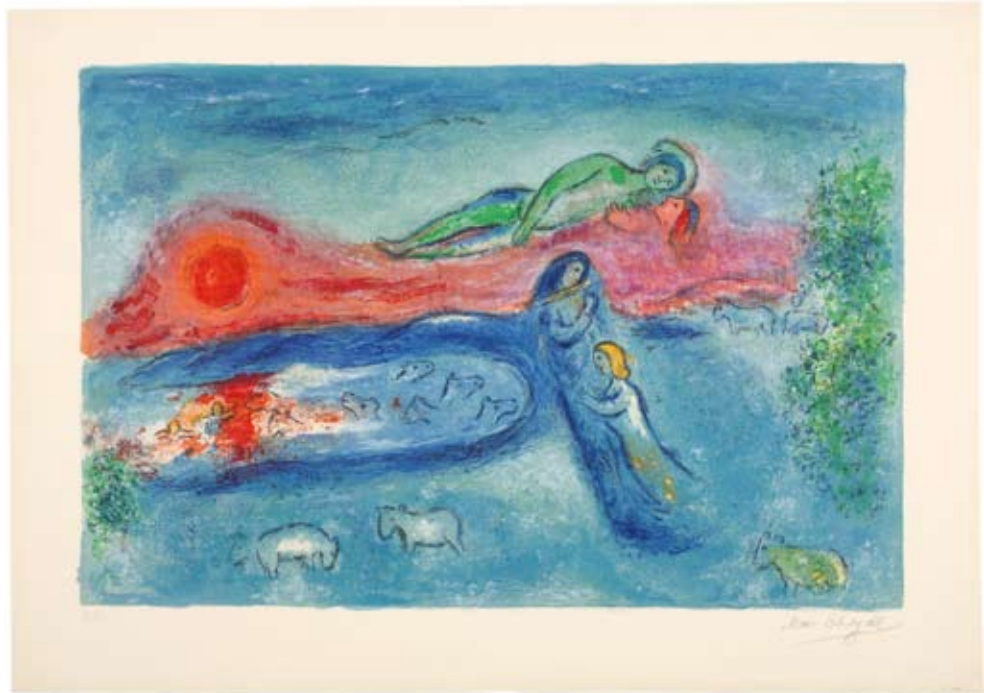
H.C.  
Marc Chagall

mourlot 318  
À Midi, l'été  
[Ao Meio-dia, o verão]



H.C.  
Marc Chagall

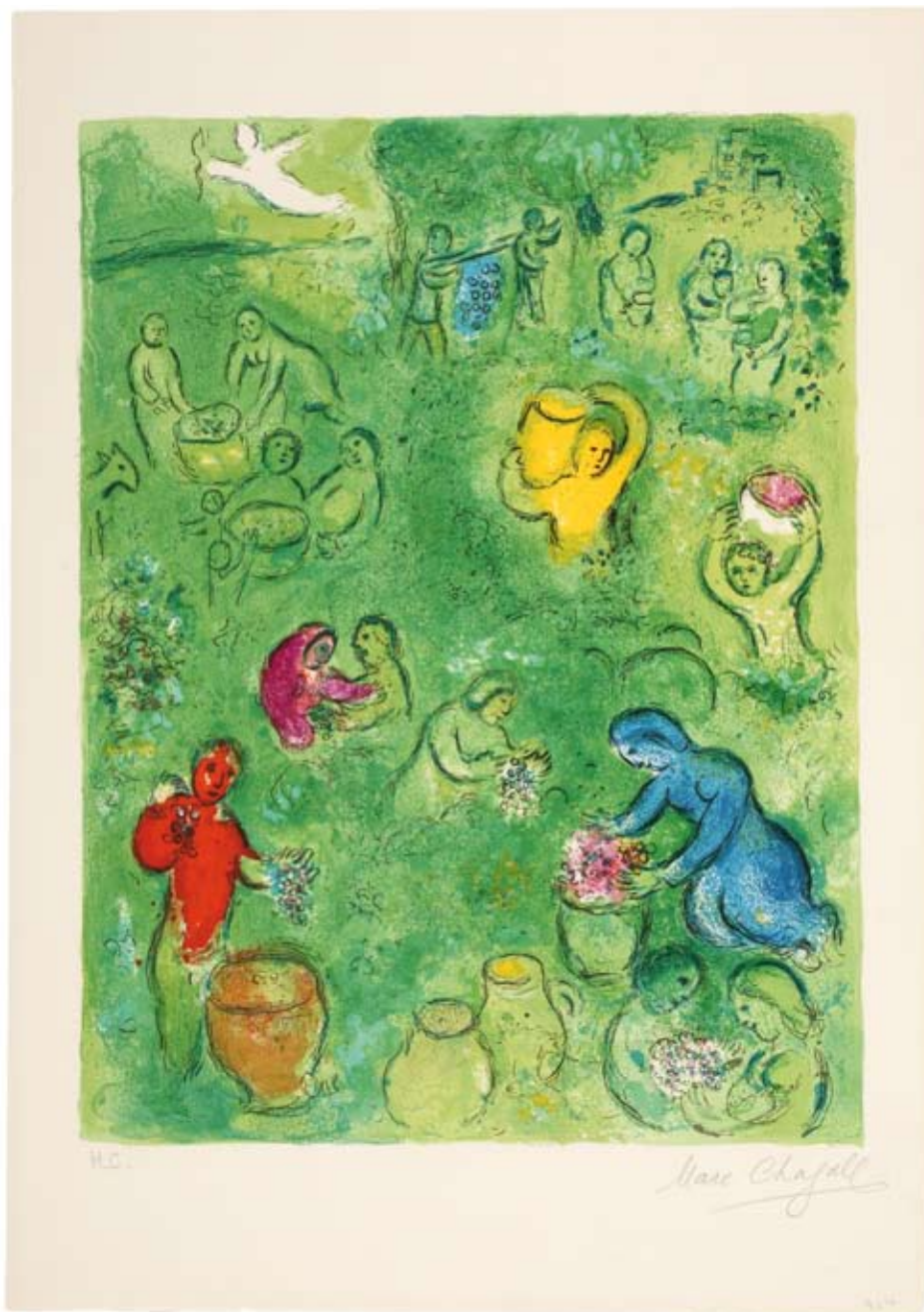
mourlot 319  
L'Arondelle  
[A Andorinha]



mourlot 320  
**La Mort de Dorcon**  
[A Morte de Dorcon]



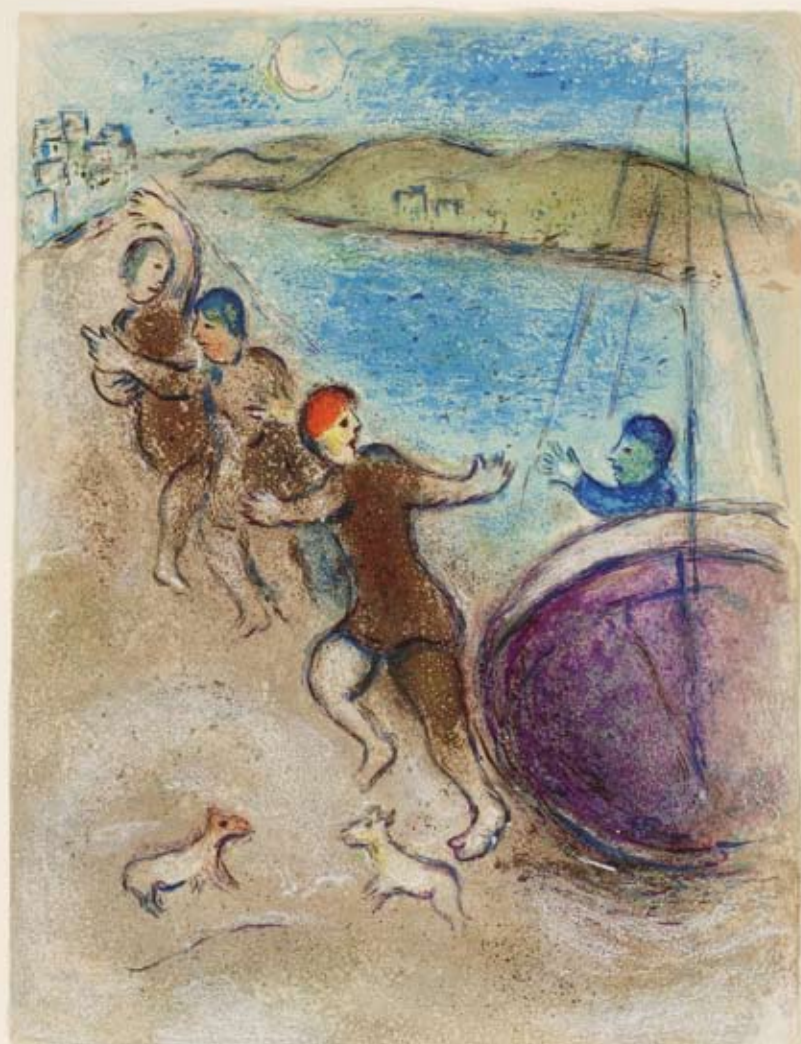
mourlot 321  
**La Caverne des nymphes**  
[A Caverna das ninfas]



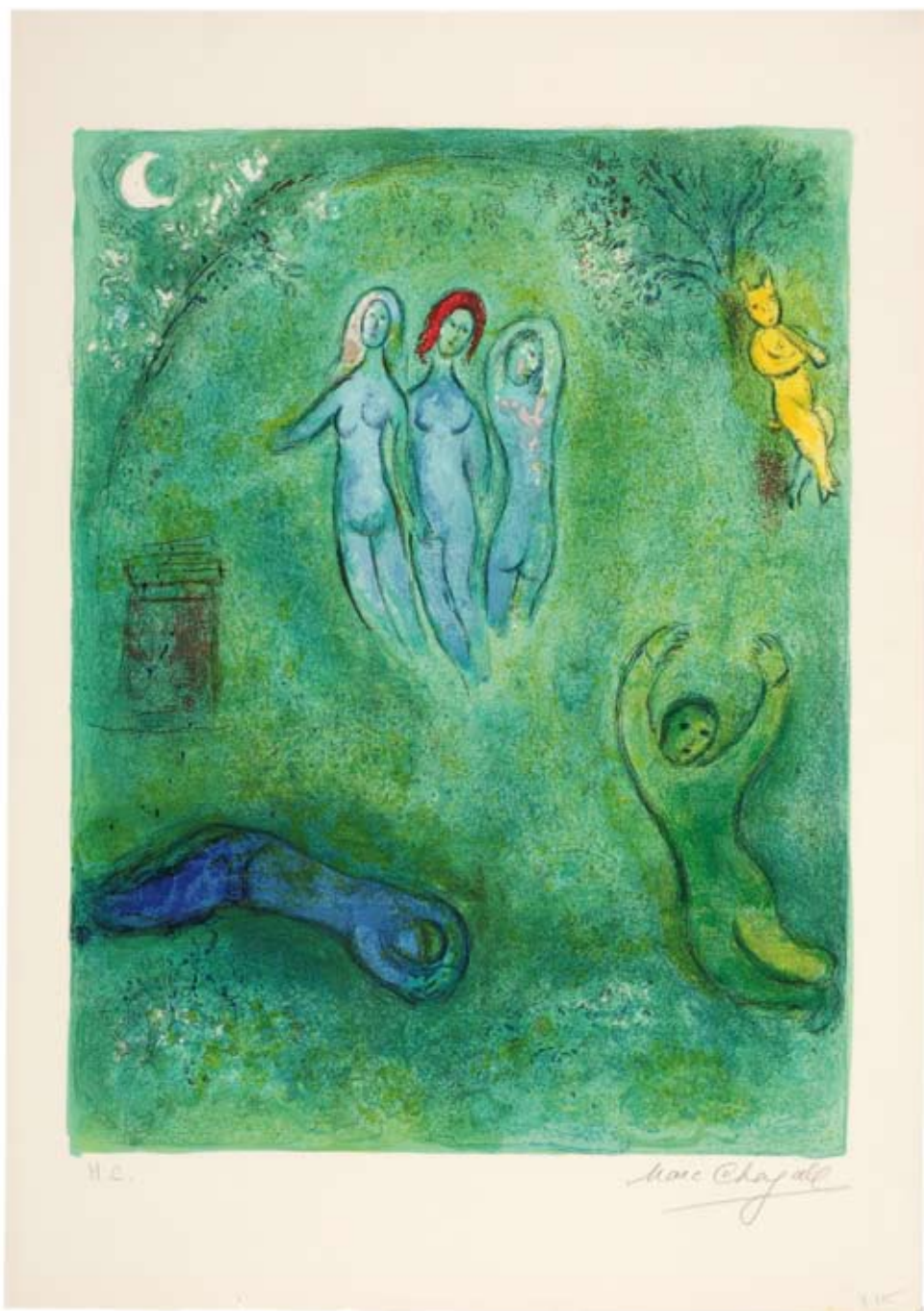
mourlot 322  
Les Vendanges  
[As Vindimas]



mourlot 323  
La Leçon de Philéas  
[A Lição de Filotas]



mourlot 324  
Les Jeunes gens de Méthymne  
[Os Jovens de Mithymna]



mourlot 325  
Le Songe de Daphnis et les nymphes  
[O Sonho de Dafne e as ninfas]





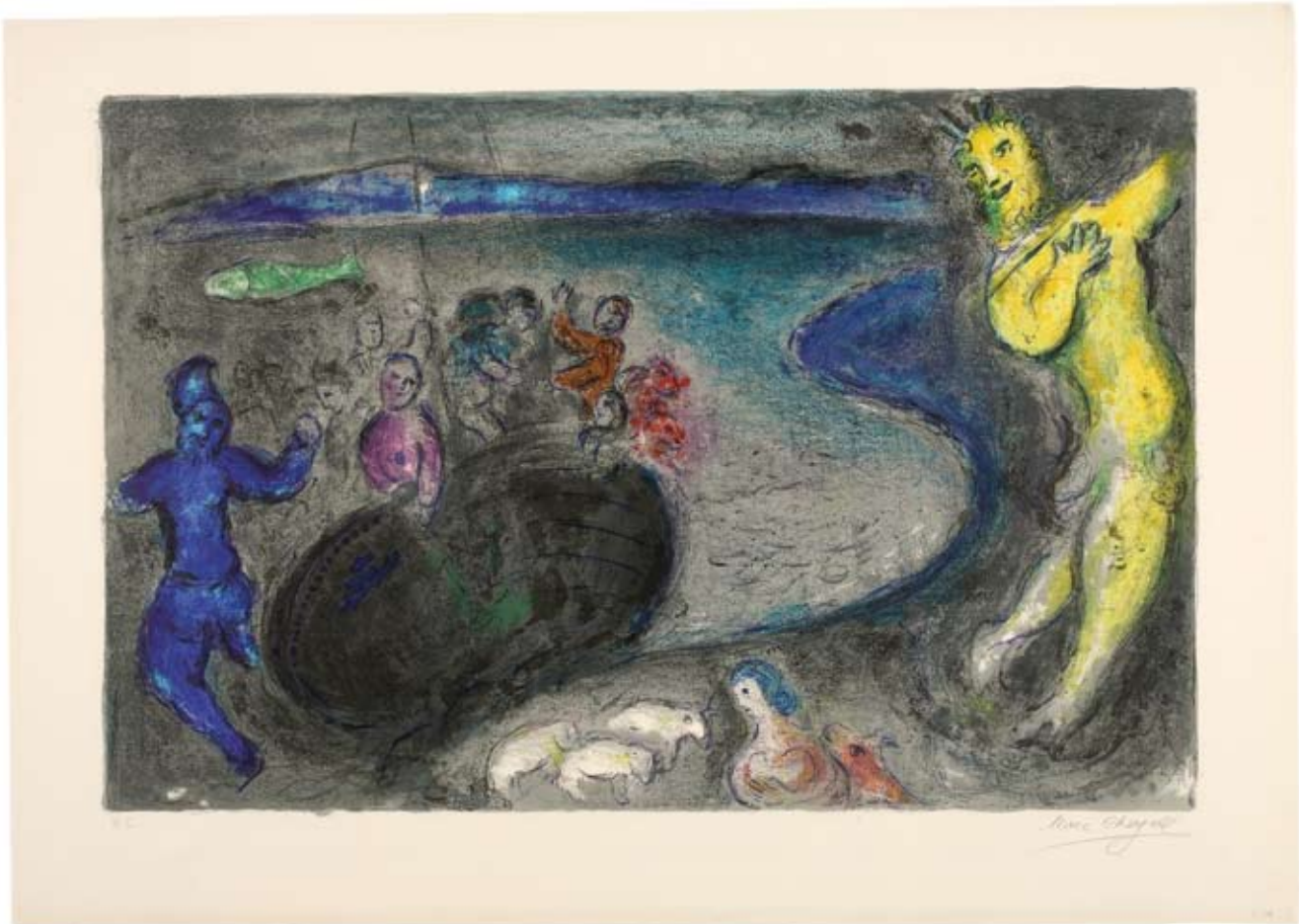
Marc Chagall

mourlot 326  
Le Verger de Philéas  
[O Pomar de Filotas]



Marc Chagall

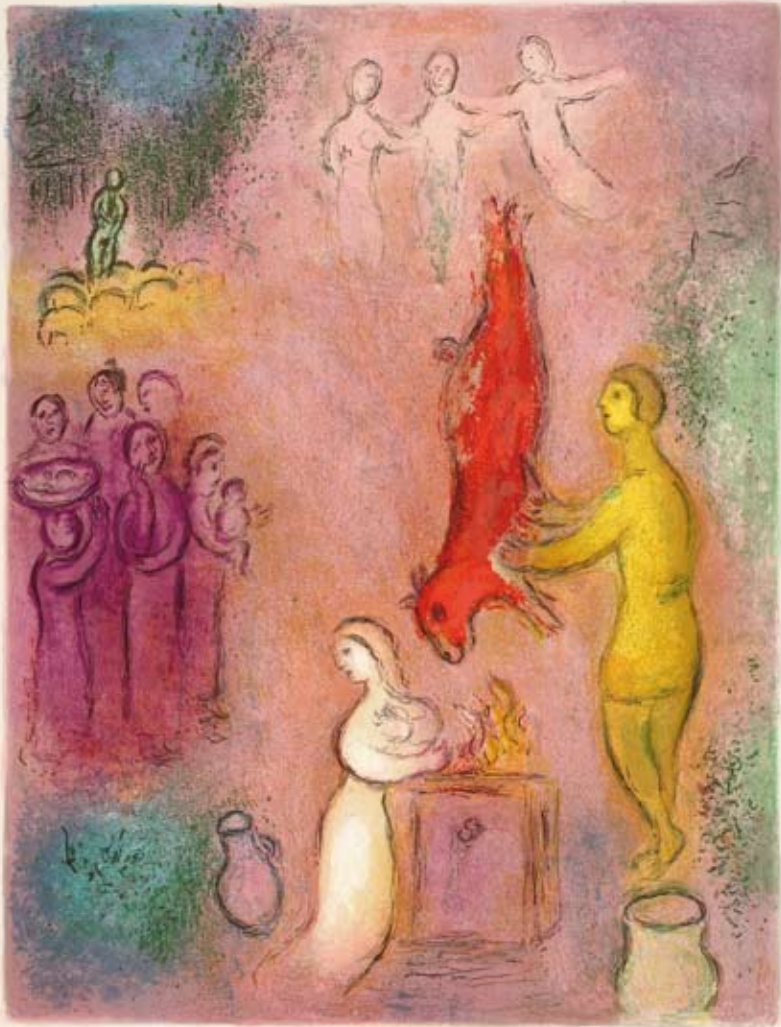
mourlot 327  
Enlèvement de Chloé  
[Rapt de Cloé]



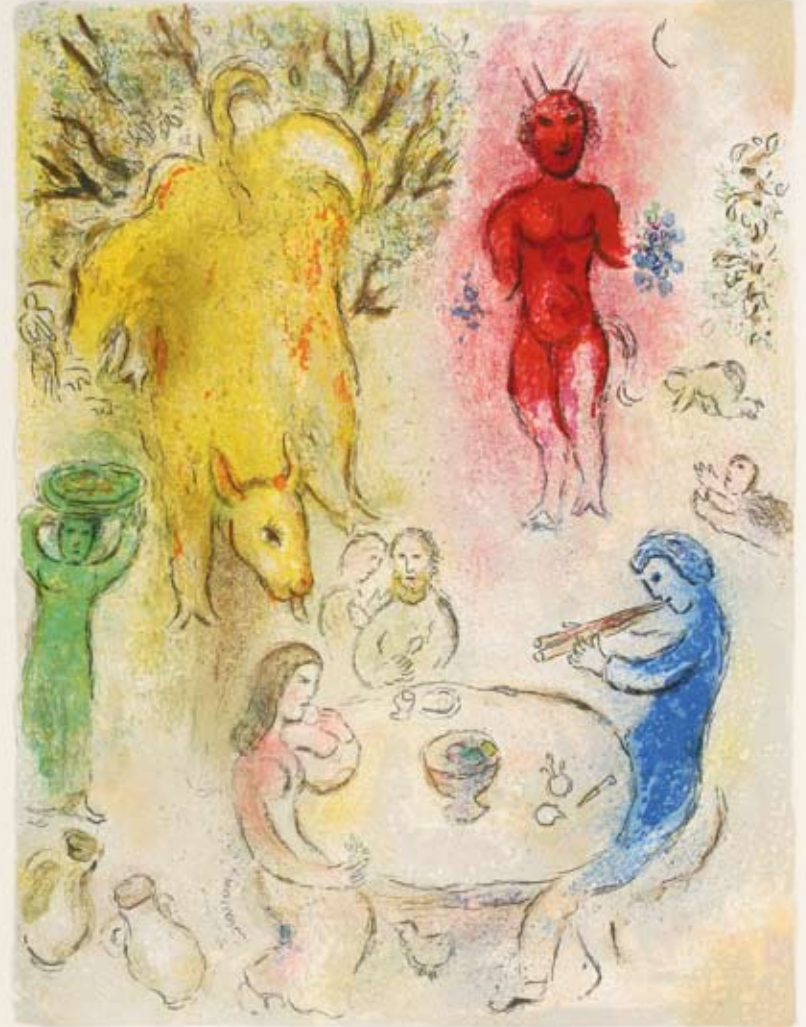
mourlot 328  
**Le Songe du capitaine Bryaxis**  
**[O Sonho do capitão Bryaxis]**



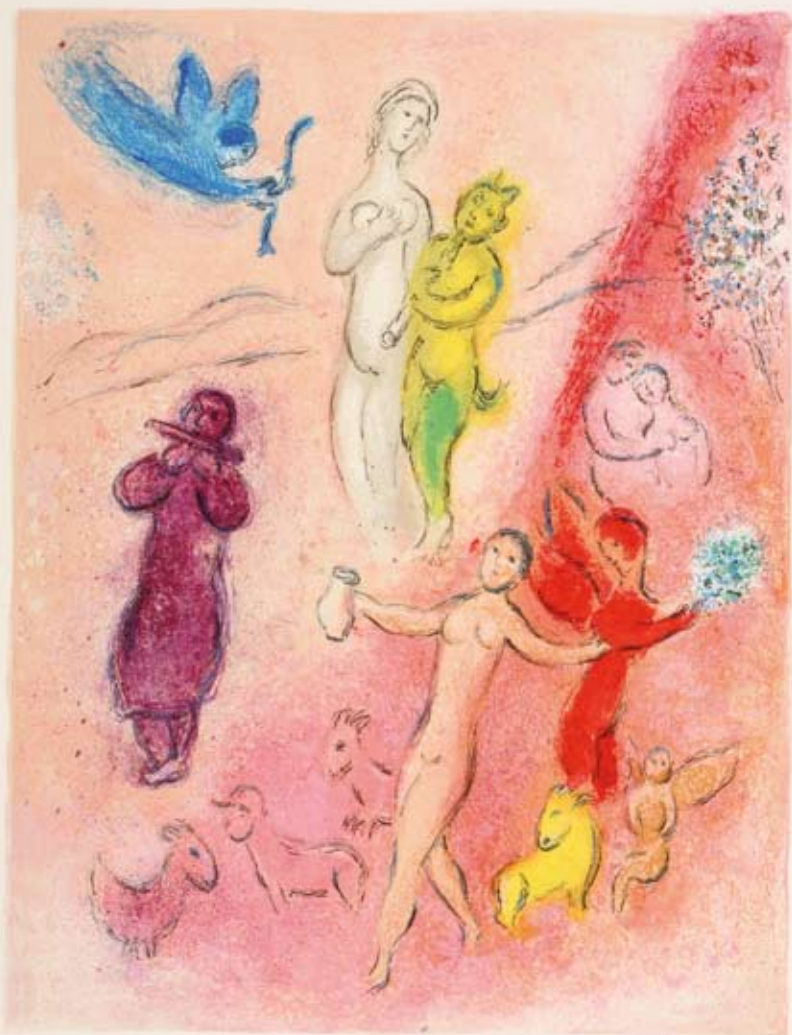
mourlot 329  
**La Chasse aux oiseaux**  
[A Caça aos pássaros]



mourlot 330  
**Sacrifice aux nymphes**  
[Sacrificio às ninfas]

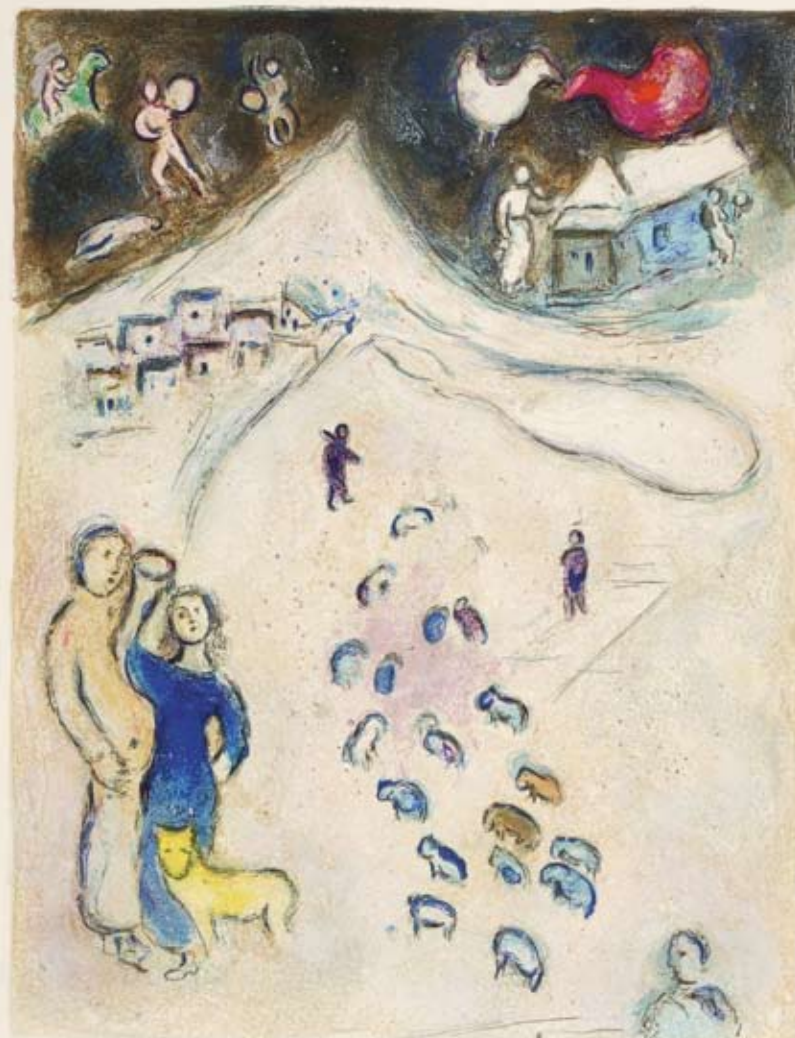


mourlot 331  
**Banquet de Pan**  
[Banquete de Pã]



H.C.  
 Marc Chagall

mourlot 332  
 La Fable de Syringe  
 [A Fábula de Síringe]



H.C.  
 Marc Chagall

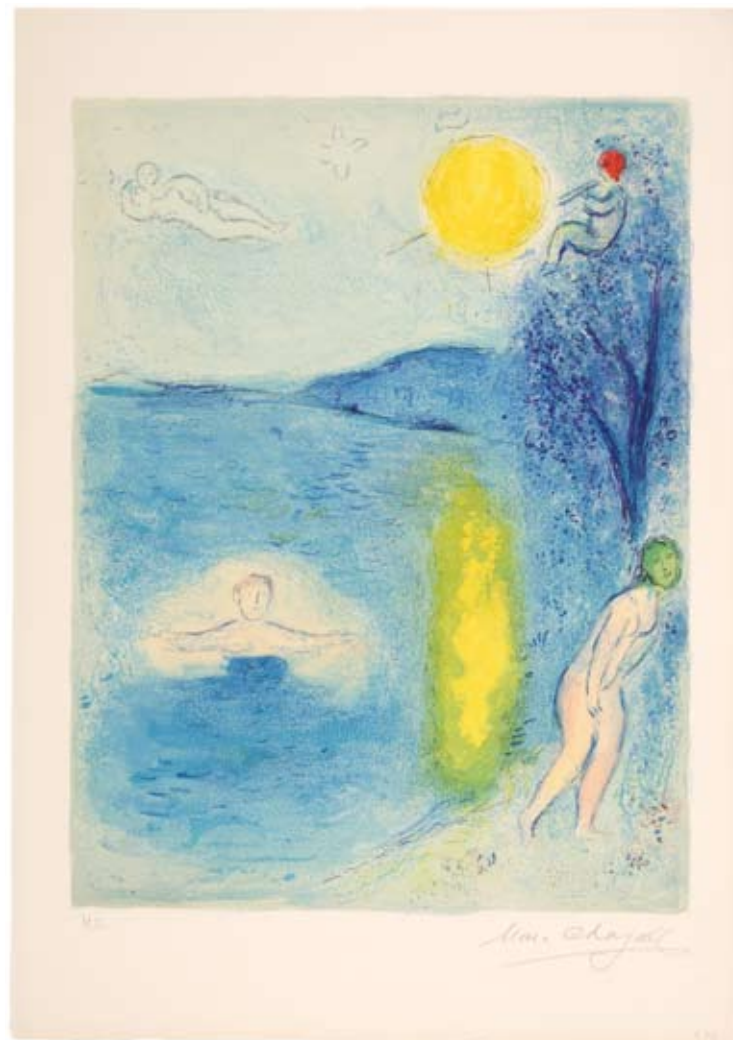
mourlot 333  
 L'Hiver  
 [O Inverno]



mourlot 334  
**Le Repas chez Dryas**  
[A Refeição na casa de Dryas]

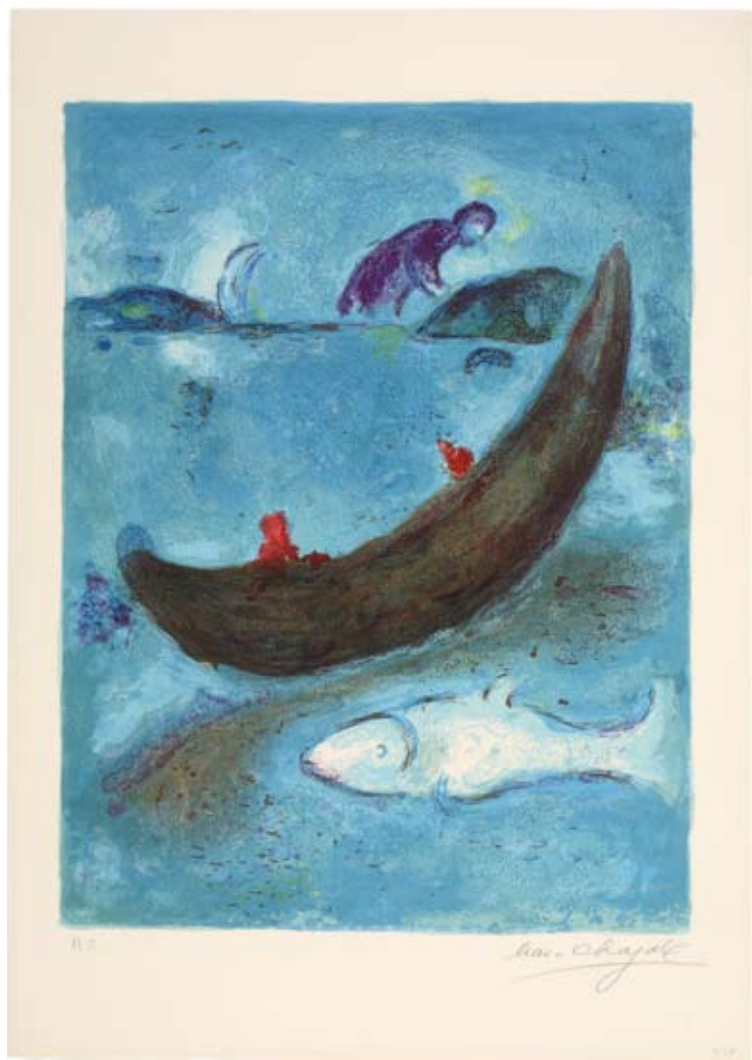


mourlot 336  
**Daphnis et Lycénion**  
[Dafne e Lycénion]



mourlot 337  
**La Saison d'été**  
[A Estação do verão]

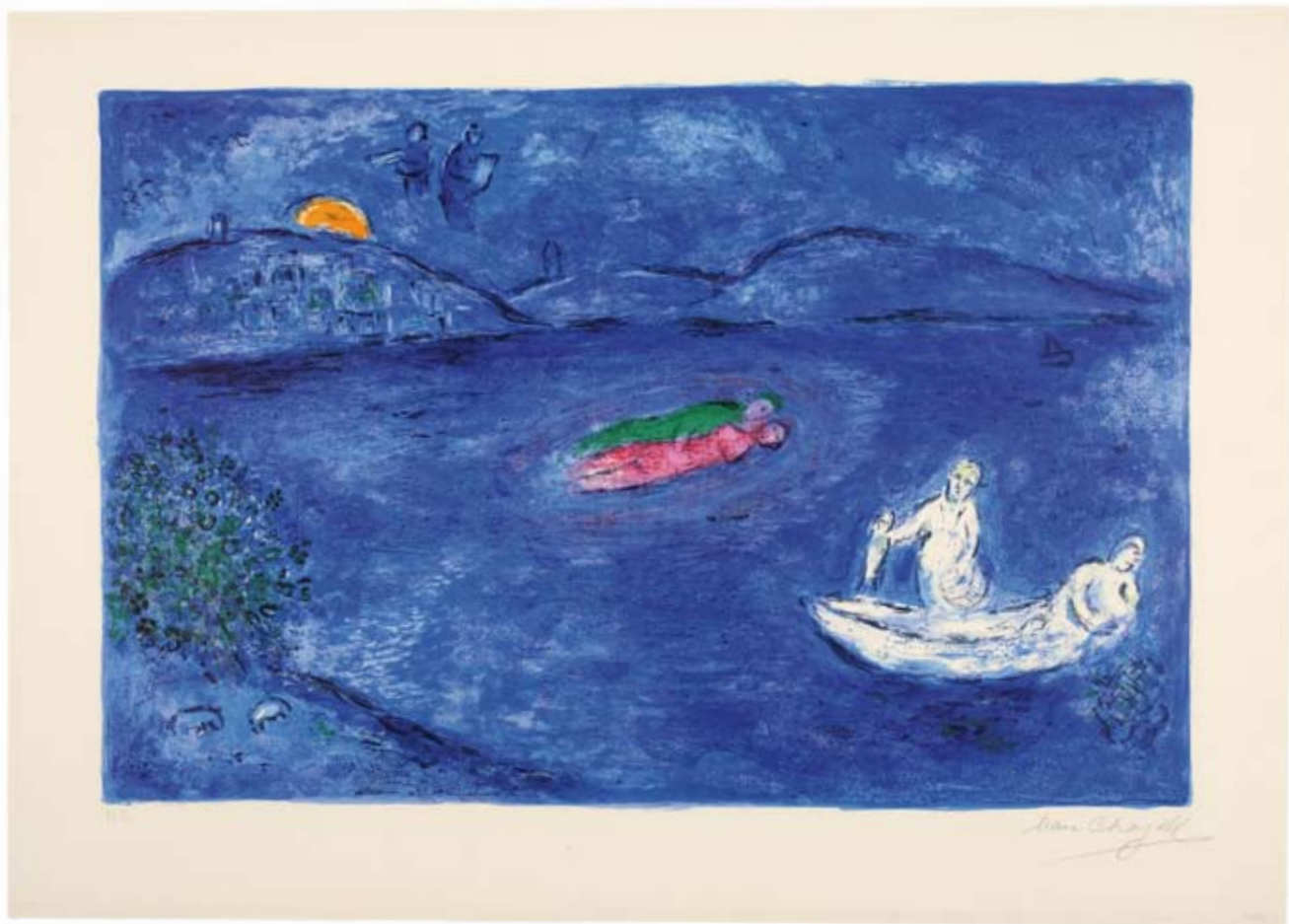




mourlot 338  
**Le Dauphin mort et les trois cents écus**  
[O Golfinho morto e os trezentos escudos]



mourlot 339  
**Chloé**  
[Chloé]



mourlot 340  
L'Écho  
[O Eco]



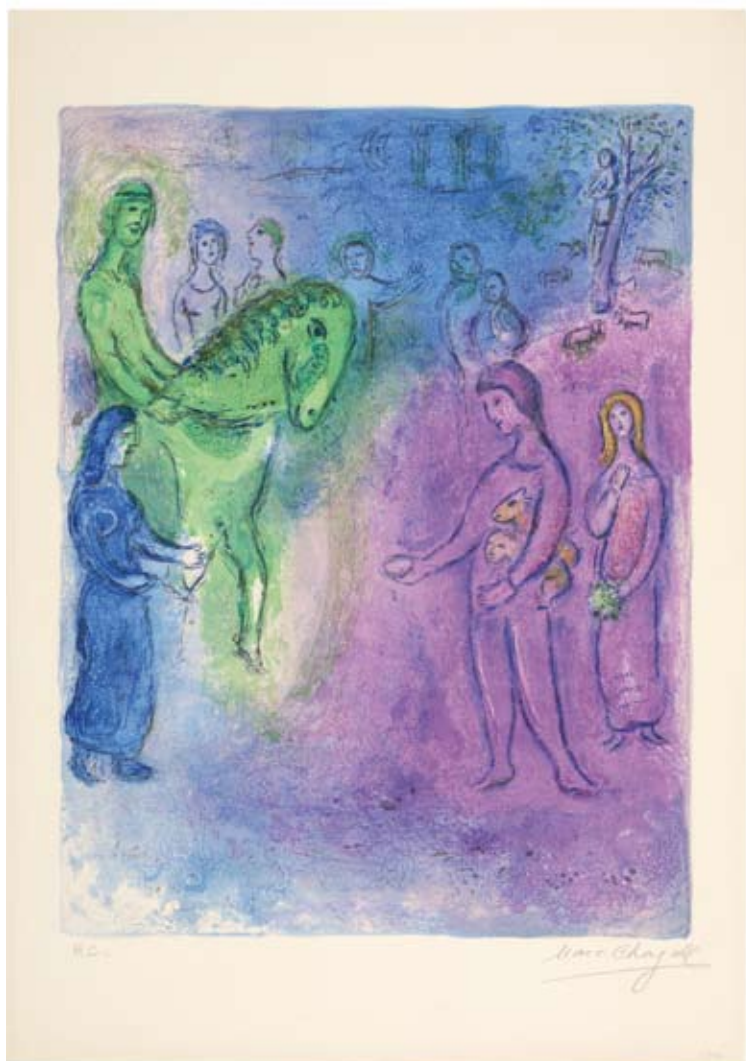
mourlot 341  
**Le Verger**  
[O Pomar]



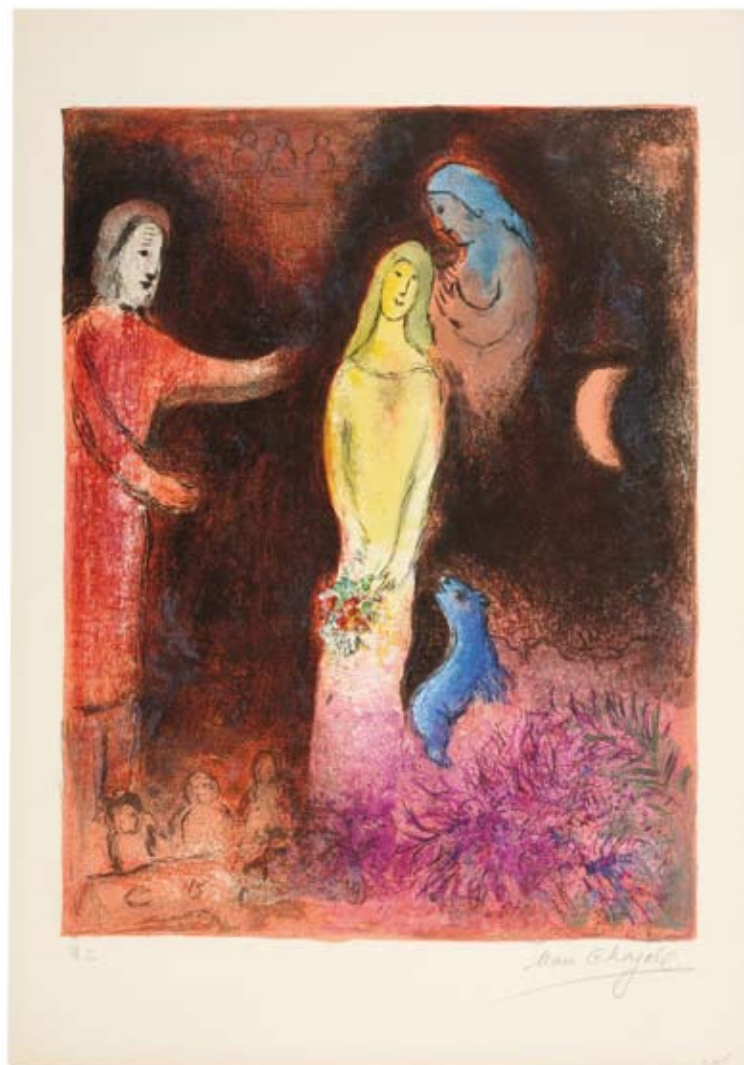
mourlot 342  
**Les Fleurs saccagées**  
[As Flores saqueadas]



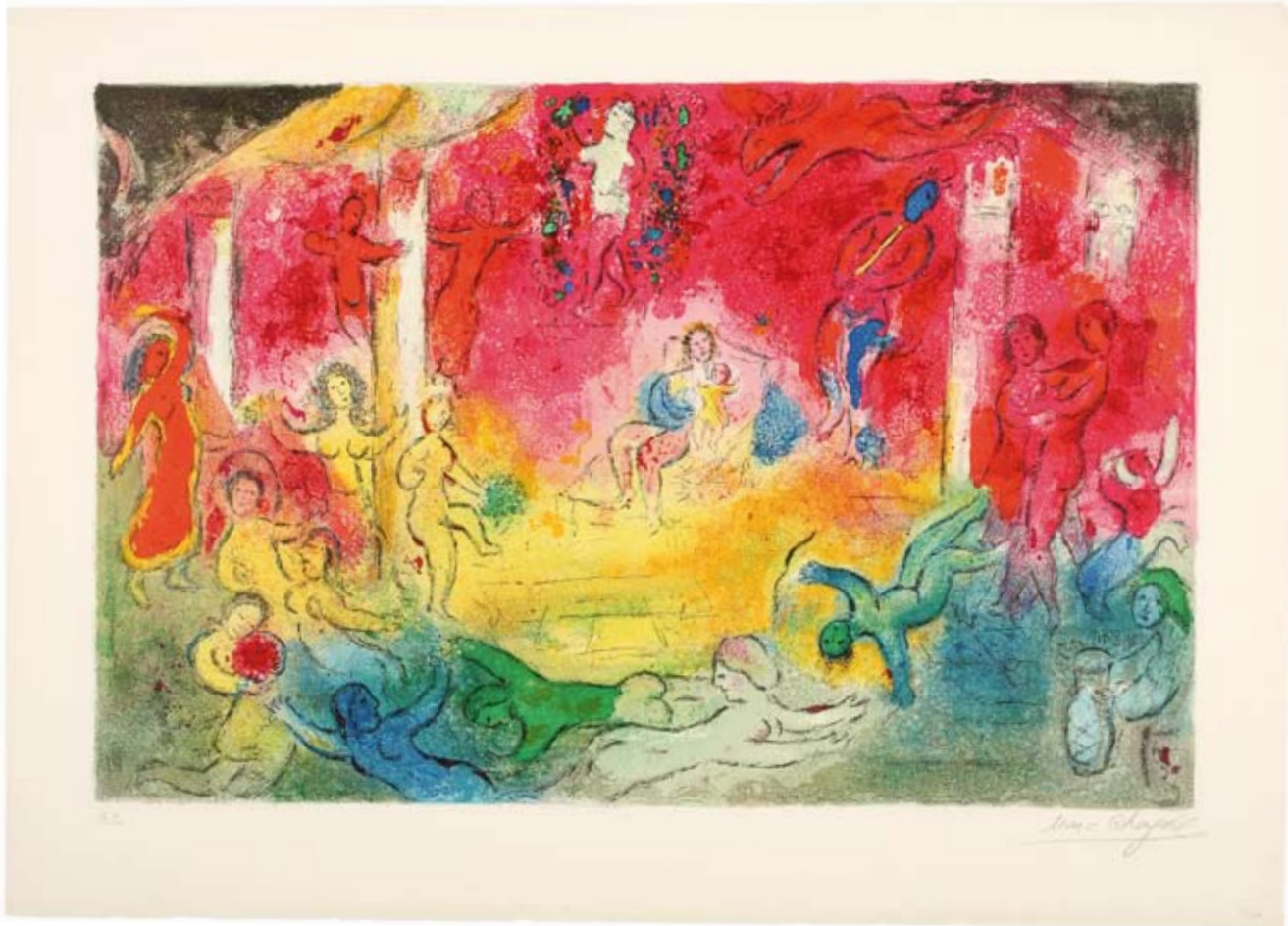
mourlot 343  
**Daphnis et Gnathon**  
[Dafne e Gnathon]



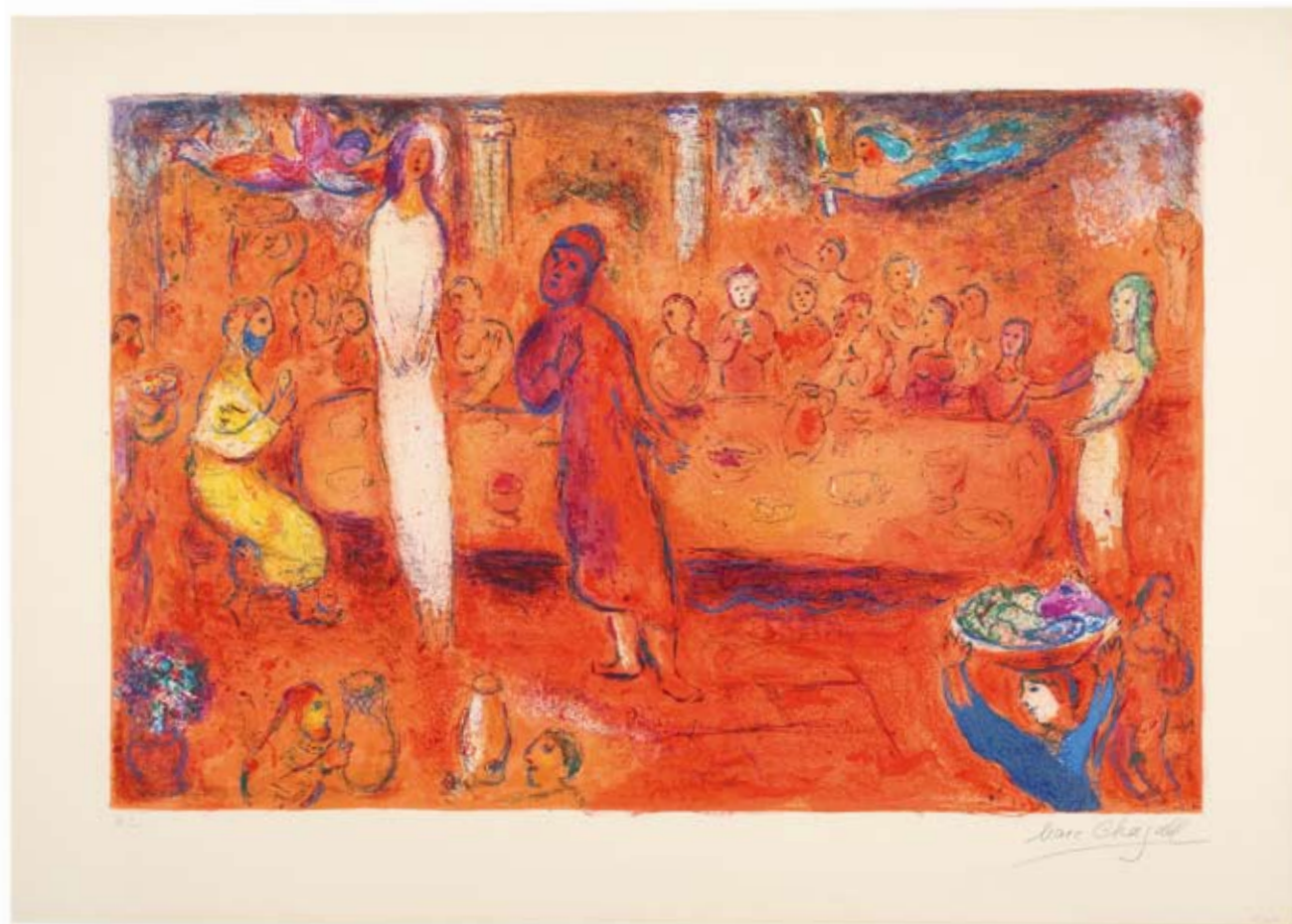
mourlot 344  
Arrivée de Dionysophane  
[Chegada de Dionysophane]



mourlot 345  
Chloé vêtue et coiffée par Cléariste  
[Cléo vestida e penteada por Cléariste]



mourlot 346  
Temple et histoire de Bacchus  
[Templo e história de Baco]



mourlot 347  
**Mégacles reconnaît sa fille pendant le festin**  
[Mégacles reconhece sua filha durante o banquete]

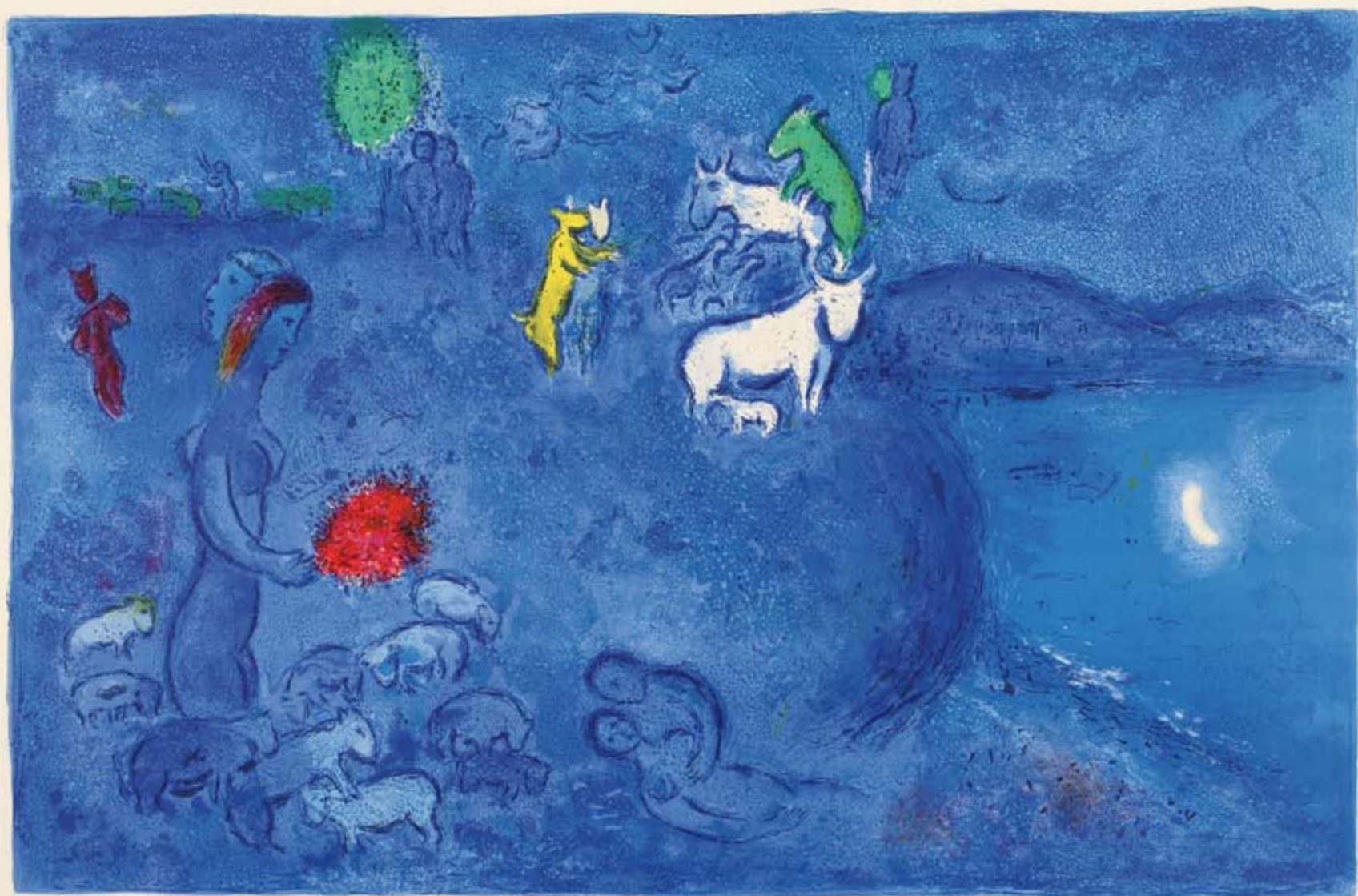


mourlot 348  
Festin nuptial dans la Grotte des nymphes  
[Banquete nupcial na Gruta das ninfas]



mourlot 349  
Hyménée  
[Himeneu]





HC

Marc Chagall

mourlot 335  
Le Printemps  
[A Primavera]

# Cronologia

**Marc Chagall**  
**(1887-1985)**

**1887**

Chagall nasce em 6 de julho, na cidade russa de Vitebsk. Seu nome de nascimento é Movcha (Moses). Só mais tarde, em Paris, ele adotará Marc.

Seus pais são originais de Liozno, cidade localizada a 40 quilômetros de Vitebsk. O pai, Khatskel, trabalha como escriturário em uma fábrica, enquanto sua mãe, Feïga-Ita, administra a doceria da família. Marc é o terceiro de oito filhos.

## **A década de 1890**

Quando criança, Chagall estuda na Escola Judaica, onde adquire os fundamentos da educação religiosa. Frequenta aulas de canto e violino e ajuda o cantor na sinagoga. “Minha família vem da comunidade hassídica<sup>1</sup>. Música e religião tiveram um importante papel em minha infância e deixaram uma marca profunda em meu trabalho, como tudo que fazia parte daquele mundo.”<sup>2</sup>

## **Os primeiros anos de 1900**

Chagall inicia o colégio na primavera de 1900 e estuda carpintaria e marcenaria. Ao lado de seu colega Ossip Zadkine, vê-se apaixonado pela arte e, juntos, decidem ser artistas.

<sup>1</sup> A origem da palavra vem de *hassid*, que em hebraico significa “pio”, devoto. O hassidismo foi fundado na Polônia, em meados do século 18. Em linhas gerais, pregava maior importância ao sentimento religioso do que a sua prática. Segundo ele, o ser religioso deveria despojar-se de todo pensamento material e viver pelo espírito e para o espírito.

<sup>2</sup> RODITI, Édouard. *Dialogues on Art*. Londres, 1960, op. cit., in: *The Bulletin of the Marc Chagall Museum* 7 (2000): 9.

## 1906

Ao término de seus estudos, Chagall trabalha retocando negativos para o fotógrafo A. Meschaninov. Por alguns meses, frequenta as aulas de Jehouda Pen, durante as quais caminha com o professor pela cidade e desenha os pequenos casebres judeus<sup>3</sup>. É nesse ambiente que Chagall segue os conselhos do colega Avikdor Mekler e continua seus estudos na capital. No inverno de 1906-1907, os dois jovens partem para São Petersburgo.

## 1907

Chagall encontra-se na capital sem permissão de residência nem os meios para sustentar-se ali. O dinheiro que seu pai havia lhe dado não dura por muito tempo. Por intermédio de Pen, ele consegue um trabalho para retocar fotos de Mordecai Loffé, além de sobreviver como pintor de publicidade.

Em sua última chance de permanência na cidade, o artista consegue ingressar na Imperial Society for the Protection of Fine Arts (Sociedade Imperial para a Proteção das Belas-Artes), onde recebe bolsa por um ano.

## 1908

Graças aos contatos de Pen, o nome de Chagall torna-se conhecido entre os intelectuais judeus da capital e ele finalmente consegue um contrato de emprego que lhe dá a permanência legal na cidade.

Em agosto, o artista volta a Vitebsk, onde pinta composições inspiradas na natureza. Até o fim do ano, ele deixa os estudos na Sociedade Imperial e

<sup>3</sup> MASEL, Ilya. *Memoirs*, n. 2108, f. 4, p. 7-8, Manuscript Department, State Tretyakov Gallery.



Chagall em São Petersburgo, 1910

frequenta, por um tempo, a academia de desenho e pintura de S. Saidenberg.

Apesar das dificuldades financeiras, Chagall segue trabalhando com afinco: nesse mesmo ano, pinta sua maior tela, *Le Mort* [O Morto], obra que, segundo ele, se torna o ponto de partida de sua carreira artística.

## 1909

Durante o verão, Chagall se retira novamente em Vitebsk e Liozno, à procura de inspiração na natureza. Zadkine passa o verão com o amigo e se recorda: "Seu quarto estava cheio de pinturas sobre as paredes e outras amontoadas pelos cantos. [...] Havia algo de primitivo e natural sobre elas, algo surpreendente, comovente, que fazia você sorrir"<sup>4</sup>.

Em São Petersburgo, o artista tem aulas de pintura com Léon Bakst e de desenho com Mstislav Dobuzhinsky. Bakst é responsável por introduzir a arte contemporânea francesa, os *fauves* e a obra de Henri Matisse aos alunos.

<sup>4</sup> Lissov A. *Zadkine a Vitebsk*. op. cit., in: *Recueil Chagall* (Vitebsk, 1996), p. 138.

## 1910

Chagall permanece em Vitebsk até o fim do ano, trabalhando em alguns desenhos (sobre retratos de família, interiores e cenas da cidade) e pinturas.

Chagall e Bella (Berta Rosenfeld) anunciam seu casamento. No inverno, Chagall retorna a São Petersburgo.

## 1911

No início de maio, Chagall segue para Paris via Berlim, onde conhece Mekler e N. Tarkhov, além de iniciar uma amizade com o crítico de arte Jakov Tugendhold.

Paris e a arte francesa causam ótima impressão em Chagall: “Eu me achava no meio de artistas europeus contemporâneos. No Louvre, fui capturado pela *Olympia*, de Manet, bem como pelas obras de Courbet e Delacroix; finalmente entendi o que a arte russa e a arte ocidental significavam”<sup>5</sup>.

No fim de junho, Alexander Romm chega a Paris e propõe que suas pinturas sejam incluídas no *Salon d’Automne (Salão de Outono)*, mas todas são rejeitadas.

Em novembro, Chagall submete três telas à The World of Art Society (Sociedade Mundial da Arte). *Le Mort* é a única aceita – e igualmente selecionada para uma exposição em Moscou.

## 1912

No inverno, Chagall muda-se para o bairro La Ruche, onde Fernand Léger, Amedeo Modigliani, Alexander Archipenko, Chaim Soutine, Ossip Zadkine e David Shterenberg residem. Imerso no trabalho, ele se aproxima essencialmente dos poetas Blaise Cendrars, Max Jacob, André Salmon e Guillaume Apollinaire.

Exibe diversas pinturas no *Salon des Indépendants (Salão dos Independentes)*, entre elas, *À la Russie, aux ânes et aux autres [À Rússia, aos asnos e aos outros]*, *Dédié à ma fiancée [Dedicado a minha noiva]* e *Le Buveur [O Bêbado]*, além de enviar três obras, incluindo *Calvaire [Calvário]*, para o *Salon d’Automne*. As primeiras críticas sobre seu trabalho são escritas por Tugendhold e L. Koenig, no *Paris-Nouvelles* e no *Friend* (jornal iídiche da capital), respectivamente.

<sup>5</sup> CHAGALL. *Autobiographical Notes*.



Thea Brachmann e Bella Rosenfeld, déc. 1910

Chagall participa, ainda, da mostra *Pintura Contemporânea Francesa*, em Moscou. Ao fim do ano, envia diversos guaches da série *Impression de la Russie (Impressões da Rússia)* para a The World of Art Exhibition Society (Sociedade Mundial de Exposição de Arte), mas são todos negados. “Eu os produzi em Paris porque queria recordar a Rússia”, escreve a Mstislav Dobuzhinsky. “Não são obras típicas; escolhi especialmente os mais modestos para a exposição russa.”<sup>6</sup>

## 1913

Chagall expõe as pinturas *La Naissance [O Nascimento]* e *Tentation – Adam et Ève [Tentação – Adão e Eva]*, bem como uma série de desenhos, no *Salon des Indépendants*. Diversas outras exposições (incluindo sua primeira individual) são organizadas na Académie Libre e na escola de Marie Vassilieff.

<sup>6</sup> N. 338, f. 115, Manuscript Department, State Russian Museum, Saint Petesburg.

Em março, Apollinaire apresenta Chagall a Herwarth Walden, renomado colecionador de arte de vanguarda e fundador da Der Sturm Gallery (Galeria Der Sturm), em Berlim.

## 1914

Chagall participa do *Salon des Indépendants* com as telas *Le Violiniste* [O Violinista], *Maternité* [Maternidade] e *Autoportrait avec sept doigt* [Autorretrato com sete dedos].

Em fevereiro, o jornal *Der Sturm* publica o poema futurista de Cendrars e Apollinaire dedicado ao artista. No começo de junho, a galeria mostra sua primeira grande individual, com 40 pinturas e 160 guaches, aquarelas e desenhos do período parisiense.

Chagall viaja a Vitebsk para rever a família e Bella. A insurreição da Primeira Guerra Mundial o impede de retornar a Paris, como havia planejado. Ali, ele inicia uma série dedicada à cidade natal e, simultaneamente, desenha a temática da guerra.

No mesmo ano, realiza as pinturas *Pharmacie à Vitebsk* [Farmácia em Vitebsk] e *Salon de coiffure (oncle Zussy)* [Salão de cabeleireiro (tio Zussy)], pertencentes ao acervo moscovita da The State Tretyakov Gallery.

## 1915

Em março, com a ajuda de Tugendhold, Chagall envia 25 pinturas da série *Vitebsk* para a mostra *O Ano 1915*, no Mikhailova Salon (Salão Mikhailova), em Moscou. A exposição introduziu-o ao grande público e aos críticos de arte russos.

Em 25 de julho, Chagall e Bella celebram seu casamento e vão passar uma temporada no campo, em Zaolche, próximo a Vitebsk. Ali, o artista inicia vários trabalhos da série *Les Amants* [Os Amantes].

Em setembro, o casal parte para a capital russa, onde viverá até 1917.

Ao fim do ano, Chagall entra para a JSEFA – Jewish Society for the Encouragement of Fine Arts (Sociedade Judaica para o Fomento das Belas-Artes), de São Petersburgo.



Chagall, Ida e Bella em São Petersburgo, 1917

## 1916

Em maio, nasce sua filha Ida. Chagall passa o verão com a família em Zaolche, onde pinta paisagens. O artista realiza as obras *Le Bain de l'enfant* (O Banho da criança), atualmente na coleção do Pskov National Museum of History, Architecture and Fine Arts, e *Muguet* [Lírio-do-vale], hoje na The State Tretyakov Gallery de Moscou.

No fim do ano, ele participa da exposição *Arte Contemporânea Russa*, no Art Bureau.

## 1917

Em março, Chagall entra para a União da Juventude e, em abril, é indicado como representante dessa na União dos Artistas, que, favorável à Revolução de Fevereiro, reúne pintores, escultores, arquitetos, músicos e escritores na capital russa.

Chagall participa da mostra *Pinturas e Esculturas de Artistas Judeus*, organizada pela JSEFA na Lemerrier Gallery (Galeria Lemerrier), em Moscou.

Durante o verão em Vitebsk e Zaoiche, ele pinta cenas de cidade e dos interiores das casas de campo. No outono, sete desses interiores são expostos na mostra *Estudos*, do Art Bureau.

## 1918

Chagall retorna a Vitebsk com sua família e começa a dar aulas a seus primeiros alunos da cidade.

Logo no início do ano, Efros e Tugendhold publicam a monografia *A Arte de Marc Chagall*, em Moscou, patrocinada por The Circle for the National Jewish Aesthetic, cuja capa é de sua autoria.

Em abril, Chagall toma parte da *Exposição Sionista*. No mês seguinte, apresenta *Le Violiniste* em um leilão organizado pela JSEFA, na Russian Academy of Fine Arts (Academia Russa de Belas-Artes), em benefício dos artistas judeus refugiados.

Em setembro, é eleito comissário de artes da região de Vitebsk. Em outubro, reúne uma comissão artística responsável por decorar a cidade em homenagem ao primeiro aniversário da Revolução, supervisionando a preparação da propaganda e dos pôsteres.

Paralelamente, realiza suas grandes obras do período Vitebsk: *Au Dessus de la ville* [Sobre a cidade], *Promenade* [Passeio], *La noce ou Le Mariage religieux* [As núpcias ou O Casamento religioso], *Double portrait au verre de vin* [Duplo retrato com copo de vinho] e *L'Apparition* [A Aparição].

## 1919

Chagall funda a Vitebsk Art School (Escola Popular de Arte) em Vitebsk. Em seu discurso, ele frisa “a grande importância da educação artística para o proletariado na necessidade de contribuir para a prosperidade da arte de esquerda”<sup>7</sup>.

Em abril, Chagall substitui Dobuzhinsky como diretor da escola. Paralelamente, dá aulas de ateliê livre de pintura, como outros professores, entre eles Room, El Lissitzky, Pen e Kasimir Malevich.

Nessa época, o artista torna-se bem ativo na imprensa, organizando debates e conferências.

<sup>7</sup> *Investrya, News from Vitebsk* (30 de janeiro de 1919), um órgão dos camponeses, operários e soldados soviéticos da Força Armada Vermelha da região de Vitebsk.

A primeira exposição oficial de arte revolucionária ocorre no Palácio das Artes de São Petersburgo (conhecido como The Winter Palace), entre abril e junho. Nela, Chagall apresenta 24 obras, e a maioria é adquirida pelo estado.

## 1920

Logo no início do ano, Chagall solicita a doação de obras de artistas russos para integrar o acervo do Museu de Arte Contemporânea de Vitebsk, inaugurado no fim do verão.

Em maio, os estudantes da Escola Popular de Arte decidem trocar suas orientações pelas de Malevich. Devido ao conflito, Chagall se muda para São Petersburgo, desligando-se oficialmente da instituição.

Entre 1919 e 1920, o artista pinta *Le Cirque* [O Circo], hoje parte do acervo da The State Tretyakov Gallery.

## 1921

Chagall leciona na escola da Terceira Internacional, ao lado de importantes nomes, como o escritor Der Nister, o compositor Yeheskel Engel e o crítico literário Dobrushin.

## 1922

No começo do ano, o artista muda-se com a família para Moscou e inicia sua partida do país.

Entre março e abril, Chagall exhibe 39 trabalhos gráficos e desenhos teatrais na exposição *Natan Al'tman, Marc Chagall, David Shterenberg*, do Culture League (Clube da Cultura)

Em 15 de maio, é lançado o primeiro número da revista *Klaxon* e, logo no primeiro ano, Chagall ganha menção em artigo do escritor e crítico de arte belga Roga Avermaete, “Les Tendances Actuelles de la Peinture”, publicado em francês.

*Ma Vie* [Minha Vida], livro de suas memórias, iniciado em 1915, finalmente é concluído. De acordo com um relato da época, “o artista as lia em círculos fechados em Moscou”<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> ROSSICA, P. Ettinger. *Parmi les Collectionneurs* 34 (1923): 37.

No início do verão, Chagall deixa a Rússia para sempre. Ao partir para Kaunas, leva com ele todas as suas obras. Durante um evento organizado em sua homenagem, o artista lê excertos do manuscrito *Ma Vie*. Em seguida, parte para Berlim, a fim de buscar as telas que deixara na Der Sturm Gallery, antes da guerra – um longo processo judicial é necessário para reavê-las.

Em outubro, Chagall apresenta três pinturas e sete desenhos na primeira exposição de arte russa a ser organizada por Narkompros, na Van Diemen Gallery (Galeria Van Diemen), em Berlim.

### 1922-1923

Do verão de 1922 ao outono de 1923, Chagall, Bella e Ida vivem em Berlim, cidade onde o artista tem aulas de gravura com Hermann Struck.

O editor Paul Cassirer mostra-se interessado em uma edição ilustrada de *Ma Vie*; porém, com as dificuldades de tradução da linguagem poética para o alemão, o conjunto de gravuras do artista para ilustrar o volume acaba sendo lançado sem suas memórias. A primeira edição completa, com texto e ilustrações, será publicada após 1931, com a tradução de Bella para o francês.

### 1923-1925

Chagall recebe uma carta de Cendrars, informando-o que o editor e marchand Ambroise Vollard irá contatá-lo, a fim de encomendar algumas ilustrações de livros.

Em agosto, o artista solicita um visto francês e, no mês seguinte, muda-se para Paris com a família.

Quando Vollard o procura, sugere que ilustre um livro infantil. Ao fim, o editor aceita a sugestão de Chagall para ilustrar o livro de Gogol, *Les Âmes mortes* [As Almas mortas]. O projeto compilará 107 pranchas de gravuras em metal, realizadas entre 1923 e 1925.

Em 1924, Chagall volta a pintar. No lugar de inventar uma nova identidade na França, ele retoma seu vocabulário pictórico, criando variações dos primeiros trabalhos russos.

Em Paris, o artista encontra-se com velhos amigos, como Bakst, André Levinson e Max Vinaver. Recebe diversos pedidos de colaboração para jornais e expõe na Galerie Le Centaure, em Bruxelas. Ao fim de 1924,

Pierre Matisse organiza uma mostra com 122 trabalhos na Galerie Barbazanges Hodebert, em Paris.

“Eu quero uma arte vinda do coração, não apenas da mente”<sup>9</sup>, declara Chagall, expressando sua necessidade de encontrar-se por meio da natureza, da paisagem e da luz da França.

Em 1925, ele realiza a tela *À la campagne* [No Campo], hoje no acervo da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin.

### 1926-1927

No começo de 1926, Chagall realiza, pela primeira vez, uma exposição em Nova York, na Reinhardt Gallery, exibindo 100 obras.

Torna-se membro fundador da Associação de Artistas e Impressores.

Passa a maior parte do ano em Le Mourillon, pequena cidade na costa mediterrânea. Quando o artista visita Nice pela primeira vez, encanta-se com a luz e a vegetação do lugar. De maio a setembro, sua família se estabelece em Auvergne, onde ele encontra Chaim Soutine. Ali, pinta cerca de 30 estudos em guache para as gravuras solicitadas por Vollard, que serão publicadas no volume *Fables de La Fontaine* [Fábulas de La Fontaine].

Enquanto Chagall continua trabalhando na série das fábulas, Vollard concebe projeto com o tema do circo; para isso, os dois passam várias tardes no Cirque d’Hiver Bouglione. Em 1927, o artista conclui 19 guaches intitulados *Le Cirque du Vollard* [O Circo de Vollard]. O editor o apresenta a Pierre Bonnard, Maurice de Vlaminck e Aristide Maillol.

No fim do ano, ele descobre Saboia, responsável pela inspiração de diversas obras, como os retratos de igrejas e as paisagens repletas de neve que evocam as memórias da Rússia.

É nesse mesmo ano que Ismael Nery viaja à Europa com a esposa, Adalgisa Nery, e o filho, Ivan. Lá, ele entra em contato com André Breton e torna-se amigo de Chagall, que influenciará sua obra.

<sup>9</sup> FELS, Florent. *Propos d’Artistes*. Paris, La Renaissance du Livre, 1925, p. 33.



Autorretrato com chapéu enfeitado, 1928

## 1928-1929

Chagall segue trabalhando nas gravuras em preto-e-branco das fábulas, primeiramente com Louis Fort e, mais tarde, com a reimpressão completa da série por Maurice Potin.

Ao longo do ano, recebe diversas cartas de colecionadores desejando adquirir suas obras, enquanto jornalistas querem entrevistá-lo. Tais cartas indicam o sucesso da obra do artista no mercado e a pressão das galerias por sua exclusividade.

A Galerie Époque, de Bruxelas, exibe uma série de guaches.

No outono, Chagall retorna a Céret, dessa vez levando Bella. E, ao fim do ano, compra uma casa em Villa Montmorency, perto de Porte d'Auteuil.

O *crash* da bolsa em 1929 obriga Bernheim-Jeune a quebrar o contrato com o artista, restando apenas o trabalho com Vollard para sustentá-lo.

## 1930

Os guaches preliminares para as fábulas são expostos em Paris, Bruxelas e Berlim.

Ao fim da primavera, Chagall despande seu tempo com a família em Nesles-la-Vallée, perto de L'Isle-Adam.

Entre o verão e o outono, ele passa várias semanas na costa do Mediterrâneo e nos Alpes, onde a paisagem inspira diversos guaches retratando janelas. Tal como notará seu biógrafo Lionello Venturi, "Chagall não vai a fundo na paisagem; ele a olha com certa distância, como se estivesse fascinado, sonhando apaixonado de olhos abertos"<sup>10</sup>.

O grande evento do ano é a encomenda de Vollard para ilustrar a Bíblia, tema que encanta o artista desde a infância. A partir daí, Chagall deseja mais do que nunca visitar as terras sagradas da Palestina.

## 1931

A convite de Meir Dizengoff, prefeito e fundador de Tel Aviv, Chagall viaja com Bella e Ida para Haifa, Tel Aviv e Jerusalém. A caminho da Palestina, eles visitam Alexandria e as pirâmides do Cairo. Chagall fica impressionado com a paisagem palestina. Pinta o interior de sinagogas, em Safed, e realiza paisagens, em Jerusalém. Até seu retorno a Paris, ele se dedica aos estudos preliminares em guaches e gravuras para ilustrar as cenas bíblicas, projeto que irá ocupá-lo por vários anos – o volume completo só será publicado por Tériade em 1956.

A luz encantadora que permeia a produção desse período, dominada por composições florais e cenas circenses, reflete a influência de sua estada no Oriente Médio.

Na capital francesa, a Édition Stock publica *Ma Vie* e a Galerie Le Portique expõe "20 pinturas recentes e alguns desenhos desconhecidos de Marc Chagall".

## 1932

O artista viaja para a Holanda, pela primeira vez, para a inauguração da mostra organizada pela Association of Dutch Artists. Ali, o artista vê-se tocado pelas obras-primas que encontra no país, particularmente de Rembrandt.

## 1933

Chagall integra a exposição *Bolchevisme dans la Culture*, no Kunsthalle de Mannheim, organizada pelos nazistas,

<sup>10</sup> VENTURI, Lionello. *Étude Biographique et Critique*. Genebra, Skira, 1956.



e suas obras são brutalmente rechaçadas como “cultura bolchevique”.

No mesmo ano, participa da abertura da exposição na Kunsthalle de Basel, que conta com 172 trabalhos do artista.

Eventos políticos começam a impactar fortemente seu trabalho.

## 1934

No verão de 1934, Chagall e Bella viajam com diversos pintores e escritores para a costa espanhola. Eles seguem rumo a Barcelona, Madri e Toledo, onde Chagall se encanta pela pintura de El Greco.

## 1935

A Feigla Gallery, em Praga, exibe 52 trabalhos de Chagall. Após sua primeira individual na Leicester Gallery, de Londres, Chagall viaja com Bella para a abertura da apresentação de 116 gravuras em Vilna, Polônia, onde também participam da inauguração do Centro Cultural Judaico.

## 1936

Apesar dos eventos políticos refletidos em algumas de suas composições, a obra de Chagall continua a apresentar uma grande diversidade de temas, em parte como resultado da viagem às montanhas francesas de Jura e os Alpes da Saboia.

The New Art Circle, em Nova York, dedica-lhe uma individual. Chagall participa com 34 pinturas da mostra *Peintres Instinctifs: Naissance de l'Expressionisme*, na Galerie Beaux-Arts, em Paris.

## 1937-1938

Em 1937, o aumento da atmosfera politizada na França contribui para a presente renovação de temas revolucionários em sua obra. Chagall viaja a Florença, onde descobre a riqueza do século 15. Em Veneza, depara-se com as obras de Bellini, Ticiano e Tintoretto.

Em junho de 1937, é oficialmente naturalizado cidadão francês. No mesmo mês, tem trabalhos incluídos na exposição *Origines et Développement de l'Art International*

*Indépendant* e peças expostas na mostra *Maîtres de l'Art Indépendant: 1895-1937*, no Petit Palais, em Paris.

O regime nazista ordena que os museus alemães removam todas as obras de Chagall expostas e, em ato público, três delas são rechaçadas como “*entartete kunst*” (“arte degenerada”)<sup>11</sup>.

Em 1938, ocorrem exposições no Palais des Beaux-Arts, em Bruxelas, e na Lilienfeld Gallery, em Nova York. A tela *Les Mariés* [Os Noivos] é enviada à *International Exhibition of Painting*, no Pittsburgh's Carnegie Institute, onde ganha o terceiro prêmio.

## 1939

Antes do estopim da guerra, Chagall muda-se para Saint-Dyé-sur-Loire, levando todas as telas de seu ateliê parisiense.

## 1940

Em janeiro, algumas pinturas e guaches destinados à exposição organizada por Yvonne Zervos para a inauguração da Galerie Mai voltam a Paris. Uma delas, *Révolution*, hoje conhecida como *Composition*, é a expressão de protesto contra a guerra.

Em 10 de maio, dia da invasão nazista, Chagall compra um edifício de uma escola católica abandonada em Gordes e ali monta seu ateliê. A atmosfera tranquila da cidade é refletida no trabalho desse período.

## 1941

Após a promulgação de leis racistas na França ocupada, a família de Chagall decide preparar sua partida da Europa.

Em 23 de junho, dia da invasão nazista na União Soviética, graças a uma mobilização do jornalista Varian Fry e do vice-cônsul em Marselha, Hiran Bingham IV, por meio de convite feito pelo Museum of Modern Art (Museu de Arte Moderna) de Nova York, Chagall parte com a família para a cidade nova-iorquina. A escala e a vitalidade da cidade impressionam o artista profundamente.

<sup>11</sup> O regime destruiu 159 obras do artista e todos os seus quadros foram banidos dos museus alemães e austríacos.



Chagall trabalhando em seu ateliê, Nova York, c. 1942

Em setembro, o casal muda-se para um pequeno apartamento em Manhattan, onde recebe visitas regularmente, entre elas Jacques Maritain, Lionello Venturi e o poeta Joseph Opatoshu.

Um encontro com Pierre Matisse é decisivo, já que o galerista representa um elo vital com a França e a arte francesa.

## 1942

Chagall desenha os cenários e figurinos do balé *Aleko* para o American Ballet Theatre. A *première* ocorre na Cidade do México, onde o artista e Bella descobrem as cores vibrantes e a cultura da América Central, que influenciam as mudanças feitas nos desenhos originais.

## 1943-1944

Notícias da guerra, particularmente de seu país de origem, comovem Chagall e afetam profundamente seu trabalho. A paisagem coberta de neve de Cranberry Lake, em Nova York, o faz lembrar seu velho país. No estúdio de Stanley William Hayter, onde boa parte dos artistas refugiados na América trabalhava, ele produz gravuras com a temática do circo.



Chagall e Ida, Nova York, c. 1944

Chagall também publica o poema “Pour ma Ville de Vitebsk”, no jornal judeu de Nova York, e pronuncia o discurso antifacista “L’Heure Arrive”.

Em setembro, dias antes do regresso à França, Bella adoece e vem a falecer 36 horas depois. A partir daí, para Chagall, “tudo se torna sombrio”<sup>12</sup>. Com sofrimento e pesar, ele fica incapaz de trabalhar por meses.

## 1945

Chagall encontra certo conforto e ajuda com sua filha, Ida – eles passam o tempo ilustrando e trabalhando em uma tradução francesa do primeiro volume das memórias de Bella, intitulada *Lumières Allumées*.

Mais tarde, em Long Island, o artista trabalha no desenho de cenários e figurinos para a peça *Firebird*, de Igor Stravinsky, no American Ballet Theatre. Os desenhos têm grande sucesso na imprensa norte-americana.

<sup>12</sup> CHAGALL, Marc. “Chagall, Preface to Bella Chagall”, in: *Lumières Allumées et Première Rencontre*. Tradução de Ida Chagall. Paris, Gallimard, 1973. As memórias de Bella estão publicadas em inglês como *Burning Lights*. Tradução de Norbert Guterman. Nova York, Schocken Books, 1962.



Chagall olhando a paisagem, c. 1950

## 1946

No inverno, entre 1945 e 1946, Chagall compra uma modesta casa em High Falls, Catskills, ao norte de Nova York, e se muda com Virginia – contratada pela filha para cuidar do artista –, com quem partilhará a vida nos próximos sete anos. Em 22 de junho, ela dá à luz David.

De tempos em tempos, Chagall encontra Ida, que prepara, com James Johnson Sweeney, uma grande retrospectiva da obra do pai no Museum of Modern Art e no Art Institute (Instituto de Arte) de Chicago. Pela primeira vez desde o fim da guerra, Ida retorna a Paris, onde colabora com Jean Cassou, diretor do Musée d'Art Moderne, em um importante tributo a Chagall, por ocasião da reinauguração do museu.

O artista passa três meses em Paris e renova suas relações com a Europa. A visita lhe possibilita encontrar amigos literatos e outros artistas, como Paul Éluard, para o qual ilustra a coleção de poemas *Le Dur Désir de Durer*.

Chagall regressa a High Falls, mas seu pensamento fica na França. Lá, concentra-se em séries importantes de pinturas e em alguns estudos em guache para seu primeiro álbum de litografias em cor, *As Mil e Uma Noites*, patrocinado pelo editor Kurt Wolff.

## 1947

Chagall volta definitivamente para a França, onde participa da abertura de sua retrospectiva no Musée d'Art Moderne, em Paris. Outras retrospectivas seguem-se: Stedelijk Museum, em Amsterdã, Tate Gallery, em Londres, Kunsthaus, em Zurique, e Kunsthalle, em Berna.

## 1948

Chagall e Virginia mudam-se para Orgenval e sua casa torna-se ponto de encontro de figuras como Claude Bourdet, Paul Éluard, Jacques Maritain, os galeristas Louis Carré e Aimé Maeght (seu futuro *marchand* na França) e Tériade, que adquire todas as gravuras das séries *Les Âmes mortes*, *Fables* e *La Bible* da Fundação Volland.

Em setembro, Chagall vai à *Bienal de Veneza*, onde uma sala inteira é dedicada a sua obra. O artista ganha o prêmio de gravura com a série *Les Âmes mortes*. Ao visitar diversos museus, palácios e igrejas, ele fica profundamente tocado pelos afrescos e pinturas dos grandes mestres italianos.

Chagall inicia o trabalho nos murais para o *foyer* do Watergate Theatre, em Londres.

## 1949

Em Saint-Jean-Cap-Ferrat, onde vive Tériade, Chagall faz as primeiras ilustrações em nanquim e aquarela para *Decameron*, de Giovanni Boccaccio. Ele e Tériade tornam-se grandes amigos, e esse último sugere ao artista que ilustre o famoso romance pastoral de Longus, *Dafne e Cloé*.

Em novembro, Chagall estabelece-se em Vence, onde cria suas primeiras cerâmicas na oficina de madame Bonneau.

## 1950

Em Vence, Chagall conclui alguns trabalhos e completa uma série de cenas de vilarejo, repletas da luz mágica do Mediterrâneo. Ele pinta óleos e guaches celebrando amantes e inicia algumas pinturas monumentais inspiradas na *Bible*.

Chagall viaja a Paris regularmente, onde se concentra nas gravuras e, com outros escultores e escritores, estuda litografia na gráfica Fernand Mourlot. Ali, cria seu primeiro pôster em litografia para uma mostra na Galerie Maeght.

A Riviera Francesa tornara-se um próspero centro artístico, desde o fim da guerra, e Chagall passa a visitar Matisse e Picasso regularmente.

As décadas de 1950 e 1960 testemunham um grande aumento de encomendas, que encorajam o artista a aperfeiçoar diversas técnicas de expressão, incluindo ilustração de livros, pintura mural, cerâmica, escultura, vitral, mosaico e tapeçaria.

## 1951

Chagall decide incrementar as gravuras da série *Fables* com aquarela.

Virginia deixa Chagall e parte para Bruxelas com o fotógrafo Charles Leirens.

## 1952

Na primavera, Chagall conhece Valentine (Vava) Brodsky, natural da Rússia, com quem se casa em julho.

O artista passa a se dedicar à criação de murais de cerâmica, vasos, jarras e pratos moldados à mão e continua seu trabalho no Vallauris Studio, em Madoura, até 1962.

Em junho, Chagall visita a Catedral de Chartres e estuda a antiga técnica do vitral.

Seu esforço inicial sobre *Daphnis et Chloé* é interrompido pela viagem à Grécia, que influencia uma série de trabalhos. Além da Grécia, ele também passa pelas cidades de Roma, Nápoles e Capri.

Finalmente, a série completa de *Fables* de La Fontaine é publicada por Tériade.

## 1953

Chagall completa os primeiros estudos em guache para *Daphnis et Chloé*. Ainda no mesmo ano, realiza a pintura *Portrait de Vava* [Retrato de Vava].



Chagall e o editor Tériade, c. 1950

## 1954

Em viagem à Itália, Chagall visita as obras de Ticiano e Tintoretto, em Veneza, além de ensaiar suas habilidades na técnica de vidro soprado no ateliê de Murano, em Ravena e Florença.

O artista pinta, ainda, dois grandes murais para a casa de Tériade, em Saint-Jean-Cap-Ferrat.

A Galerie Maeght organiza uma exposição do artista em Paris.

## 1955

Chagall retorna à temática circense e realiza alguns estudos para *Le Grand cirque* [O Grande circo]. No mesmo ano, inicia a série de grandes pinturas para o ciclo *Message biblique* [Mensagem bíblica].

## 1956

Chagall adentra um período de produção intensa de gravuras em metal e litogravuras. Tériade publica uma edição das ilustrações em gravuras da série *Bible*.

Homenagens são organizadas na Kunsthalle, de Basel, na Kunsthalle, de Berna, e no Palais des Beaux-Arts, de Bruxelas.

## 1957

Chagall é homenageado com uma sala especial organizada por Raymond Cogniat para o Pavilhão da França, na 4ª Bienal de São Paulo, onde expõe 25 pinturas.

Uma retrospectiva de gravuras suas é realizada na Bibliothèque Nationale de France, em Paris.

A impressão de litografias da série *Daphnis et Chloé* inicia-se no ateliê de Mourlot. Nesse ano, o artista ainda realiza a pintura *Os Noivos com trenó e galo vermelho* [*Les Mariés au traîneau et au coq rouge*], atualmente no acervo da Fundação Ema Klabin, em São Paulo.

## 1958-1959

Em fevereiro, Chagall ministra a palestra “Why Have We Become So Anxious?”, na Universidade de Chicago.

No mesmo ano, o artista viaja à Escócia para receber o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Glasgow. É eleito também membro honorário da American Academy of Arts and Letters.

Ocorrem retrospectivas na Kunsthalle, de Hamburgo, no Haus der Kunst, de Munique, e no Musée des Arts Décoratifs, de Paris.

É desse ano a pintura *Village au cheval vert ou Vision à la lune noire* [Vilarejo com cavalo verde ou Visão sob a lua negra]

## 1960

Em outubro, com Kokoschka, Chagall recebe o Erasmus Prize, da European Cultural Foundation.

Pela primeira vez, o artista expõe vitrais e esculturas no Musée des Beaux-Arts, em Reims.

É desse período a pintura *Le Peintre dans la nuit* [O Pintor na noite], em coleção particular.



Chagall pintando o vitral, 1961

## 1961-1962

A Édition Tériade finalmente publica a série *Daphnis et Chloé*.

Os 12 vitrais realizados para Jerusalém são expostos no Musée des Arts Décoratifs, de Paris, e no Museum of Modern Art, de Nova York.

Nesses anos, Chagall corresponde-se intensamente com Gaston Bachelard e Florent Fels.

## 1963-1964

As primeiras retrospectivas de Chagall no Japão são organizadas em museus das cidades de Tóquio e Quioto.

O artista pinta um novo teto para a Ópera de Paris, que é inaugurado em 1964, com grande sucesso.

Chagall e Vava viajam para Nova York, por ocasião da inauguração do vitral *Peace*, na sede das Nações Unidas. Durante a visita, ele conhece Rudolf Bing, diretor da Metropolitan Opera, que lhe encomenda dois grandes murais, bem como cenários e figurinos para a peça *A Flauta Mágica*, de Mozart.

## 1965-1967

Chagall e Vava mudam-se para Saint-Paul de Vence, cidade representada em diversas de suas pinturas.

De junho a outubro, o Louvre expõe o ciclo *Biblical Message*, que o artista doa ao governo francês na condição de que um local permanente seja criado em Nice para abrigar o conjunto de 17 grandes pinturas e 38 guaches.

Chagall participa da sala especial "Simbolismo e Arte Fantástica", na 8ª Bienal de São Paulo, com a pintura *Le Printemps ou Le Bouc au violon* [A Primavera ou O Bode com violino], de 1938, obra hoje pertencente ao acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Chagall pinta *Esquisse pour Le Cirque au village* [Estudo para O Circo na cidade], 1966, atualmente no acervo da Fondation Pierre Gianadda, em Martigny, Suíça. Em seguida realiza a série *Circus*, com 38 litografias e um texto escrito por ele, publicado pela Verve em 1967.

## 1968-1970

Chagall e Vava visitam Washington D.C. e seguem para Nova York, para uma abertura na Pierre Matisse Gallery (Galeria Pierre Matisse).

O pintor executa vitrais para a Catedral de Metz e um mosaico para a Universidade de Nice.

Em Genebra, as Editions Cramer publicam o livro *Marc Chagall: Poèmes*, com xilogravuras em cores feitas pelo artista.

Chagall viaja a Israel para a inauguração do edifício do parlamento em Jerusalém, onde fez o mosaico *The Western wall* [O Muro do Oriente].

Ainda em 1968, ele ilustra as *Antimémoires*, de André Malraux.

Em 1970, pinta as telas *Bouquet de fleurs sur fond rouge* [Buquê de flores sobre fundo vermelho] e *Les Mariés dans le ciel de Paris* [Os Noivos no céu de Paris].

## 1971-1973

Em 1971, Chagall regressa a Zurique, onde completa o modelo para *The Chariot of Elijah* [O Carro de Elias], cujo mosaico figurará na fachada do Musée National Message Biblique Marc Chagall, inaugurado em Nice, em 1973, com a presença de André Malraux.

Sua primeira retrospectiva no leste europeu ocorre em Budapeste, com enorme sucesso.

A convite de Yekaterina Furtseva, Ministra da Cultura da ex-URSS, o artista viaja a Moscou pela primeira vez desde sua partida, em 1922. Para a The State Tretyakov Gallery, ele realiza os painéis do State Jewish Chamber Theater (Teatro Judeu da Câmara Estatal). Na ocasião, o museu também organiza uma exposição com seus trabalhos.

## 1974-1977

Chagall finaliza os três vitrais para o coro da Catedral de Notre-Dame, de Reims, e um mosaico para o Lincoln Center, em Nova York.

O Musée National Message Biblique Marc Chagall organiza uma exposição por ocasião de seu aniversário.



Chagall esculpindo, déc. 1970



As mãos do artista, c. 1977

O artista se corresponde com André Malraux sobre a forma e a cor<sup>13</sup>, além de pintar diversas telas dedicadas a temas espirituais e bíblicos, marcados por um renovado vigor de técnica e composição.

Pequenos formatos e ilustrações de livro vão se alternando com a produção de obras de grande escala. A editora Gérald Cramer publica um volume de poemas escritos por Chagall, entre 1930 e 1964, com 24 ilustrações em xilogravura.

São desse período as obras *En Promenade* [Passeando] e *Les Mariés aux trois musiciens* [Os Noivos e os três músicos].

### 1978-1980

Em 1979, três vitrais dedicados às artes são inaugurados no Art Institute, de Chicago. Data do mesmo ano a pintura *Le Rêve* [O Sonho], hoje pertencente à coleção italiana.

### 1981-1983

Chagall realiza um conjunto de grandes pinturas com a temática bíblica, cenas de cidade e de circo.

<sup>13</sup> Correspondências entre André Malraux e Chagall, 1975-1976, Marc Chagall Archives, Paris.

Várias exposições são organizadas nesse período: uma dedicada à gravura, na Galerie Matignon, em Paris; outra dedicada a litogravuras de grande formato, na Galerie Maeght, também em Paris; e uma terceira dedicada a pinturas recentes, na Galerie Maeght, em Zurique.

Em 1982, ocorrem duas retrospectivas: no Moderna Museet, em Estocolmo, e no Louisiana Museum, na Dinamarca.

### 1984

O Musée National d'Art Moderne, de Paris, abriga a mostra *Oeuvres sur Papiers*, que segue para o Kestner Gesellschaft, em Hannover, depois para Kunsthau, em Zurique, e posteriormente para o Capitoline Museum, em Roma.

### 1985

Uma grande retrospectiva de pinturas é organizada pela Royal Academy of Arts, de Londres, quando a saúde de Chagall dá sinais de fragilidade. O artista vem a falecer em 28 de março, tendo seu corpo cremado e suas cinzas mantidas no cemitério de Saint-Paul de Vence.

# Chagall e o Brasil

**A**s relações de Chagall com o Brasil são muito tênues, mas a influência de sua obra pode ser notada no modernismo brasileiro, principalmente na produção de Ismael Nery (1900-1934), mas também em Cícero Dias (1907-2003), Antonio Gomide (1895-1967), Tomás Santa Rosa (1909-1956) e Noêmia Mourão (1912-1992).

O primeiro número da revista *Klaxon*, lançado em 15 de maio de 1922, apresentou um artigo, escrito em francês, em que Chagall é mencionado. Talvez seja a primeira referência ao artista em revista publicada no Brasil. O texto, intitulado “Les Tendances Actuelles de la Peinture” (“As Tendências Atuais da Pintura”), era assinado por Roger Avermaete (1893-1988), escritor, poeta e crítico belga, colaborador da revista belga *Lumière*. Ao criticar as deformações e construções de Georges Braque (1882-1963) e Juan Gris (1887-1927), a falta de cor – que é a linguagem natural do pintor (“*la couleur est le langage naturel du peintre*”) – e a monotonia dos assuntos, Avermaete emenda a importância de Chagall: “Felizmente, ao lado disso, existem outros pintores cujo campo de ação é mais vasto. E, antes de tudo, aqueles que, sem quebrar precisa-

mente as linhas, mas por justaposições, alcançam composições muito harmoniosas e de expressão completa. É, a meu ver, o verdadeiro expressionismo.” Contudo, a presença de Chagall nas revistas e nos jornais brasileiros era rara nas primeiras décadas do século 20.

Mario de Andrade também se interessou por Chagall. É o que atestam as cinco gravuras, todas em metal, existentes em sua coleção. Uma delas, *Casamento*, faz parte da importantíssima série *Ma vie* e traz a seguinte dedicatória: “À l’ami inconnu [‘ao amigo desconhecido’] Mario de Andrade – Marc Chagall, Paris, 1923”. Provavelmente, ele foi o primeiro colecionador de Chagall no Brasil. Vale ressaltar que a dedicatória traz a data de seu regresso a Paris (setembro de 1923), depois de ter passado uma estada de quase dez anos na Rússia.

Ismael Nery recebeu forte influência de Chagall. Conheceu-o em Paris, em 1927, apresentado por André Breton, e estabeleceu um convívio amigável com Chagall durante sua breve permanência na França. Foi de tal modo contaminado pela poética de



Chagall que as obras produzidas nesse período tornaram-se conhecidas pela crítica de arte como pertencentes à fase chagalliana. Alguns títulos das aquarelas de Ismael Nery já demonstram a empatia entre os dois artistas: *Para meu amigo Chagall* ou ainda *Chagall conta para sua mulher o sonho de Ismael Nery*. Antonio Gomide, que nessa mesma época, em Paris, mantinha contato com o grupo cubista, também produziu algumas obras sob a influência de Chagall.

Cícero Dias é, em nosso entender, um dos artistas brasileiros mais próximos à lírica de Chagall, apesar de ter construído uma linguagem própria e de forte identidade pessoal e de ter negado qualquer influência do artista russo. Percebemos, em seus trabalhos de juventude, uma fantasia tipicamente chagalliana, embora reconheçamos que as personagens e os ambientes criados por Cícero Dias foram calcados na cultura e na paisagem pernambucanas. A fabulação do mundo, o convívio entre a realidade e o sonho, as narrativas de um imaginário sensual possuem, muitas vezes, uma inescapável semelhança com o universo criado por Chagall.

Di Cavalcanti (1897-1976), segundo suas memórias, conheceu Chagall na primeira viagem a Paris (1923-1924), mas sua pintura não revela nenhuma relação com o mestre russo. Nesse período, ele era simpaticamente das ideias comunistas e vivia a boemia parisiense, enquanto Chagall havia regressado a Paris desencantado com a revolução bolchevique e já não frequentava a vida airada de Montparnasse, dedicando-se inteiramente a suas atividades artísticas. Havia, porém, algo em comum entre os dois: o interesse pela poesia, pela literatura, pela ilustração.

Já Noemia Mourão, que acompanhou Di Cavalcanti em sua segunda permanência em Paris, entre 1935 e 1940, adotou muitos elementos da poética de Chagall, além da reconhecida influência de Marie Laurencin.

Tomás Santa Rosa foi outro artista do modernismo brasileiro que revelou certo parentesco à poética de Chagall. O artista foi um dos renovadores das artes cênicas brasileiras e mestre da ilustração e das artes gráficas em nosso país.

### Chagall e Segall

Chagall e Segall são diferentes grafias para um mesmo nome. Contemporâneos, ambos pertenceram a famílias pobres de tradição judaica. Chagall nasceu em 1887, na cidade de Vitesbk (Bielo-Rússia), e Lasar Segall, em Vilna (Lituânia), em 1891. As duas cidades são próximas a Minsk e pertenciam ao império russo. Os dois artistas interessaram-se, desde muito jovens, pelas tendências expressionistas e pelas vanguardas parisienses. Apesar dos inúmeros aspectos coincidentes, tiveram pouco contato ao longo da vida. Somente obras da juventude trazem semelhanças pela temática das tradições judaicas, pelo interesse em representar a vida cotidiana de suas famílias e dos bairros de judeus pobres. Na juventude, a construção das imagens e o tratamento da perspectiva também se assemelham.

Ambos foram influenciados, desde o início da carreira, pelo cubismo francês e pelo expressionismo alemão. Mas, a partir daí, construíram poéticas diversas e suas biografias seguiram caminhos diferentes. Chagall foi para Paris e Segall, para Dresden. Tudo leva a crer que nunca se tornaram amigos, tendo se encontrado apenas em raras ocasiões. Margareth Suhr, primeira esposa de Segall, afirmou em um depoimento que ele “se encontrou com Chagall bem mais tarde, por volta de 1928-1932, quando morou em Paris por alguns anos, mas não eram amigos, não tinham muito contato”.

Segall raramente emitia opinião sobre a obra de Chagall e, segundo depoimentos de seus amigos, Antônio Bento (1902-1988) e Paulo Mendes de Almeida (1905-1986), não existia nenhuma empatia de caráter pessoal entre os dois. Mesmo assim, Segall analisou a obra de Chagall no texto “O Expressionismo”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2 de agosto de 1958: “Os russos, que também tiveram uma influência apreciável sobre o expressionismo, são o escultor Alexander Archipenko e o pintor Marc Chagall... [Chagall] é um homem com fantasia mais forte do que o sentimento de formas. Ele sonha de olhos abertos, vê o mundo exterior, mas como um ser de outras esferas. Em seus quadros (falo de seus trabalhos de Paris), há a infinidade russa, com todas as suas possibilidades. Ele separa a cabeça do corpo e a deixa flutuar no espaço, ou deixa errar animais acima de telhados. Seu mundo exige dele tais fantasias e Chagall entrega-se sem filosofar ao mundo interior e acha formas por meio das quais cria, com força instintiva, visões de profunda significação. Ele, como outro artista moderno forte, não precisa das leis da anatomia nem da perspectiva. De resto, os russos, graças a sua educação e ao meio geográfico em que vivem, são justamente capazes de ultrapassar os limites dados pela tradição. A fonte de sua arte é o profundo sentimento, a infinidade, um grande amor à humanidade, e seus meios de expressão são ilimitados”.



ISMAEL NERY  
Como o meu amigo Chagall  
[Comme mon ami Chagall]  
c. 1920-1930  
Coleção Orandi Momesso | São Paulo | SP

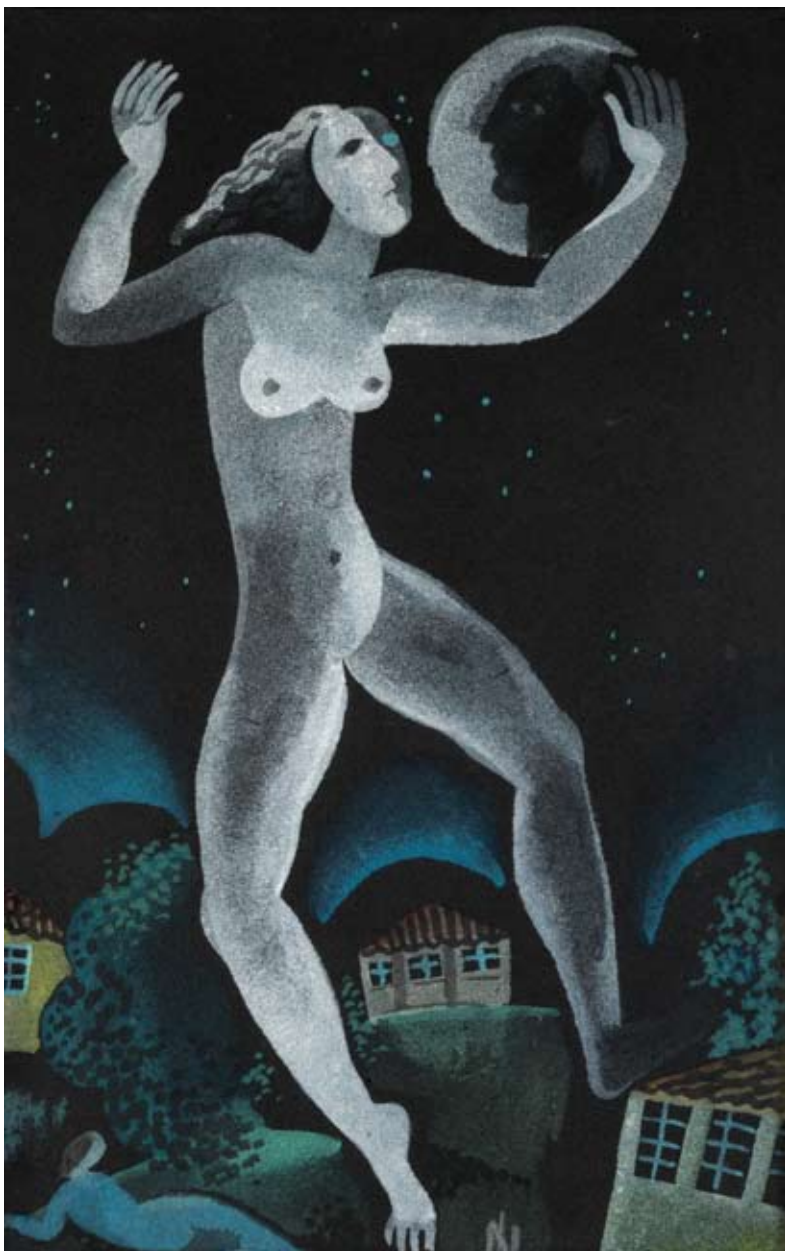


ISMAEL NERY  
Composição  
[Composition]  
Coleção MAC-USP | São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Sem título  
[Sans titre]  
déc. 1920

Acervo Paulo Kuczynski Escritório de Arte | São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Namoro com a lua  
[Flirt avec la lune]  
1927  
Coleção particular | São Paulo | SP



**ISMAEL NERY**  
**Sem título**  
**[Sans titre]**  
1927  
Coleção particular | São Paulo | SP

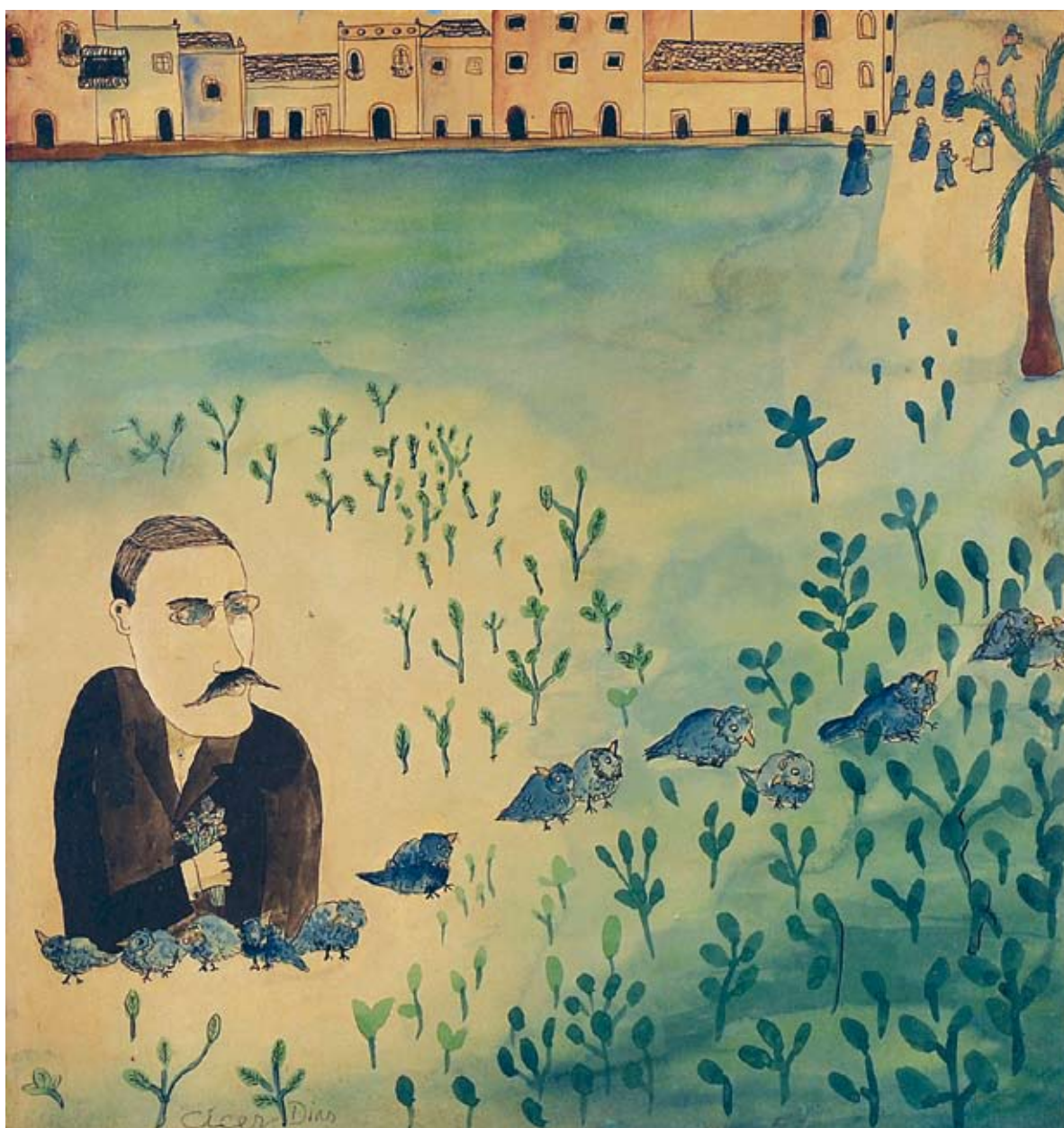


ISMAEL NERY  
Sonho de amor  
[Songe d'amour]  
c. 1927  
Coleção particular | São Paulo | SP





ISMAEL NERY  
Casal  
[Couple]  
Coleção Hecilda e Sérgio Fadel | Rio de Janeiro | RJ



CÍCERO DIAS

Meu tio

[Mon oncle]

déc. 1920

Acervo Paulo Kuczynski Escritório de Arte | São Paulo | SP



CÍCERO DIAS  
Sem título  
[Sans titre]  
déc. 1920

Acervo Paulo Kuczynski Escritório de Arte | São Paulo | SP



CÍCERO DIAS

Sem título

[Sans titre]

déc. 1920

Coleção Maria Inês e Salo Kibrit | São Paulo | SP



CÍCERO DIAS  
Sem título  
[Sans titre]  
1929  
Coleção Hecilda e Sérgio Fadel | Rio de Janeiro | RJ



TOMÁS SANTA ROSA  
Estrela  
[Étoile]  
Coleção Adolpho Leirner | São Paulo | SP



**ANTONIO GOMIDE**  
**Café de Paris**  
c. 1920-1930  
Acervo Museu de Arte Assis Chateaubriand  
Campina Grande | PB



LASAR SEGALL  
Aldeia Russa  
[Village russe]  
c. 1913

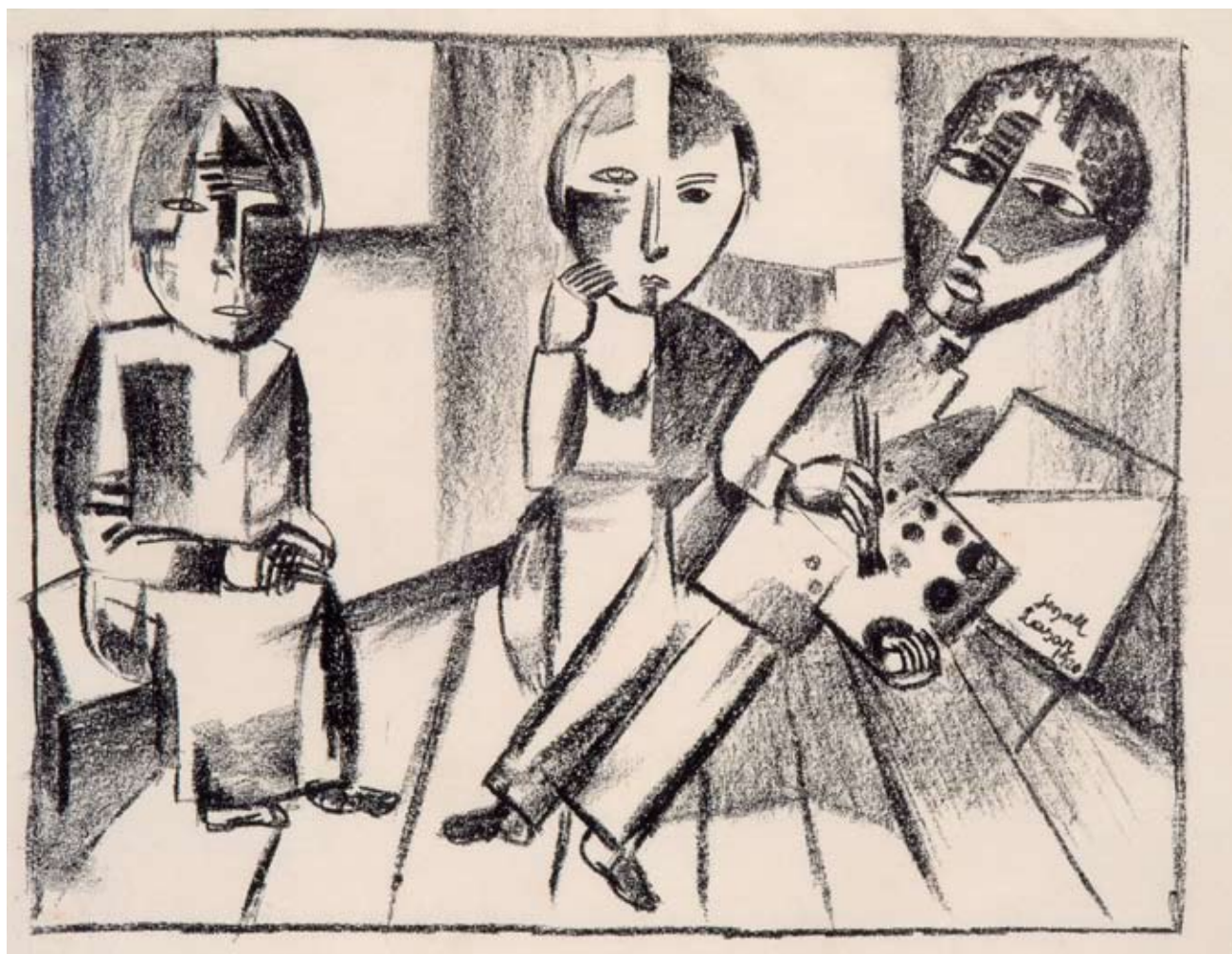
Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL  
Duas cabeças, do álbum *Uma doce criatura*  
[Deux têtes, d'album *Une douce créature*]  
1917

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC





LASAR SEGALL  
No ateliê  
[À l'atelier]  
1920

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL

Luto

[Deuil]

c. 1920

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL  
Dois meninos com gato e figura cadavérica  
[Deux garçons avec le chat et une figure cadavérique]  
c. 1923  
Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL  
Dois meninos e bode  
[Deux garçons et le bouc]  
c. 1923  
Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL

Menino adormecido e animais

[Garçons endormi et des animaux]

c. 1923

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL  
Menino e quatro figuras à mesa  
[Garçon et quatre figures à table]  
c. 1923

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



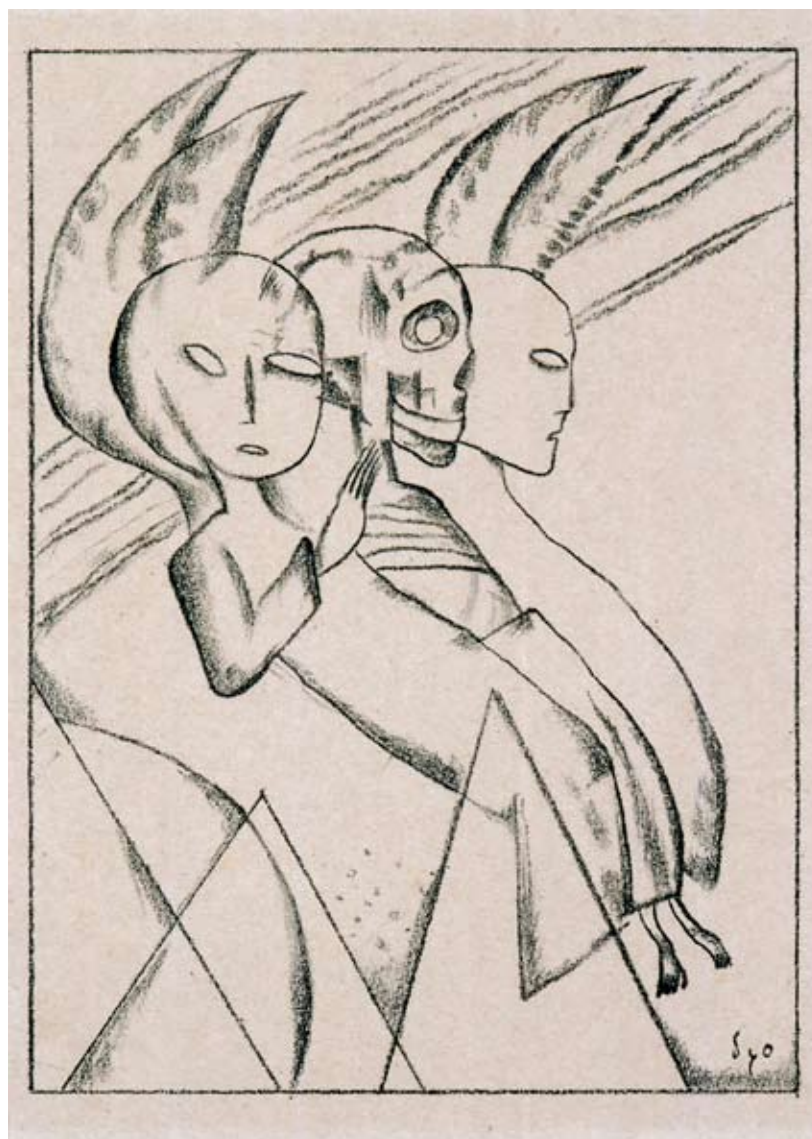
LASAR SEGALL  
Mulher e aves flutuando  
[Femme et les oiseaux flottant]  
c. 1923

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL  
Mulher e dois homens  
[Femme et deux hommes]  
c. 1923

Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC



LASAR SEGALL  
Seres alados e figura cadavérica  
[Étres aliés et une figure cadavérique]  
c. 1923  
Acervo Museu Lasar Segall | São Paulo | SP | IBRAM – MinC

## **Relação das obras expostas**

**Casa Fiat de Cultura •  
Museu Nacional de Belas Artes \***





Salon de coiffure (oncle Zussy)  
[Salão de cabeleireiro (tio Zussy)]  
1914  
guache e óleo sobre papel  
49,5 x 37,2 cm  
Acervo The State Tretyakov  
Gallery | Moscou | Rússia



Homme à table  
[Homem à mesa]  
1927  
grafite, crayon e tinta  
aguada sobre papel cartão  
colado sobre tela  
50 x 65 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP



Le Village  
[A Cidade]  
1966  
óleo sobre tela  
46 x 55 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP



Pharmacie à Vitebsk  
[Farmácia em Vitebsk]  
1914  
aquarela, guache e têmpera  
sobre papel colado sobre cartão  
40 x 52,4 cm  
Acervo The State Tretyakov  
Gallery | Moscou | Rússia



Le Printemps ou Le Bouc au violon  
[A Primavera ou O Bode com violino]  
1938  
aquarela e pastel sobre  
cartolina sobre papelão  
64 x 48,3 cm  
Coleção MAC-USP  
São Paulo | SP



Village au cheval vert ou Vision  
à la lune noire [Vilarejo com cavalo  
verde ou Visão sob a lua negra]  
1959  
guache, óleo, nanquim e pastel  
sobre papel colado sobre tela  
76 x 55,8 cm  
Coleção particular  
Fortaleza | CE



Le Bain de l'enfant  
[O Banho da criança]  
1916  
têmpera sobre cartão  
59 x 44,5 cm  
Acervo Pskov National Museum of  
History, Architecture and  
Fine Arts | Rússia



Le Char sur la ville (Étude pour  
*Le Cheval d'Aleko*) [A Carroça  
sobre a cidade (Estudo para  
*O Cavalão de Aleko*)]  
c. 1953-1956  
óleo sobre tela  
42 x 50 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP



Le Peintre dans la nuit  
[O Pintor na noite]  
c. 1960-1965  
óleo sobre cartão  
34,8 x 28,5 cm  
Coleção Giulio Tega  
Milão | Itália



Muguet  
[Lírio-do-vale]  
1916  
óleo sobre cartão  
42 x 32,8 cm  
Acervo The State Tretyakov  
Gallery | Moscou | Rússia



Portrait de Vava  
[Retrato de Vava]  
c. 1953-1956  
óleo sobre cartão  
27 x 22 cm  
Coleção particular  
Milão | Itália



Scène de cirque  
[Cena de circo]  
1966  
tinta sobre madeira  
24 x 18,5 cm  
Coleção Fondation Pierre Gianadda  
Martigny | Suíça



La Noce ou Le Mariage religieux  
[As Núpcias ou O Casamento  
religioso]  
1918  
óleo sobre tela  
100 x 119 cm  
Acervo The State Tretyakov  
Gallery | Moscou | Rússia



Les Amoureux au coq  
[Os Amantes com galo]  
1957  
nanquim e pastel sobre papel  
44,5 x 28,5 cm  
Coleção particular  
Fortaleza | CE



Bouquet de fleurs sur fond rouge  
[Buquê de flores sobre  
fundo vermelho]  
c. 1970  
óleo sobre tela  
41 x 32,5 cm  
Coleção Giulio Tega  
Milão | Itália



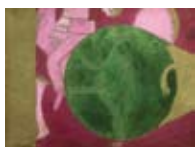
Paix aux chaumières – Guerre  
au palais [Paz nas choupanas  
– Guerra no palácio]  
1918  
aquarela, nanquim e lápis de cor  
sobre papel  
33,7 x 23,2 cm  
Acervo The State Tretyakov  
Gallery | Moscou | Rússia



Esquisse pour *Les Mariés au  
traîneau et au coq rouge*  
[Estudo para *Os Noivos com  
trenó e galo vermelho*]  
1957  
óleo sobre placa de madeira  
aglomerada  
24 x 23 cm  
Coleção Galeria Tega  
Milão | Itália



Les Mariés dans le ciel de Paris  
[Os Noivos no céu de Paris]  
c. 1970  
óleo, guache e nanquim sobre  
placa de madeira aglomerada  
31,3 x 32,7 cm  
Coleção particular | Brasil



Le Cirque  
[O Circo]  
1919-1920  
óleo sobre papel entelado  
31,3 x 41,3 cm  
Acervo The State Tretyakov  
Gallery | Moscou | Rússia



Les Mariés au traîneau et au  
coq rouge  
[Os Noivos com trenó e  
galo vermelho]  
1957  
óleo sobre cartão  
49,9 x 50 cm  
Acervo Fundação Ema Klabin  
São Paulo | SP



Les Mariés aux trois musiciens  
[Os Noivos e os três músicos]  
1972-1977  
óleo e nanquim sobre tela  
55 x 46,2 cm  
Coleção Simão Mendel Guss  
São Paulo | SP



En Promenade  
[Passeando]  
c. 1975-1978  
óleo sobre tela  
33 x 24 cm  
Coleção Galeria Tega  
Milão | Itália



La Musicienne  
[A Musicista]  
1978  
óleo e têmpera sobre tela  
116,3 x 89 cm  
Coleção Leopoldo Tega  
Milão | Itália



Le Rêve  
[O Sonho]  
c. 1980  
óleo sobre cartão  
38 x 46 cm  
Coleção particular  
Milão | Itália



Le Christ dans la nuit  
[O Cristo na noite]  
guache sobre papel  
59 x 44 cm  
Coleção particular  
Rio de Janeiro | RJ



Oiseau  
[Pássaro]  
1964  
fonte em mármore branco,  
Pierre de Signes, Vence  
37 x 24 x 19 cm  
Coleção Fondation Pierre Gianadda  
Martigny | Suíça



Peixe  
[Poisson]  
1964  
fonte em mármore branco,  
Pierre de Signes, Vence  
37 x 25,5 x 27 cm  
Coleção Fondation Pierre Gianadda  
Martigny | Suíça



moulot 25  
L'Auge II  
[O Cocho]  
1924  
litografia sobre papel  
30 x 24 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP



gravura 16 | Série Ma Vie [Minha Vida]  
La Noce [Casamento]  
1922-1923  
água-forte e ponta-seca sobre papel  
35,7,3 x 27 cm  
Coleção Mário de Andrade  
Coleção de Artes Visuais do  
Instituto de Estudos Brasileiros  
USP | São Paulo | SP



gravura 8 | Série Ma Vie [Minha Vida]  
Maison à Peskowitz  
[Casa em Peskowitz]  
1922  
água-forte sobre papel  
17 x 20 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP



Série Ma Vie [Minha Vida]  
L'Homme au panier  
[Homem com cesta]  
1922  
água-tinta e ponta-seca  
sobre papel  
11,5 x 9 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP



Autoportrait au chapeau garni  
[Autorretrato com chapéu enfeitado]  
1928  
água-forte sobre papel  
20 x 14 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP



Le Cheval à l'ombrelle  
[O Cavalo com a sombrinha]  
1928-1929  
água-forte sobre papel  
16 x 20,5 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP



moulot 423a  
Village gris  
[Cidade cinzenta]  
c. 1964  
litografia em cores sobre papel  
67 x 51 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP



Le Violoniste amoureux  
[O Violinista apaixonado]  
c. 1967  
água-forte e água-tinta  
sobre papel  
30,5 x 23,5 cm  
Acervo Fundação José e Paulina  
Nemirovsky | São Paulo | SP

## Les Âmes mortes [As Almas mortas] Série completa



gravura I  
L'arrivée de Tchitchikov  
[A Chegada de Tchitchikov]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça



gravura II  
Le Traktir  
[O Traktir]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça



gravura III  
La Petite ville  
[A Cidadezinha]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça



gravura IV  
La Soirée chez le gouverneur  
[A Noitada na casa do governador]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça



gravura V  
Pétouchka  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça



gravura VI  
Le Cocher Sélifane  
[O Cocheiro Sélifane]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça



gravura VII  
En Chemin  
[A Caminho]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XIV  
La Britchka s'est renversée  
[A Britchka tombou]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXI  
Repas dans le traktir  
[Refeição no traktir]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura VIII  
Manilov  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XV  
Madame Korobotchka  
[Senhora Korobotchka]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXII  
Nozdriov  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura IX  
Manilov et Tchitchikov sur le seuil  
de la porte [Manilov e Tchitchikov  
na soleira da porta]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XVI  
Tchitchikov sur le lit  
[Tchitchikov na cama]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXIII  
Les Peintres  
[Os Pintores]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura X  
Repas chez Manilov  
[Refeição na casa de Manilov]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XVII  
La Basse-cour  
[O Galinheiro]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXIV  
Les Cartes à jouer  
[O Baralho]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XI  
L'Intendant  
[O Intendente]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XVIII  
Le Thé du matin  
[O Chá da manhã]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXV  
Apparition des policiers  
[Aparição dos policiais]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XII  
Les Adieux de Tchitchikov  
à Manilov  
[As Despedidas de Tchitchikov  
a Manilov]  
1948  
água-forte sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XIX  
L'Indication de la route  
[A Indicação do caminho]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXVI  
Le Cocher donne à manger  
aux chevaux  
[O Cocheiro alimenta os cavalos]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XIII  
En Route vers Sobakévitch  
[A Caminho de Sobakévitch]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XX  
La Maison du traktir  
[A Casa do traktir]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXVII  
Collusion en chemin  
[Conspiração no caminho]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura XXX  
Les Rêves de Tchitchikov  
[Os Sonhos de Tchitchikov]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXI  
La Maison de Sobakévitch  
[A Casa de Sobakévitch]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXVIIbis  
Sobakévitch près du fauteuil  
[Sobakévitch junto à poltrona]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXVIII  
Attroupement des paysans  
[Agrupamento de camponeses]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXIX  
Le Père Mitiaï et le père Miniaï  
[O Pai Mitiaï e o pai Miniaï]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXII  
Sobakévitch  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXIII  
Madame Sobakévitch  
[Senhora Sobakévitch]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXIV  
On Passe à table  
[Vamos para a mesa]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXV  
La Table chargée de victuailles  
[A Mesa repleta de alimentos]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXVI  
Sobakévitch à table  
[Sobakévitch à mesa]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXVII  
Tchitchikov et Sobakévitch discutent  
affaires [Tchitchikov e Sobakévitch  
discutent sobre negócios]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXVIIter  
Les Arrhes  
[O Depósito]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXVIIquater  
Rencontre d'un paysan  
[Encontro de um camponês]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXVIII  
Le Village de Pliouchkine  
[O Vilarejo de Pliouchkine]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XXXIX  
Le Vieux parc de Pliouchkine  
[O Velho parque de Pliouchkine]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XL  
Pliouchkine à la porte  
[Pliouchkine em frente à porta]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLII  
Pliouchkine ramassant sous le pont  
[Pliouchkine colhendo sob a ponte]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLVI  
Dispute de Pliouchkine et de Mavra  
[Discussão entre Pliouchkine e Mavra]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLVII  
À La barrière de la ville  
[Na Fronteira da cidade]  
1948  
água-forte sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLV  
Pliouchkine à la recherche  
de ses papiers [Pliouchkine  
procurando seus papéis]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LII  
La Femme moineau  
[A Mulher pardal]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLI  
La Chambre de Pliouchkine  
[O Quarto de Pliouchkine]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLIV  
Pliouchkine offre à boire  
[Pliouchkine oferecendo algo para beber]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LIII  
Grigori va-toujours-et-tu n'arriveras-pas  
[Grigori Nunca-Acaba-de-Chegar]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLIX  
Tchitchikov triomphe en chemise  
[Tchitchikov triunfante em mangas de camisa]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LI  
Maxime Téliatnikov, savetier  
[Maxime téliatnikov, sapateiro]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLIII  
Prochka  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLIXbis  
Labourage  
[O Cultivo]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LIV  
L'Homme sans passeport  
devant le capitaine Ispravnik  
[O Homem sem passaporte  
perante o capitão Ispravnik]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLVIII  
Gogol et Chagall  
[Gogol e Chagall]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LVbis  
Les Haleurs  
[Os Estivadores]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LV  
Le Port au blé  
[O Porto de trigo]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura XLIXter  
Mort de Mets-les-pieds-dans-le-plat  
[Morte dos intrometidos desajeitados]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura L  
Stéphane Bouchon, charpentier  
[Stéphane Bouchon, carpinteiro]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LVI  
La Rencontre en houppelande  
[O Encontro em houppelande]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LVII  
Le Tribunal  
[O Tribunal]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LVIII  
Le Bureau des contrats  
[O Departamento de contratos]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LVIIIbis  
Le Pot de vin  
[O Jarro de vinho (O Suborno)]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LVIIIter  
Les Témoins  
[As Testemunhas]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LIXter  
Pétouchka retire les bottes  
[Pétouchka tirando as botas]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LIXbis  
Pavel Ivanovitch est ramené à l'auberge  
[Pavel Ivanovitch é levado ao albergue]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LX  
Etendus sur le lit  
[Deitados na cama]  
1948  
águas-fortes e pontas-secas  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXI  
La Toilette de Tchitchikov  
[A Toilete de Tchitchikov]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXVII  
La Femme du gouverneur gronde  
sa fille [A Esposa do governador  
reprende sua filha]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXVIII  
L'Enterrement du procureur  
[O Enterro do procurador]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXIV  
Révelations de Nozdriov  
[Revelações de Nozdriov]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXXI  
Tchitchikov couchait au bureau  
[Tchitchikov dormindo no escritório]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXVI  
Dames charmantes et charmante à  
tous égards [Damas encantadora  
e encantadora em todos os aspectos]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXQuarter  
On Nettoie les pantalons  
[Limpeza das calças]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXX  
Le Père de Tchitchikov lui donne  
une correction [O Pai de Tchitchikov  
aplica-lhe um corretivo]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXII  
Kopëikine ou Napoléon  
[Kopëikine ou Napoleão]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LIX  
Agapes chez le maître de police  
[Agapes junto ao chefe de polícia]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXXIII  
À La trésorerie le nouveau chef  
[O Novo chefe na tesouraria]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXIX  
La Fuite tout nu  
[A Fuga completamente nu]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXII  
Apparition de Tchitchikov au bal  
[Aparição de Tchitchikov no baile]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXVII  
Notre héros tenait à être prêt  
[Nosso herói ansioso  
ao se aprontar]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXV  
Tchitchikov se rase  
[Tchitchikov fazendo a barba]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXV  
Le Garde au réverbère  
[O Guarda junto ao lampião]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXIII  
Le Procureur en mourut  
[O Procurador à morte]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXVIII  
L'Orgie dégenère en rixe  
[A Orgia degenera em rixa]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXIII  
Bal chez le gouverneur  
[Baile na casa do governador]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXIV  
Mal de dents  
[Dor de dente]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXXII  
À L'église  
[Na igreja]  
1948  
água-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
Coleção particular | Suíça

● \*



gravura LXXXIV  
Tchitchikov, douanier  
[Tchitchikov, aduaneiro]  
1948  
àgua-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura LXXXV  
La Troika au soir  
[A Troika à noite]  
1948  
àgua-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura LXXVI  
Le Suisse ne laisse pas  
entrer Tchitchikov  
[O Suíço não deixa Tchitchikov entrar]  
1948  
àgua-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura LXX  
Les Fonctionnaires amaigris  
[Os Funcionários emagrecidos]  
1948  
àgua-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura LXXI  
Le Conciliabule des fonctionnaires  
[O Conluio dos funcionários]  
1948  
àgua-forte e ponta-seca  
sobre papel  
28 x 37,5 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura LXXIX  
La Naissance de Tchitchikov  
[O Nascimento de Tchitchikov]  
1948  
àgua-forte e ponta-seca  
sobre papel  
37,5 x 28 cm  
●\*  
Coleção particular | Suíça



gravura 31 | sorlier 124  
Le Renard et le bouc  
[A Raposa e o bode]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 34 | sorlier 127 le meunier  
Le Loup et la cigogne  
[O Lobo e a cegonha]  
1952  
àgua-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 34 | sorlier 127  
Le Loup et la cigogne  
[O Lobo e a cegonha]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 37 | sorlier 130  
Les Loups et les brebis  
[Os Lobos e as ovelhas]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 40 | sorlier 138  
Le Lion amoureux  
[O Leão apaixonado]  
1952  
àgua-forte sobre papel  
42,3 x 34 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 40 | sorlier 138  
Le Lion amoureux  
[O Leão apaixonado]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 46 | sorlier 139  
Le Renard et le buste  
[A Raposa e o busto]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 49 | sorlier 142  
L'Avare qui a perdu son trésor  
[O Avaro que perdeu seu tesouro]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 58 | sorlier 152  
La Fortune et le jeune enfant  
[A Fortuna e a criança pequena]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 61 | sorlier 155  
L'Aigle et le hibou  
[A Águia e a coruja]  
1952  
àgua-forte aquarelada  
sobre papel  
39 x 30,2 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 74 | sorlier 168  
La Fille  
[A Menina]  
1952  
àgua-forte sobre papel  
42,3 x 34 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 93 | sorlier 187  
La Tortue et les deux canards  
[A Tartaruga e os dois patos]  
1952  
àgua-forte sobre papel  
42,3 x 34 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 95 | sorlier 189  
Les Poissons et le berger  
qui joue de la flûte  
[Os Peixes e o pastor flautista]  
1952  
àgua-forte sobre papel  
42,3 x 34 cm  
●\*  
Coleção particular | França



gravura 97 | sorlier 191  
Le Chat et les deux moineaux  
[O Gato e os dois pardais]  
1952  
àgua-forte sobre papel  
42,3 x 34 cm  
●\*  
Coleção particular | França

## Les Fables de La Fontaine [As Fábulas de La Fontaine]



gravura 98 | sorlier 192  
Les Deux chèvres  
[As Duas cabras]  
1952  
água-forte sobre papel  
42,3 x 34 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 18 | sorlier 111  
Le Lion et le moucheron  
[O Leão e a mosca]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 28 | sorlier 121  
Le Meunier, son fils et l'âne  
[O Moleiro, seu filho e o asno]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 54 | sorlier 148  
Le Petit poisson et le pêcheur  
[O Peixinho e o pescador]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 75 | sorlier 169  
La Laitière et le pot au lait  
[A Leiteira e o jarro de leite]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 79 | sorlier 171  
Le Savetier et le financier  
[O Sapateiro e o financista]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 88 | sorlier 182  
Le Singe et le léopard  
[O Macaco e o leopardo]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 96 | sorlier 190  
Les Deux perroquets, le roi et son fils  
[Os Dois papagaios, o rei e seu filho]  
1952  
água-forte sobre papel  
39 x 30 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 1 | sorlier 195  
Le Corbeau et le renard  
[O Corvo e a raposa]  
1952  
água-forte sobre papel  
30 x 25 cm  
Coleção particular | França

● \*

## La Bible [A Bíblia] Série completa



gravura 1  
Création de l'homme  
[Criação do homem]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 2 | sorlier 200  
La Colombe de l'Arche  
[A Pomba da Arca]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 3 | sorlier 201  
Sacrifice de Noé  
[Sacrifício de Noé]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 4 | sorlier 202  
L'Arc en ciel  
[O Arco-íris]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 5 | sorlier 203  
Le Manteau de Noé  
[O Manto de Noé]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 6 | sorlier 204  
La Circoncision  
[A Circuncisão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 7 | sorlier 205  
Abraham et les trois anges  
[Abraão e os três anjos]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 8 | sorlier 206  
La Descente vers Sodome  
[A Descida para Sodoma]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 9 | sorlier 207  
Loth et ses filles  
[Ló e suas filhas]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 10 | sorlier 208  
Le Sacrifice d'Abraham  
[O Sacrifício de Abraão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 11 | sorlier 210  
Abraham pleurant Sara  
[Abraão chorando por Sara]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*





gravura 12 | sorlier 209  
Rébecca à la fontaine  
[Rebeca na fonte]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 13 | sorlier 211  
Jacob béni par Isaac  
[Jacó abençoado por Isaac]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 14 | sorlier 212  
L'Échelle de Jacob  
[A Escada de Jacó]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



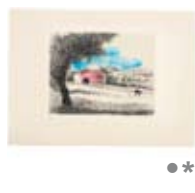
gravura 15 | sorlier 213  
Rencontre de Rachel et de Jacob  
[Encontro de Raquel e Jacó]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 16 | sorlier 214  
La Lutte avec l'ange  
[A Luta com o anjo]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 17 | sorlier 222  
La Tombe de Rachel  
[O Túmulo de Raquel]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
39,5 x 54,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 18 | sorlier 215  
Joseph berger  
[José pastor]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 19 | sorlier 216  
Joseph et ses frères  
[José e seus irmãos]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 20 | sorlier 217  
Jacob pleurant Joseph  
[Jacó chorando por José]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 21 | sorlier 218  
La Femme de Potiphar  
[A Esposa de Potifar]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 22 | sorlier 219  
Le Songe de Pharaon  
[O Sonho do faraó]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 23 | sorlier 220  
Joseph reconnu par ses frères  
[José reconhecido por seus irmãos]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 24 | sorlier 221  
Départ de Jacob pour l'Égypte  
[Partida de Jacó para o Egito]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 25 | sorlier 223  
Bénédition d'Ephraïm et Manassé  
[Bênção de Efraim e Manassés]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 26 | sorlier 224  
Moïse sauvé des eaux  
[Moisés é salvo das águas]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 27 | sorlier 225  
Le Buisson ardent  
[A Moita ardente]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 28 | sorlier 226  
Moïse et le serpent  
[Moisés e a serpente]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 29 | sorlier 227  
Rencontre de Moïse et d'Aaron  
[Encontro de Moisés e de Arão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 30 | sorlier 228  
Moïse et Aaron devant Pharaon  
[Moisés e Arão perante o faraó]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 31 | sorlier 229  
Les Ténèbres sur l'Égypte  
[As Trevas sobre o Egito]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 97 | sorlier 230  
Le Repas de la Pâque  
[A Refeição da Páscoa]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 33 | sorlier 234  
La Sortie d'Égypte  
[A Saída do Egito]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
39,5 x 54,2 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 34 | sorlier 231  
Passage de la Mer Rouge  
[Travessia do Mar Vermelho]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 35 | sorlier 232  
Danse de Marie soeur de Moïse  
[Dança de Miriã, irmã de Moisés]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 36 | sorlier 233  
Moïse fait jaillir l'eau du rocher  
[Moisés faz jorrar água do rochedo]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 37 | sorlier 235  
Moïse reçoit les Tables de la Loi  
[Moisés recebe as Tábuas da Lei]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 38 | sorlier 236  
Le Veau d'or  
[O Bezerro de ouro]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 39 | sorlier 237  
Moïse brise les Tables de la Loi  
[Moisés grava as Tábuas da Lei]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 40 | sorlier 238  
Aaron et le chandelier  
[Arão e o castiçal]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 41 | sorlier 239  
Mort de Moïse  
[Morte de Moisés]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 42 | sorlier 240  
Bénédiction de Moïse sur Josué  
[Moisés abençoa Josué]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 43 | sorlier 241  
Passage du Jourdain  
[Travessia do Jordão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 44 | sorlier 242  
Josué armé par l'éternel  
[Josué armado para a eternidade]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 45 | sorlier 243  
Josué devant l'ange à l'épée  
[Josué perante o anjo com a espada]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 46 | sorlier 244  
Josué devant Jéricho  
[Josué perante Jericó]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 47 | sorlier 245  
Josué lit les paroles de la Loi  
[Josué lê as palavras da Lei]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 48 | sorlier 246  
Josué arrête le soleil  
[Josué para o sol]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 49 | sorlier 247  
Josué et les rois vaincus  
[Josué e os reis derrotados]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 50 | sorlier 250  
Exhortation de Josué  
[Exortação de Josué]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 51 | sorlier 248  
Josué et la pierre de Sichéem  
[Josué e a pedra de Siquém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 52 | sorlier 249  
Débora la prophétesse  
[Débora, a profetisa]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 53 | sorlier 251  
Sacrifice de Manoach  
[Sacrifício de Manoá]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Colecção particular | França

● \*



gravura 54 | sorlier 254  
Samson et le lion  
[Sansão e o leão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
39,5 x 54,2 cm  
●\* Coleção particular | França



gravura 55 | sorlier 253  
Samson enlève les portes de Gaza  
[Sansão levanta as portas de Gaza]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 56 | sorlier 252  
Samson et Dalila  
[Sansão e Dalila]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 57 | sorlier 255  
Samson renverse les colonnes  
[Sansão derruba as colunas]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 58 | sorlier 256  
Anne invoque l'éternel  
[Ana invoca a eternidade]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 59 | sorlier 257  
Samuel appelé par Dieu  
[Samuel chamado por Deus]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 60 | sorlier 258  
Onction de Saül  
[Unção de Saul]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 61 | sorlier 259  
Saül et David  
[Saul e Davi]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 62 | sorlier 260  
David et le lion  
[Davi e o leão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 63 | sorlier 262  
David vainqueur de Goliath  
[Davi vence Golias]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 64 | sorlier 261  
David devant Saül  
[Davi perante Saul]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 65 | sorlier 263  
Mort de Saül  
[Morte de Saul]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 66 | sorlier 264  
Cantique de l'arc  
[Cântico do arco]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 67 | sorlier 266  
Le Roi David  
[O Rei Davi]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 68 | sorlier 265  
L'Arche portée à Jérusalem  
[A Arca levada a Jerusalém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 69 | sorlier 267  
David et Bath-Schéba  
[Davi e Betsabá]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 70 | sorlier 270  
David et Absalon  
[Davi e Absalão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 71 | sorlier 269  
David montant la colline des oliviers  
[Davi subindo a colina das oliveiras]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 72 | sorlier 268  
Fin d'Absalon  
[Fim de Absalão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 73 | sorlier 271  
David pleure Absalon  
[Davi chora por Absalão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 74 | sorlier 272  
Cantique de David  
[Cântico de Davi]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França



gravura 75 | sorlier 274  
Bath-Schéba aux pieds de David  
[Betsabá aos pés de Davi]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 76 | sorlier 273  
L'Onction du roi Salomon  
[A Unção do rei Salomão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 77 | sorlier 275  
Songe de Salomon  
[Sonho de Salomão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 78 | sorlier 276  
Le Jugement de Salomon  
[O Julgamento de Salomão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 79 | sorlier 277  
Prière de Salomon  
[Prece de Salomão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 80 | sorlier 278  
La Reine de Séba  
[A Rainha de Sabá]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 81 | sorlier 279  
Salomon sur son trône  
[Salomão em seu trono]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 82 | sorlier 282  
Prophète tué par un lion  
[Profeta morto por um leão]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 83 | sorlier 280  
Élie et la veuve de Sarepta  
[Elias e a viúva de Sarepta]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 84 | sorlier 281  
L'Enfant ressuscité par Élie  
[A Criança ressuscitada  
por Elias]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



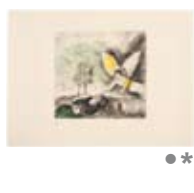
gravura 85 | sorlier 283  
L'Offrande d'Élie  
[A Oferenda de Elias]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 86 | sorlier 288  
Élie sur le Mont Carmel  
[Elias sobre o Monte Carmelo]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 87 | sorlier 285  
Élie touché par un anjo  
[Elias tocado por um anjo]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
39,5 x 54,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 88 | sorlier 286  
La Vision d'Élie  
[A Visão de Elias]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 89 | sorlier 284  
Élie enlevé au ciel  
[Elias sobe ao céu]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 90 | sorlier 287  
Prophétie sur Jérusalem  
[Profecia sobre Jerusalém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 91 | sorlier 289  
Vision d'Ésaïe  
[Visão de Isaías]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 92 | sorlier 290  
Temps messianiques  
[Tempos messiânicos]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 93 | sorlier 291  
Oracle sur Babylone  
[Oráculo sobre a Babilônia]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 94 | sorlier 292  
L'Éternel aura pitié de Jacob  
[A Eternidade terá piedade de Jacó]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 95 | sorlier 293  
Délivrance de Jérusalem  
[Libertação de Jerusalém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 96 | sorlier 294  
Promesse à Jérusalem  
[Promessa em Jerusalém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 32 | sorlier 295  
L'Homme guidé par l'éternel  
[O Homem guiado pela eternidade]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 98 | sorlier 298  
Salut pour Jérusalem  
[Saudação por Jerusalém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 99 | sorlier 297  
Prière d'Esaié  
[Prece de Isaías]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 100 | sorlier 296  
Vocation de Jérémie  
[Vocação de Jeremias]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 101 | sorlier 299  
Prise de Jérusalem  
[Tomada de Jerusalém]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 102 | sorlier 302  
Jérémie dans la fosse  
[Jeremias na cova]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 103 | sorlier 301  
Souffrance de Jérémie  
[Sofrimento de Jeremias]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 104 | sorlier 300  
Vision d'Ezéchiel  
[Visão de Ezequiel]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



gravura 105 | sorlier 303  
Vocation d'Ezéchiel  
[Vocação de Ezequiel]  
1956  
água-forte aquarelada  
sobre papel  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 311  
Songe de Lamon et de Dryas  
[Sonho de Lamon e de Dryas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 37,9 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 312  
Le Piège à loups  
[A Armadilha para lobos]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
52,8 x 38 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 313  
Daphnis et Chloé au bord  
de la fontaine  
[Dafne e Cloé à beira da fonte]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
56 x 38,3 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 314  
Printemps au pré  
[Primavera na pradaria]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
55,5 x 73,5 cm  
Coleção particular | França

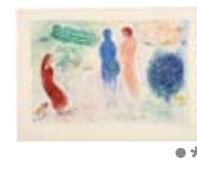
● \*

## Daphnis et Chloé [Dafne e Cloé] Série completa



mourlot 308  
Daphnis et Chloé – Frontispice  
[Dafne e Cloé – Frontispício]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
56,3 x 38,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 315  
Le Jugement de Chloé  
[O Julgamento de Cloé]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 76 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 309  
Découverte de Daphnis par Lamon  
[Descoberta de Dafne por Lamon]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,6 x 37,8 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 316  
Le Baiser de Chloé  
[O Beijo de Cloé]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53 x 37,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 310  
Découverte de Chloé par Daphnis  
[Descoberta de Cloé por Dafne]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 37,9 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 317  
La Ruse de Dorcon  
[O Estratagema de Dorcon]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
54 x 38,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 318  
À Midi, l'été  
[Ao Meio-dia, o verão]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 38 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 319  
L'Arondelle  
[A Andorinha]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 37,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 320  
La Mort de Dorcon  
[A Morte de Dorcon]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53 x 75,8 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 321  
La Caverne des nymphes  
[A Caverna das ninfas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,7 x 75,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 322  
Les Vendanges  
[As Vindimas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
54 x 38 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 323  
La Leçon de Philéas  
[A Lição de Filotas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,9 x 37,8 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 324  
Les Jeunes gens de Méthymne  
[Os Jovens de Mithymna]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,7 x 37,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 325  
Le Songe de Daphnis et les nymphes  
[O Sonho de Dafne e as ninfas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
54,5 x 38 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 326  
Le Verger de Philéas  
[O Pomar de Filotas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 76 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 327  
Enlèvement de Chloé  
[Rapto de Cloé]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 76 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 328  
Le Songe du Capitaine Bryaxis  
[O Sonho do capitão Bryaxis]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,7 x 76 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 329  
La Chasse aux oiseaux  
[A Caça aos pássaros]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 76,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 330  
Sacrifice aux nymphes  
[Sacrifício às ninfas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 38 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 331  
Banquet de Pan  
[Banquete de Pã]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
54 x 38,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 332  
La Fable de Syringe  
[A Fábula de Siringe]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 37,9 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 333  
L'Hiver  
[O Inverno]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 37,8 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 334  
Le Repas chez Dryas  
[A Refeição na casa de Dryas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,7 x 75,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 336  
Daphnis et Lycénion  
[Dafne e Lycénion]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 38,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 337  
La Saison d'été  
[A Estação do verão]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
54 x 37,5 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 338  
Le Dauphin mort et les trois cents écus  
[O Golfinho morto e os trezentos escudos]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 38,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 339  
Chloé  
[Cloé]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 38,2 cm  
Coleção particular | França

● \*



mourlot 340  
L'Écho  
[O Eco]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,6 x 75,5 cm  
Coleção particular | França



mourlot 347  
Mégacès reconnaît sa Fille  
pendant le festin  
[Mégacles reconhece sua filha  
durante o banquete]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 76 cm  
Coleção particular | França



mourlot 341  
Le Verger  
[O Pomar]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,2 x 76 cm  
Coleção particular | França



mourlot 348  
Festin nuptial dans la Grotte  
des nymphes  
[Banquete nupcial na Gruta  
das ninfas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 76,4 cm  
Coleção particular | França



mourlot 342  
Les Fleurs saccagées  
[As Flores saqueadas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 38 cm  
Coleção particular | França



mourlot 349  
Hyménée  
[Himeneu]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,5 x 75,7 cm  
Coleção particular | França



mourlot 343  
Daphnis et Gnathon  
[Dafne e Gnathon]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
54,7 x 37,8 cm  
Coleção particular | França



mourlot 335  
Le Printemps  
[A Primavera]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53 x 75,5 cm  
Coleção particular | França



mourlot 344  
Arrivée de Dionysophane  
[Chegada de Dionysophane]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 38 cm  
Coleção particular | França



mourlot 345  
Chloé vêtue et coiffée par Cléariste  
[Cloé vestida e penteada  
por Cléariste]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 38 cm  
Coleção particular | França



mourlot 346  
Temple et histoire de Bacchus  
[Templo e história de Baco]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53 x 75,2 cm  
Coleção particular | França



## Contexto Brasil



ISMAEL NERY  
Como o meu amigo Chagall  
[Comme mon ami Chagall]  
c. 1920-1930  
aquarela sobre papel  
26,5 x 38,5 cm  
Coleção Orandi Momesso  
São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Composição  
[Composition]  
aquarela e grafite sobre papel  
20,5 x 26,8 cm  
Coleção MAC-USP  
São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Sem título  
[Sans titre]  
déc. 1920  
aquarela sobre papel  
30 x 18,5 cm  
Acervo Paulo Kuczynski  
Escritório de Arte  
São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Namoro com a lua  
[Flirt avec la lune]  
1927  
guache sobre cartão  
23,4 x 14,7 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Sem título  
[Sans titre]  
1927  
guache sobre papel cartão colado  
sobre placa de madeira aglomerada  
23 x 14 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Sonho de amor  
[Songe d'amour]  
c. 1927  
guache sobre papel cartão  
24 x 15,7 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP



ISMAEL NERY  
Casal  
[Couple]  
aquarela e nanquim  
sobre papel  
31,5 x 24 cm  
Coleção Hecilda e Sérgio Fadel  
Rio de Janeiro | RJ







ISMAEL NERY  
Casal  
[Couple]  
aquarela sobre papel  
30 x 19 cm  
Coleção particular  
São Paulo | SP

● \*



CÍCERO DIAS  
Meu tio  
[Mon oncle]  
déc. 1920  
aquarela sobre papel  
51 x 48,5 cm  
Acervo Paulo Kuczynski  
Escritório de Arte  
São Paulo | SP

● \*



CÍCERO DIAS  
Sem título  
[Sans titre]  
déc. 1920  
aquarela sobre papel  
36 x 56 cm  
Coleção Maria Inês e Salo Kibrit  
São Paulo | SP

● \*



CÍCERO DIAS  
Sem título  
[Sans titre]  
déc. 1920  
aquarela sobre papel  
51 x 36,5 cm  
Acervo Paulo Kuczynski  
Escritório de Arte  
São Paulo | SP

● \*



CÍCERO DIAS  
Sem título  
[Sans titre]  
1928  
aquarela e nanquim sobre papel  
50 x 40 cm  
Coleção Hecilda e Sérgio Fadel  
Rio de Janeiro | RJ

● \*



CÍCERO DIAS  
Chegada de Muratori  
[Arrivée de Muratori]  
1927  
lápis, nanquim e guache sobre papel  
49,5 x 33,8 cm  
Coleção Mário de Andrade  
Coleção de Artes Visuais do Instituto  
de Estudos Brasileiros  
USP | São Paulo | SP

● \*



CÍCERO DIAS  
Sem título  
[Sans titre]  
1929  
aquarela e nanquim sobre papel  
40 x 34 cm  
Coleção Hecilda e Sérgio Fadel  
Rio de Janeiro | RJ

● \*



TOMÁS SANTA ROSA  
Estrela  
[Étoile]  
nanquim sobre papel  
25 x 22 cm  
Coleção Adolpho Leirner  
São Paulo | SP

● \*



TOMÁS SANTA ROSA  
Estrela da manhã, de Manuel  
Bandeira [Étoile du matin,  
de Manuel Bandeira] c. 1936  
aquarela e tinta sobre papel  
27,3 x 27,2 cm  
Coleção Mário de Andrade  
Coleção de Artes Visuais do  
Instituto de Estudos Brasileiros  
USP | São Paulo | SP

● \*



ANTONIO GOMIDE  
Café de Paris  
c. 1920-1930  
aquarela sobre papel  
24,5 x 31 cm  
Acervo Museu de Arte Assis  
Chateaubriand  
Campina Grande | PB

● \*



LASAR SEGALL  
Aldeia russa  
[Village russe]  
c. 1913  
litografia sobre papel  
37,5 x 30,5 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Duas cabeças, do álbum  
*Uma doce criatura*  
[Deux têtes, de l'album  
*Une douce créature*  
1917  
litografia sobre papel  
31 x 27 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



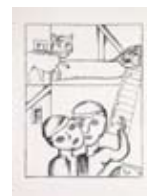
LASAR SEGALL  
No ateliê  
[À L'atelier]  
1920  
litografia sobre papel  
26 x 33 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Luto  
[Deuil]  
c. 1920  
litografia sobre papel  
34 x 40 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Dois meninos com gato  
e figura cadavérica  
[Deux garçons avec le chat  
et une figure cadavérique]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
16,1 x 13 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Dois meninos e bode  
[Deux garçons et le bouc]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
17,8 x 14,4 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Menino adormecido  
e animais  
[Garçon endormi et des animaux]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
15,2 x 12 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Menino e quatro figuras à mesa  
[Garçon et quatre figures à table]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
17,4 x 13,1 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Mulher e aves flutuando  
[Femme et les oiseaux flottant]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
18,3 x 13,2 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Mulher e dois homens  
[Femme et deux hommes]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
16,2 x 13 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



LASAR SEGALL  
Seres alados e figura cadavérica  
[Êtres ailés et une figure cadavérique]  
c. 1923  
litografia sobre papel  
18,3 x 13,5 cm  
Acervo Museu Lasar Segall  
São Paulo | SP | IBRAM – MinC

● \*



#### **Conselho Deliberativo**

Cledorvino Belini  
Valentino Rizzoli  
Pablo Di Si  
Marcelo Arantes  
Carlos Antonio Dutra Garrido  
Francesco Pastore

#### **Diretoria**

*Diretor-Presidente*  
José Eduardo de Lima Pereira

*Diretor-Vice-Presidente*  
Marco Antônio Lage

*Diretor Administrativo e Financeiro*  
Gilson de Oliveira Carvalho

*Diretor de Relações Institucionais*  
Marco Piquini

#### **Gestão Executiva**

*Gestora de Cultura*  
Ana Vilela

*Supervisora Administrativa e Financeira*  
Mariana Lima

*Estagiária*  
Paula Loureiro

#### **Empresas Mantenedoras**

Banco Fidis de Investimento  
CNH Latin America  
Comau do Brasil  
Fiat Automóveis  
Fiat do Brasil  
Fiat Finanças  
Fiat Services  
FIDES Corretagem de Seguros  
FPT Powertrain Technologies  
Iveco Latin America  
Magnetit Marelli  
Teksid do Brasil

#### **Diretoria**

Arnaldo Spindel  
Maria Eugênia Saturni  
Ricardo Ribenboim

#### **Gerência de Planejamento**

Carmen Maria de Sousa

#### **Gerência de Projetos**

Renata Viellas Rödel

#### **Gerência de Produção**

Elena Grosbaum

#### **Coordenação Administrativa**

Thais Coturri

#### **Coordenação de Pesquisa**

Tatiana Sampaio Ferraz

#### **Produção**

Fernanda Engler  
Marta Masiero  
Natasha Barzaghi Geenen  
Sandra Pandeló  
Waleria Alexandrino Dias

#### **Assistência**

Fabiola Antônio  
Gustavo Seraphim Martins de Almeida  
Jacy Has  
Renato Souza Cordeiro

#### **Estagiários**

Henrique Tadeu da Silva  
Hosana Cristina Chaves  
Isabela Gatti Pereira Rodrigues  
Nina Standerski

#### **Informática e Produção de Materiais Multimídia**

Base7.Info Projetos de Informática Aplicada  
Luís Henrique Moraes  
Bruno Favaretto  
Edson Tadeu de Almeida  
Ricardo Irineu de Souza  
Gilson Lemos do Nascimento

#### **Assessoria de Imprensa**

ECCO Escritório de Consultoria e Comunicação

A Base7 é uma empresa do grupo Ink, um dos principais de produção audiovisual e cultural do país, em atuação há dez anos e do qual fazem parte também Academia de Cultura, Academia de Filmes, Margarida Flores e Filmes, Colméia Produção de Conteúdo Digital, Ipanema Entertainment, Illegal FX e Cia. das Licenças.

## EXPOSIÇÃO BELO HORIZONTE

### Realização

Casa Fiat de Cultura

### Realização | Concepção | Produção

Base7 Projetos Culturais  
Arnaldo Spindel  
Maria Eugênia Saturni  
Ricardo Ribenboim

### Curadoria | Coordenação de Pesquisa

Fabio Magalhães

### Coordenação de Produção

Elena Grosbaum

### Produção Internacional

*Milão*

Torcular S.r.l – Pier Paolo Cimatti

*Paris*

Élise Jasmin

*São Paulo*

Natasha Barzaghi Geenen

### Produção Executiva

Fernanda Engler  
Waleria Alexandrino Dias

### Produção

Marta Masiero  
Bartolomeu Gelpi

### Assistência à Curadoria

Natasha Barzaghi Geenen

### Assistência à Produção

Jacy Has  
Henrique Tadeu da Silva  
Isabela Gatti Pereira Rodrigues  
Nina Standerski

### Produção Belo Horizonte

Zoka Vassalo Costa  
Fátima Guerra  
Cláudia Vassalo Costa

### Projeto de Expografia

*Concepção*

Marta Bogéa e Metrópole Arquitetos

*Assistência*

Julia Pinheiro  
Juliana Barros  
Marcus Vinicius Santos  
Maressa Bronsstein  
Rafael Formigoni

### Projeto de Iluminação

Guilherme Bonfanti  
*Assistência*  
Grissel Piguillem

### Concepção | Produção Gráfica

Via Imprensa Edições de Arte  
Carlos Magno Bomfim  
*Direção de Arte*  
Paulo Otávio  
*Editoração*  
Denis Zucherato  
Emerson Brito  
Claiton Policarpo  
William Ferreira  
*Revisão Técnica*  
Ricardo Mendes

### Montagem

OPA! Cenografia e Montagem

### Instalação de Obras

*Coordenação*

Rafael Soares

*Montagem*

Alessandro Lima

Carlos Pedrosa

Lilian Medeiros

Sérgio Arruda

Raquel Isidoro

### Equipe Técnica de Conservação

*Espaço*

Laboratório de Ciência da Conservação – Lacicor

Centro de Conservação e Restauração de

Bens Culturais Móveis – Cecor, Escola de Belas-Artes

*Coordenação Geral*

Prof. Luiz A.C. Souza

*Coordenação Executiva*

Prof. Willi de Barros Gonçalves

Prof. Alessandra Rosado

*Obras*

Grupo Oficina de Restauo Ltda.

Rosangela Reis Costa

Maria Regina Reis Ramos

Adriano Reis Ramos

*Assistência*

Mauro do Espírito Santo de Souza

### Projeto Educativo

Rachel Vianna

### Ação Educacional

*Coordenação*

Mailine Bahia

*Equipe*

Maria Emilia Abreu Carneiro

Fernanda Faria Rodrigues

Caio Cardoso Correa

Radharani Lenine Costa Campos

*Educadores*

*Supervisão*

Paola Andrezza Bessa Cunha

*Equipe*

Ângelo Celso Rocha Carvalho

Fabiana de Castro Oliveira

João Paulo Andrade

Fernanda Cardoso de Albuquerque

Ane Elise Fernandes dos Santos

Mário Alves de Oliveira Júnior

Bruna Finelli Duarte

Elaine Belomo Galetti

### Transporte

Millenium Transportes e Logística

### Seguro

J.M.S. Administrações e Corretagem de Seguros  
Liberty Seguros

### Assessoria de Imprensa

REDE Comunicação de Resultado

Flávia Rios

Renata Monteiro

Polliane Eliziário

Poliane Brandão

ECCO Escritório de Consultoria e Comunicação

Silvania Dal Bosco

Marcela Brandão

Ana Paula Ruiz

### Atendimento grupo Ink

Rodrigo Villarinho

## CATÁLOGO

### Realização | Edição

Base7 Projetos Culturais  
Arnaldo Spindel  
Maria Eugênia Saturni  
Ricardo Ribenboim

### Coordenação Editorial

Tatiana Sampaio Ferraz  
Renata Viellas Rödel

### Coordenação de Produção

Elena Grosbaum

### Produção

Marta Masiero  
Waleria Alexandrino Dias

### Assistência de Produção

Henrique Tadeu da Silva  
Isabela Gatti Pereira Rodrigues

### Tradução

B&C Revisão de Textos

### Revisão da Língua Francesa

Renata Viellas Rödel  
Tatiana Sampaio Ferraz

### Revisão da Língua Portuguesa

Marca-Texto Editorial

### Fotografias

Alexandre Santos Silva: pp. 181, 186, 187, 188  
Comitê Chagall: pp. 19, 29, 42, 43a, 47, 163, 164, 170a, 170b, 172, 175a, 175b  
Falcão Junior: p. 63a  
Fondation Pierre Gianadda: pp. 64a, 71a, 71b  
Fundação Cultural Ema Gordon Klabin: p. 61  
Jaime Acioli: pp. 185, 189  
Luciano Momesso: pp. 179, 192a, 192b, 195b  
Luis Hossaka: pp. 193, 197, 198a, 199  
Museo Thyssen-Bornemisza: p. 24  
Nicolas Wilmouth: pp. 97 a 161  
Otávio Maia: p. 191  
Prolith S.A.: pp. 77 a 95  
RMN / Gerard Blot: p. 17  
Romulo Fialdini: pp. 56, 57, 58, 64b, 66, 67, 72, 73a, 73b, 74a, 74b, 75a, 75b, 180, 182, 183, 184, 190  
Sarath Pitigala: pp. 59, 60, 63b, 65, 68a, 68b, 69  
Sergio Guerini: pp. 194, 195a, 196, 198b  
Stedelijk Museum: p.43b  
Tate, London: p. 21  
The Granger Collection: p. 39  
The Tretyakov Gallery: pp. 15, 18, 20, 26, 27, 31  
Vicente de Mello: p. 70

### Digitalização | Tratamento de Imagens

Motivo Processamento, Imagem e Criação  
Ricardo Irineu de Sousa

### Concepção | Produção Gráfica

Via Imprensa Edições de Arte  
Carlos Magno Bomfim  
*Direção de Arte*  
Paulo Otávio  
*Editoração*  
Denis Zucherato  
Emerson Brito  
Claiton Policarpo  
William Ferreira  
*Revisão Técnica*  
Ricardo Mendes

### Impressão

Ipsis Gráfica e Editora



## **PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Luiz Inácio Lula da Silva

## **MINISTRO DE ESTADO DA CULTURA**

Juca Ferreira

## **PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS**

José do Nascimento Júnior

## **DIRETORA DO MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES**

Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo

## **GABINETE DA DIREÇÃO**

Adilson da Silva  
Reginaldo Tobias  
Zuzana Paternostro  
José Antônio Patané Filho (apoio)  
Jovelino Roque Filho (apoio)  
Lusia Soares (apoio)  
Robson Simões de Carvalho (apoio)  
Aline Carreiro  
Celeste Campos  
Janayna Oliveira Braga

## **ASSESSORIA DE IMPRENSA**

Nelson Moreira Júnior (chefe)  
Fernanda de Moraes Nascimento  
Fábio Dias do Amaral Cardoso (estagiário)

## **DIVISÃO TÉCNICA**

Laura Maria Neves de Abreu (chefe)  
Bárbara de Mello Sarmento  
Altair Raimundo Dantas (apoio)

## **SEÇÃO DE PINTURA BRASILEIRA**

Pedro Martins Caldas Xexéo (curador)  
Cláudia Regina Alves da Rocha

## **SEÇÃO DE PINTURA ESTRANGEIRA**

Yara de Moura (curadora)  
Adriana Mattos Clen Macedo

## **SEÇÃO DE ESCULTURA**

Mariza Guimarães Dias (curadora)  
Alexandre Henrique Monteiro Guimarães

## **GABINETE DE GRAVURA**

Laura Maria Neves de Abreu (curadora)  
Amanda Córdova F. Gomes  
Marisa Rodrigues

## **SEÇÃO DE DESENHO**

Pedro Martins Caldas Xexéo (curador)  
Mayra Morgado

## **SEÇÃO DE ARTE DECORATIVA**

Anáildo Bernardo Baraçal (curador)  
Amauri Rodrigues Dias

## **SISTEMA DE INFORMAÇÕES DO ACERVO DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES – SIMBA**

Valter Gilson Gemente (chefe)  
Patrícia Bezerra Leite

## **REGISTRO**

Cirlei Gonçalves da Rocha Vianna  
Jane Lúcia Vieira Ritter  
Carlos Henrique Gomes da Silva

## **NÚCLEO DE IMAGEM**

Vicente Oliveira do Carmo (chefe)  
Amândio Miguel dos Santos

## **BIBLIOTECA E MEDIATECA MANUEL DE ARAÚJO PORTO ALEGRE**

Mary Komatsu Shinkado (chefe)  
Ângela Cirene Teles do Carmo  
Jadir Pinheiro de Souza (apoio)  
Júlia Turano  
Márcia Loureiro Pires Rebelo  
Vicência Lima Mendes

## **COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**

Sheila Salewski (chefe)  
Edemilson Barbosa (apoio)  
Cláudia Machado Ribeiro

## **EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**

Cinda Lúcia M. Nascimento de Alcântara  
Henrique Guilherme Guimarães Viana

## **EDUCAÇÃO**

Rossano Antenuzzi de Almeida (chefe)  
José Rodrigues Neto

## **DIFUSÃO CULTURAL**

Andréa Martha Pedreira (chefe)  
Lula Perez

## **NÚCLEO DE ÁUDIO E VÍDEO**

Sérgio Luiz Souza de Alcântara (chefe)  
Jorgival Freire

## **COORDENAÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO**

Nancy de Castro Nunes (chefe)

## **RESERVA TÉCNICA**

Nilsélia Maria Monteiro Campos Diogo (chefe)  
Alessander Batista de Souza  
Cleide Maria da Conceição Martins  
Juliana Silva Matos (estagiária)  
Vinicius Avelino Mendes dos Santos

## **RESTAURAÇÃO PINTURA**

Eli Amaral Muniz (chefe)  
Cristina Moura Bastos  
Elizabeth Martelletti Grillo Pereira  
Geisa Alchorne de Souza  
Viviane Teixeira Silveira

## **RESTAURAÇÃO PAPEL**

Nancy de Castro Nunes (chefe)  
Valéria Garcia Sellanes

## **RESTAURAÇÃO ESCULTURA E MOLDURA**

Eli Amaral Muniz (chefe)  
Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro  
Fernando Silva Ferreira de Almeida  
Manuela Pita dos Santos

## **DIVISÃO ADMINISTRATIVA**

Cláudia Lúcia de Souza Moura Santos (chefe)

## **FINANCEIRO**

Mário Luiz Degle Esposte  
Delacy de Melão

## **RECURSOS HUMANOS**

Cláudia Regina Pessino

## **ALMOXARIFADO/PATRIMÔNIO**

João Carlos Campello Esteves  
Waldir Luiz Lane

## **APOIO ADMINISTRATIVO**

Ana Carolina Gomes Marvila  
Carlos Henrique da Costa Correa  
Charles André de Oliveira Rangel  
Demétrius G. S. P. Soares  
Fátima Martingil Loroza  
Gabriela Sarmento  
Lúcio Roberto Mello Machado  
Luís Carlos Alves Bezerra  
Luiz Silva de Mendonça  
Mário Luís Pinto Rodrigues  
Paulo Roberto da Silva Gomes  
Sheila Maria Souza da Silva

## **SEGURANÇA INTERNA**

Hindheburgo Alves da Silva (chefe)  
Evandro Mandu da Silva  
Ilmar de Barros Albuquerque  
Janilson dos Santos Vieira  
Juvenal da Costa Valadares  
Wagner Vasques

## **APOIO OPERACIONAL**

Armando Carvalho Manhães  
Bruno da Silva Fernandes  
Carlos Augusto Lourenço  
João Batista Silva  
João Rodrigues  
José Marinheiro Irmão  
Luís Carlos Gonçalves dos Santos  
Moacir Santos Silva

## **SERVIÇOS CONTRATADOS**

SL Mandic Projetos e Construção Civil Ltda.  
Transegur Vigilância e Segurança Ltda. – Segurança  
Unirio Manutenção e Serviços Ltda. – Limpeza  
Cardeal – Construções, Comércio e Serviços Ltda.

## **CONSELHO CONSULTIVO DO MNBA**

Cláudia Lúcia de Souza Moura Santos  
Laura Maria Neves de Abreu  
Nancy de Castro Nunes  
Nelson Moreira Júnior  
Pedro Martins Caldas Xexéo  
Rossano Antenuzzi  
Sheila Salewski

## **ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS – PRÓ-BELAS-ARTES**

Carlos Roberto Vieira (presidente)  
Ivan Coelho de Sá (vice-presidente)  
Cecília Fernandez Conde (diretora financeira)  
Jussara Galleguillos (assistente da diretoria)  
Eliane Nascimento (secretária)  
Marina Araújo (apoio)

### **Agradecimentos**

Agradecemos a todos aqueles que colaboraram, no Brasil e no exterior, para tornar possível esta exposição, notadamente, Ana Helena Curti, Arnaldo Grebler, Bia Bitelman, Bouquinerie de l'Institut na figura de Yves Lebouc, Christine E. Stauffer, Cigno GG Edizioni por meio de Lorenzo Zichichi e Olga Strada, Claudio Pereira, Comissariados do Ano da França no Brasil, nas pessoas dos seus Presidentes Danilo Santos de Miranda e Yves Saint-Geours, além de Anne Louyot, Aurea Leszczynski V. Gonçalves e Moema Salgado, Dan Fialdini, Daniela Bousso, Denise Mattar, Embaixada da França no Brasil nas pessoas do Embaixador Antoine Pouillieute e do Conselheiro de Cooperação e Ação Cultural Pierre Colombier, Ekaterina Selezneva, Élise G. Jasmin, Fulvia Leirner, Fundação Bienal de São Paulo por intermédio de Adriana Villela Carneiro e Maria Rita Marinho, Gracindo Junior, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na figura de seu presidente Luis Fernando de Almeida e de Fernanda Pereira, James Lisboa, José Antonio de Medeiros, José Roberto Teixeira Leite, Marcelo Mattos Araújo, Maria Alice Milliet, Marlyse Meyer, Max Perlingeiro, Miguel Frias, Ministério da Cultura na pessoa do Ministro Juca Ferreira e de seu diretor de Relações Internacionais Marcelo Dantas, Peter Cohn, Roberto Dávila, Torcular S.r.l por meio de Pier Paolo Cimatti, Marco Pettinà e Asmerino Pantoni.

Somos gratos também à colaboração de Ana Brant, Ana Luísa Veloso, APPA - Associação Pro-Cultura Palácio das Artes, Carolina Arantes, Cassiana Rejane de Souza, Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, Damião Rocha Moreira, Deiglesson Cirilo da Silva, Eduardo Vasconcelos, Eliana Oliveira, Elisa Leite, Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte - BH Trans, Escola Guignard, Gladyston Souza Marques, Iveco Latin América, Joana Braga Reis, José Aliano, Júlia Agostini Guimarães, Luciana Maluf, Marcelo Alencar, Márcio França Baptista de Oliveira, Márcio Jannuzzi, Márcio de Lima Leite, Pedro Henrique Rubião do Val Maciel, Petterson Guerra, Polícia Militar de Minas Gerais, On Projeções, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Prefeitura Municipal de Nova Lima, Rafaela Possa Stanigher, Roberto Baraldi, Shirley Campos, Suviril, Thiago Somavilla, Valmir Elias, Yuri Lauar.

### **Agradecimentos especiais**

Ao Comitê Chagall, na pessoa da Sra. Meret Meyer e às instituições que nos cederam suas obras: Fondation Pierre Gianadda de Martigny - Suíça , Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, Fundação José e Paulina Nemirovsky, Galleria Tega de Milão, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Museu de Arte Assis Chateaubriand de Campina Grande, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Museu Lasar Segall - Ibram/MinC, Pskov National Museum of History, Architecture and Fine Arts, por intermédio de seu diretor geral, Yuri Kiselev e de Valerij Dudakov, Tatiana Gubanova, da curadora Liudmila Kvashnina e da restauradora Inna Solovova, The State Tretyakov Gallery de Moscou, através de seu diretor geral, Valentin Rodionov, da curadora chefe do departamento de relações internacionais e exposições internacionais. A Adolpho Leirner, Breno Krasilchik, Christine Stauffer, Giulio Tega, Hecilda e Sergio Sahione Fadel, Katy Borger, Leopoldo Tega, Maria Inês e Salo Kibrit, Orandi Momesso, Paulo Kuczynski, Simão Mendel Guss, e todos os demais colecionadores que gentilmente colocaram suas obras à disposição do público, nesta exposição.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

---

O Mundo mágico de Marc Chagall : o sonho e a vida /  
curadoria Fabio Magalhães ; [ tradução B&C  
Revisão de textos] . -- São Paulo : Base Sete  
Projetos Culturais, 2009.

“Realização Casa Fiat de Cultura e Base Sete  
Projetos Culturais”  
ISBN 978-85-62094-05-7

1. Arte – Exposições – Catálogos 2. Arte  
moderna – Século 20 3. Chagall, Marc, 1887-1985  
4. Chagall, Marc, 1887-1985 – Exposições  
5. Pintores – Rússia (Federação) I. Magalhães, Fabio.

09-06874

CDD 759.7

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Pintores russos : Exposições : Catálogos  
759.7



Legendas capa e páginas iniciais

capa  
MARC CHAGALL  
Les Mariés aux trois musiciens  
[Os Noivos e os três músicos]  
1972-77  
óleo e nanquim sobre tela  
55 x 46,2 cm  
Coleção Simão Mendel Guss, Brasil

contra capa  
MARC CHAGALL  
Série Dafne e Cloé  
Chloé vêtue et coiffée par Cléariste  
[Cloé vestida e penteada por Cléariste]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 38 cm  
Coleção particular, França

p. 6  
MARC CHAGALL  
Série A Biblia  
L'Arc en ciel  
[O Arco-íris]  
1956  
água-forte aquarelada sobre papel,  
54/100  
54,2 x 39,5 cm  
Coleção particular, França

p. 8  
MARC CHAGALL  
Le Printemps ou Le Bouc au violon  
[A Primavera ou O Bode com violino]  
1938  
aquarela e pastel sobre cartolina  
sobre papelão  
64 x 48,3 cm  
Coleção MAC-USP, São Paulo, SP

p. 10  
MARC CHAGALL  
Série As Fábulas de La Fontaine  
L'Avare qui a perdu son trésor  
[O Avarento que perdeu seu tesouro]  
1952  
água-forte aquarelada sobre papel  
39 x 30,2 cm  
Coleção particular, França

p. 12  
MARC CHAGALL  
Série Dafne e Cloé  
Songe de Lamon et de Dryas  
[Sonho de Lamon e de Dryas]  
1961  
litografia em cores sobre papel  
53,8 x 37,9 cm  
Coleção particular, França

Este catálogo foi composto em fonte Frutiger e Zurich.

Miolo em  
Couché Matte 150 g/m<sup>2</sup>  
fabricado pela Cia. Suzano de Papel e Celulose.

Capa em  
Supremo Duo Design 350 g/m<sup>2</sup>  
fabricado pela Cia. Suzano de Papel e Celulose.

São Paulo, Brasil, 2009.